

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**MORTE E VIDA JOÃO PESSOA:**  
**IMAGINÁRIO SOCIAL E COTIDIANO NOS DISCURSOS JORNALÍSTICOS**

**FLÁVIA LOPES SALES DO NASCIMENTO**  
**LINHA DE PESQUISA: MÍDIA, COTIDIANO E IMAGINÁRIO**

**JOÃO PESSOA**

**2019**

**FLÁVIA LOPES SALES DO NASCIMENTO**

**MORTE E VIDA JOÃO PESSOA:  
IMAGINÁRIO SOCIAL E COTIDIANO NOS DISCURSOS JORNALÍSTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, área de concentração Comunicação e Culturas Midiáticas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Mídia, Cotidiano e Imaginário

Orientadora: Professora Dra. Eunice Simões Lins

**JOÃO PESSOA**

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

N244m Nascimento, Flavia Lopes Sales do.

MORTE E VIDA JOÃO PESSOA: IMAGINÁRIO SOCIAL E COTIDIANO  
NOS DISCURSOS JORNALÍSTICOS / Flavia Lopes Sales do  
Nascimento. - João Pessoa, 2019.  
150 f.

Orientação: Eunice Simões LINS.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Imaginário. Vida. Morte. Jornalismo. Cotidiano. I.  
LINS, Eunice Simões. II. Título.


UFPB/BC

FLÁVIA LOPES SALES DO NASCIMENTO

MORTE E VIDA JOÃO PESSOA:  
IMAGINÁRIO SOCIAL E COTIDIANO NOS DISCURSOS JORNALÍSTICOS

João Pessoa, 12 de fevereiro de 2019

BANCA EXAMINADORA




Professora Dra. Orientadora Eunice Simões Lins

Membro interino – UFPB- PPGC



Professor Dr. Bertrand de Souza Lira

Membro interino – UFPB- PPGC

  
Professora Dra. Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro Moita

Membro externo- UEPB

[...]a imagem tal como a vida não se aprende:  
manifesta-se.

Durand (2012, p.411)

## **AGRADECIMENTOS**

Gratidão a Deus e a Meishu-Sama pelo ânimo da vida e pela mínima compreensão necessária para entender que o mundo é muito mais do que banais materialidades.

Gratidão eterna a meus pais, meus antepassados, familiares, amigos e outros mestres da vida.

Agradecimento especial aos professores que guiaram meus estudos à luz, principalmente à minha orientadora Eunice Simões, ao professor Wellington Pereira e à banca examinadora, que a este trabalho dedicaram tanta atenção e cuidado.

## RESUMO

O conceito de imaginário social pode ser compreendido como um conjunto de símbolos e signos produzidos em determinado espaço sócio cultural. São referências culturais e simbólicas grupais, que representam determinada sociedade. Para Gilbert Durand, o imaginário assemelha-se a uma bacia semântica, uma metáfora que se utiliza da fluidez das águas para representar a potencialidade dos imaginários de espalhar conceitos e conhecimentos. Tudo que coopera, colabora e influencia a produção de conhecimento dos seres sociais pode interferir nas construções dos repertórios simbólicos dos imaginários sociais. Assim, utilizamos a gramática do trajeto antropológico do imaginário, de Durand, como teoria e metodologia para compreender como o imaginário social da cidade de João Pessoa é representado nos discursos midiáticos veiculados em dois grandes jornais locais: Jornal A União e Jornal Correio da Paraíba. Essa pesquisa teve como objetivo identificar as imagens de vida e de morte da cidade de João Pessoa nos discursos midiáticos, catalogando-as através dos Regimes Diurno e Noturno das imagens do trajeto antropológico do imaginário. As imagens de vida são compreendidas como imagens discursivas (formadas pelos textos) e icônicas (fotografias, ilustrações etc.) que revelavam agitação e movimento da cidade, que podem ser vistas tanto de forma negativa como de forma positiva. Já as imagens de morte (discursivas ou icônicas) são compreendidas como imagens relativas à morte propriamente dita, ou a morte simbólica da cidade de João Pessoa, representando um caos evidente, causando um desencanto simbólico da cidade. Com o método quantitativo da Análise de Conteúdo foram coletados 254 textos noticiosos que tratavam sobre a cidade de João Pessoa para identificar essas imagens e verificar em quais regimes das imagens (diurno ou noturno) essas notícias ou reportagens se conectavam. No geral, foram encontradas mais imagens de vida (59,1%) do que imagens de morte (24,8%) nos textos noticiosos. Além disso, a maioria dos textos noticiosos apresentaram características do Regime Diurno (61,8%) em comparação com o Regime Noturno (29,1%). Isso revela um panorama geral de como a cidade de João Pessoa é representada nesses discursos jornalísticos: apesar de cidade de luz e de vida, esse centro urbano é axiomático, contraditório e paradoxal, pois, no decorrer da pesquisa, percebemos que existe vida em meio ao caos e existe morte que passa a sensação de calmaria. Logo, os conceitos de vida e de morte são subjetivos e nem sempre podem ser compreendidos de maneira maniqueísta como costuma-se interpretar, o que pode ser notado no decorrer desta pesquisa sobre o Imaginário social da cidade de João Pessoa.

**Palavras-chave:** Imaginário. Vida. Morte. Jornalismo. Cotidiano.

## ABSTRACT

The social imaginary concept could be understood as a group of signs and symbols produced in a cultural and social area. The cultural references and symbolical on groups are what gives an identify to a society. For Gilbert Durand, the Imaginary resembles to a 'semantic bowl', as a metaphor that uses the water fluidity to represent the potentiality of imaginary to spread out concepts and knowledge. Everything that interacts, cooperates and influences the production of knowledge of the social beings can be an interference to the symbolic social imaginary. So then, the anthropological imaginary grammar its used for understandings, from Durand, as theory and methodology for comprehension how the social imaginary of João Pessoa city have been represented in the two most known local presses: Jornal A União and Jornal Correio da Paraíba. This question above, had as main objective to identify the images of life and death on João Pessoa's at Newspapers press, and cataloging them onto two ways, night and day regimes from the images of the anthropological imaginary path. The images of life are among on groups as discursive images (texts) and iconic (images and pictures etc.) that shows movement of the city, which can be seen both as negatively and positively. But the images of death (discursive or iconic) are understanding as images related to death as well known, or the symbolical death of João Pessoa, representing a chaos, causing a symbolical disenchantment of the city. With the quantitative method of the analysis of the content 254 newspapers texts that spoken about João Pessoa were collected, to verify these images in which regime it's been connected. At general have been found more life images (59,1%) than death images (24,8%) on the News. Besides that, mostly of the texts showed day regime characteristics (61,8%) and night regime (29,1%) what brings a larger panorama of how João Pessoa it's been show on these press medias: despite being a city of light and life, this urban center is axiomatic, contradictory and paradoxical, because in the course of the research we found that there is life in the middle of chaos and also there is death that gives a feeling of calm. So , the concepts of life and death are subjective and isn't Always that they could be understood a maniqueism form, how it normally happens, it's this way found on this research about João Pessoa social imaginary's itself.

**Key words:** Imaginary. Life. Death. Journalism. Daily.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Mapa mental sintético com a estrutura antropológica do imaginário por Durand (2012).....	34
<b>Figura 2:</b> Notícia: 177 kg de droga apreendidos.....	78
<b>Figura 3:</b> Reportagem: Ponto dos engraxates sofre com descaso.....	79
<b>Figura 4:</b> Notícia: Equipes da Emlur realizam ação de limpeza nos cemitérios de JP.....	80
<b>Figura 5.</b> Reportagem: Trauma realiza trabalho de identificação de pacientes.....	81
<b>Figura 6.</b> Reportagem: Câmeras flagram mais de 500 carros em fila dupla na capital.....	82
<b>Figura 7.</b> Reportagem: População elege presentes para JP.....	83
<b>Figura 8.</b> Reportagem: Bombeiros vistoriam parques, hoje.....	84
<b>Figura 9.</b> Reportagem: Na PB, 39,3% saem da pobreza.....	89
<b>Figura 10:</b> Reportagem “Número de mortes cai 10%”.....	90
<b>Figura 11.</b> Reportagem: ‘Língua presa’ dificulta mamada.....	92
<b>Figura 12.</b> Reportagem: Pessoense garante que cidade é a melhor para se viver.....	93
<b>Figura 13.</b> Notícia: Bancos fecham e lojas podem abrir.....	94
<b>Figura 14.</b> Reportagem: A Capital completa 432 anos.....	96
<b>Figura 15.</b> Notícia: Polícia Civil registra dois assassinatos na Grande JP.....	101
<b>Figura 16.</b> Notícia: Bando explode caixas eletrônicos do Santander no centro da capital....	103
<b>Figura 17.</b> Reportagem: Casarões abandonados põem em risco população da capital.....	104
<b>Figura 18.</b> Notícia: Parque das Acácias vai realizar missa e culto no Dia dos Pais.....	105
<b>Figura 19.</b> Reportagem: O adeus à colunista social do jornal A União, Goretti Zenaide.....	106

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Livro de códigos.....	62
<b>Quadro 2.</b> Ano de publicação .....	66
<b>Quadro 3.</b> Data da publicação.....	67
<b>Quadro 4.</b> Lugar da informação no jornal.....	68
<b>Quadro 5.</b> Informação abre seção de Cidades?.....	68
<b>Quadro 6.</b> João Pessoa é cenário principal?.....	68
<b>Quadro 7.</b> Texto fala de outras cidades/regiões?.....	69
<b>Quadro 8.</b> Informação contém imagem?.....	69
<b>Quadro 9.</b> Tipo de imagem .....	69
<b>Quadro 10.</b> Imagens de vida e de morte.....	74
<b>Quadro 11.</b> Tabulação cruzada entre imagens de vida e morte e lugar da informação.....	74
<b>Quadro 12.</b> Regime da Imagem.....	75
<b>Quadro 13.</b> Tabulação cruzada: Imagens de vida e morte x Regime da imagem.....	77
<b>Quadro 14.</b> Tabulação cruzada: Imagens de vida x Regime da imagem.....	88
<b>Quadro 15.</b> Tabulação cruzada: Imagens de morte e Regime da imagem.....	101
<b>Quadro 16.</b> Frequência das publicações no Jornal.....	116
<b>Quadro 17.</b> Tabulação cruzada entre Jornal x imagens de vida e de morte.....	116
<b>Quadro 18.</b> Tabulação cruzada entre Jornal x Regime da imagem.....	116
<b>Quadro 19.</b> Tabulação cruzada: Títulos x Regime da Imagem.....	117
<b>Quadro 20.</b> Tabulação cruzada: Títulos x Imagens de vida e de morte.....	134

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	UMA CAMINHADA PELO TRAJETO ANTROPOLÓGICO DO IMAGINÁRIO.....	19
3	O IMAGINÁRIO SOCIAL E O COTIDIANO.....	36
4	UMA PERSPECTIVA SENSÍVEL PARA OS DISCURSOS JORNALÍSTICOS.....	48
5	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	56
6	JOÃO PESSOA É PAUTA .....	63
7	A FUNÇÃO FANTÁSTICA DAS IMAGENS.....	71
8	IMAGENS DE VIDA E MORTE SIMULTÂNEAS.....	77
9	AS IMAGENS DE VIDA.....	86
10	AS IMAGENS DE MORTE.....	97
11	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
	REFERÊNCIAS.....	113
	APÊNDICE A- Quadro 16. Frequência das publicações no jornal.....	116
	APÊNDICE B- Quadro 17. Tabulação cruzada entre jornal x imagens de vida e de morte.....	116
	APÊNDICE C- Quadro 18. Tabulação cruzada: jornal x Regime da Imagem.....	116
	APÊNDICE D- Quadro 19. Tabulação cruzada: Títulos x Regime da Imagem.....	117
	APÊNDICE E – Quadro 20. Tabulação Cruzada: Títulos x imagens de vida e de morte.....	134

## 1 INTRODUÇÃO

A vida e a morte são obsessões humanas inerentes à noção de tempo -o grande inimigo da sobrevivência eterna. Sobre as pressões da vida e da morte, o ser humano organizou suas narrativas míticas e suas construções simbólicas para explicar o mundo. Viver e morrer são verbos tão intrínsecos à humanidade como o ato de respirar. Vivemos a todo momento e morremos em seguida. Vivemos e morremos de fato, mas muito mais simbolicamente, em praticamente todas as manifestações imaginárias da sociedade. Inclusive nas narrativas midiáticas.

Em uma reportagem publicada no Jornal Correio da Paraíba, intitulada “Doadoras de Vida”, na capa do caderno de Cidades, no dia 01 de agosto de 2014, a narrativa dialoga com arquétipos da vida. O texto inicia com o relato de uma mãe que amamenta tanto seu filho, como também compartilha seu leite materno com várias outras crianças. O apelo discursivo e imagético – a foto de capa da reportagem mostra um bebê sendo amamentado, o líquido do leite escorre pela forma materna representada pelo seio feminino- nos revela a potencialidade discursiva das narrativas jornalísticas em comover com suas representações, mexendo com nosso imaginário. A mãe que amamenta o filho, e filhos de outras pessoas, distribui vida, alimenta a esperança num meio social colaborativo.

No entanto, na mesma editoria de Cidades, na mesma semana, encontramos uma reportagem que quebra com a perspectiva de vida que projetamos. O título “Polícia Civil registra dois assassinatos na grande JP”, publicado no dia 4 de agosto de 2014, mostra de forma crua a realidade da violência no nosso meio social, consolidando o medo generalizado projetado nos centros urbanos e reforçado mais ainda pelos discursos midiáticos.

Essa dualidade das narrativas jornalísticas em curto espaço de tempo, em curtos espaços narrativos, sobre uma mesma cidade, no caso João Pessoa, é frequente nos discursos midiáticos dos cadernos de Cidades. As manchetes dos jornais ora vivem a aurora da esperança e das movimentações intrínsecas do meio social, alimentada por textos e imagens que nos apresentam e representam a vida, ora nos mostram as trevas da morte com narrativas que falam de violência e caos social.

Esse movimento entre luz e sombra, vida e morte, esperança e desesperança nos desperta a curiosidade de compreender essa dinâmica das narrativas jornalísticas sob a perspectiva do imaginário social da cidade de João Pessoa. Lendo os jornais e acompanhando o desenvolvimento urbano da capital paraibana percebemos que a ideia da cidade pessoense foi

construída com imagens controversas, e boa parte da construção desse imaginário da cidade se consolida com os discursos midiáticos veiculados cotidianamente.

Moro em João Pessoa desde os cinco anos de idade e percebi que minha compreensão acerca da cidade se modificou com o passar dos anos. Nos anos 90 era apenas uma cidade pacata, tranquila. Hoje, continua carregando esse estigma, porém, aliado a isso surge a violência<sup>1</sup> urbana e a alta procura turística. Percebi então que a cidade de João Pessoa, antes de ser um conceito estrutural e físico, com valores quantitativos de número de habitantes e área definida geograficamente, é um conceito subjetivo alicerçado num imaginário social, um conjunto simbólico com valores históricos, culturais, cotidianos, entre outros.

Podemos entender muito melhor uma cidade como um organismo social através do imaginário construído ao longo dos anos nos discursos do cotidiano, entre eles os midiáticos. Iniciamos esta investigação com a motivação de compreender essa cidade e suas imagens construídas e desconstruídas diariamente pelos discursos jornalísticos, que colaboram para a consolidação de um universo simbólico local, o imaginário social.

O imaginário social pode ser percebido e compreendido através das produções de discursos emitidos pelo meio social, em que se consolidam representações coletivas de linguagem (BAZCKO citado por MORAES, 2009, p. 4). Os discursos produzidos no âmbito jornalístico se enquadram aí. Com a noção de que as notícias procuram representar a realidade e também reconfigurar essa representação quando se apresentam nos textos jornalísticos, podemos compreender que o jornalismo, enquanto produto que procura retratar os fatos sociais, busca no imaginário social a base de seus discursos. É do cotidiano que se alimenta os seus textos, procurando representar e apresentar diariamente o que se passa na vida real.

Para Castoriadis (2000), o conceito de imaginário social está atrelado aos símbolos sociais e à própria prática de fazer o social, tudo isso dá sentido à realidade que construímos. Nessa perspectiva, podemos encarar a prática jornalística como uma dessas formas de construção da realidade através de discursos mediatizados. O jornalismo mostra-se como um espaço que aglomera discursos de vários nichos da sociedade, conectando interações simbólicas e representatividades de sujeitos sociais, o que contribui para construções narrativas e percepções de mundo acerca de determinada localidade.

---

<sup>1</sup> João Pessoa aparece no ranking das cidades mais violentas do mundo, de acordo com organização da sociedade civil mexicana Segurança, Justiça e Paz, que realiza levantamentos anuais cruzando dados entre as taxas de homicídios por 100 mil habitantes. A notícia pode ser verificada no link : <https://www.portalt5.com.br/noticias/paraiba/2018/3/64876-joao-pessoa-e-campina-grande-estao-entre-as-cidades-mais-violentas-do-mundo> , acesso em 17 de fevereiro de 2019.

Para Michel Maffesoli (2003), o sentido de imaginário social conecta-se à ideia de comunicação, que une culturas e tribos através de símbolos, e que pode ser entendido como um “cimento social” que conecta as sociedades através de um conhecimento conjunto. Já para Durand (2004) pode ser compreendido como uma “bacia semântica”, um depósito de conhecimento compartilhado por muitos, com suas diversas fases de extensão simbólica.

Apesar de conceitos diferenciados, a maioria das definições se assemelham em um ponto: o imaginário social é uma força que ajuda a regular a vida em coletividade, e seu sentido está sempre atrelado a referências simbólicas sociais.

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e sociais. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais (BACZKO citado por MORAES, 2009, pp. 3-4).

Trazer o conceito de imaginário social para a prática jornalística se faz necessário para compreendermos a potencialidade dos discursos jornalísticos em representarem esse imaginário social e ainda influenciar a sociedade através dessa produção de sentido que se faz diariamente.

Ao ler uma notícia, o leitor conecta-se a um imaginário que remete a determinado espaço-tempo. Por essas narrativas, os seres sociais conseguem se localizar não só temporalmente, mas informacionalmente, o que acaba por gerar identificações com a realidade em que vivem.

Partimos do pressuposto de que a cidade de João Pessoa vive, atualmente, uma realidade simbólica de duas máscaras. Ao mesmo tempo em que é conhecida nacionalmente como um lugar de pacata tranquilidade para se viver, os jornais locais nos mostram uma realidade permeada por violências e mortes nos cadernos de Cidades.

João Pessoa continua sendo apontada como uma das cidades nordestinas mais procuradas para se viver<sup>2</sup>. Mas, o mesmo município que sustenta um estigma de tranquilidade e calma, na representação dos discursos jornalísticos apresenta-se por enunciados que nos mostram um cotidiano de irrupção e conflitos, como já mencionamos. A representação da cidade vive, então, sob a luz da vida e à sombra da morte nos discursos midiáticos.

Diversos estudos já foram realizados sobre a cidade de João Pessoa, desde levantamentos históricos a estudos relacionados a contextos sociais, culturais e antropológicos

---

<sup>2</sup> De acordo com levantamento realizado pela consultoria Macroplan, divulgado pela Revista Exame, em abril de 2017, João Pessoa está entre as 100 melhores cidades para se morar. <https://exame.abril.com.br/brasil/o-ranking-do-servico-publico-nas-100-maiores-cidades-do-brasil/>, acesso em 17 de fevereiro de 2019.

da região. No entanto, procuramos, através dessa pesquisa, identificar as imagens de vida e de morte que compõem o imaginário social de João Pessoa apresentadas nos discursos dos jornais locais. Utilizamos como subsídio teórico interpretativo as estruturas antropológicas do imaginário de Gilbert Durand como metodologia que nos ajuda nesse processo de investigação documental.

Para tanto, selecionamos a pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, bem como exploratória e bibliográfica com referências dos teóricos sobre estudos do cotidiano, imaginário e jornalismo. Realizamos fichamentos e revisão bibliográfica que nos deram suporte para o estudo.

Esta pesquisa tem caráter documental pois se fundamenta na identificação dessas imagens de vida e de morte no material empírico de periódicos, os cadernos de Cidades dos jornais A União e Correio da Paraíba, tendo como recorte as semanas comemorativas do aniversário da cidade de João Pessoa, de 2013 a 2017, por entendermos ser um período em que a cidade está em relevância.

Partimos do método dedutivo de que os jornais representam a imagem da cidade de João Pessoa como um lugar de incoerências, de antífrases e antíteses entre vida e morte para identificar essas imagens do imaginário social da cidade.

A coleta de dados foi subsidiada com o método quantitativo da Análise de Conteúdo, a qual colaborou para a contagem das imagens de vida e de morte nos textos noticiosos e o levantamento de cruzamento de dados entre essas imagens e outras informações que nos possibilitaram uma interpretação mais aprofundada, como, por exemplo, as relações dessas imagens com os regimes da imagem (Diurno ou Noturno) categorias de identificação simbólicas e arquetípicas do trajeto antropológico do imaginário de Durand (2012). Essa metodologia qualitativa e interpretativa, funcionou, para esta pesquisa como uma gramática para a compreensão do imaginário.

Os conceitos dos dois regimes Diurno (RD) e o Noturno (RN) serão conceituados com maior especificidade mais à frente desta pesquisa, mas para uma compreensão prévia podemos entender esses conceitos de acordo com a leitura de Silva (2010):

Na base da organização das imagens, o autor percebe duas fundamentações, ou dois regimes: o diurno (da posição, das armas, do masculino, da elevação e purificação) e o noturno (da nutrição, do feminino, do ciclo). O regime diurno seria o das oposições, das separações, divisões, lutas, e o noturno seria o das conciliações, unificações, complementações. Nessas convergências e cruzamentos, Durand postula certos protocolos normativos das representações imaginárias, agrupados em estruturas – estruturas implicadas em dinamismo transformador (SILVA, 2010, p.8).

Para nossa pesquisa, a concepção dos Regimes Diurno e Noturno foi necessária para conseguir identificar os símbolos relacionados às ideias de vida e de morte nas narrativas jornalísticas.

A teoria do imaginário de Gilbert Durand é fundamentada em argumentos e referências sob um olhar antropológico da sociedade. Os estudos antropológicos sob uma perspectiva midiática já acontecem desde o início do século XX, iniciado com a Escola de Chicago, que voltava seu olhar para o meio urbano estudando sua relação com a mídia a partir de trabalhos baseadas em metodologias etnográficas. Logo, unir jornalismo e imaginário nessa perspectiva antropológica é processo justificável, relevante e até necessário.

A antropologia também se conecta com outra parte teórica utilizada nesta pesquisa: os estudos do cotidiano. Estas pesquisas buscam compreender o cotidiano pela ótica do sujeito, do senso comum, da intersubjetividade, da interação, do conflito e do mundo da vida. Esses conceitos são heranças de uma sociologia compreensiva, notadamente difundida por Max Weber e aprimorada com os diversos estudos sobre o cotidiano no decorrer do século XX, com destaque para o interacionismo simbólico, que nasceu nos Estados Unidos na década de 1960, orientados por Goffman, Garfinkel, Cicourel; a etnometodologia fundamentada por Garfinkel; e o formismo de Michel Maffesoli.

Por isso, no decorrer dessa investigação, utilizamos conceitos dos estudos do cotidiano para a compreensão da produção simbólica midiática, consolidando a pesquisa com referências que nos ajudam a compreender os discursos midiáticos sob uma perspectiva sensível e não puramente racionalista, como nos guia epistemologicamente o sociólogo Maffesoli.

O cotidiano de determinada localidade pode ser captado na leitura dos jornais, e compreendemos que os cadernos de Cidades são locais onde encontramos uma maior pluralidade simbólica, por isso foram selecionados como objeto de estudo, pois entendemos que o nascedouro da prática jornalística sempre foi o centro urbano. O jornalismo nasceu para noticiar os fatos locais e assim foi se estabelecendo como um suporte informacional que ajuda os habitantes de determinada localidade a conhecer os acontecimentos do seu espaço social e de outros espaços também. O cenário das notícias jornalísticas tem sempre uma cidade. É importante localizar o leitor no discurso enunciado.

Assim como a cidade é terreno de grande importância para o jornalismo, ela o é igualmente para a sociedade em geral. Observando as páginas dos jornais, podemos dizer que a própria ideia que a sociedade possui de uma cidade e de sua organização está ali refletida. O fazer jornalístico articula o cotidiano a partir da pluralidade da cidade e estabelece maneiras de pensar e transmitir conhecimentos que ali ocorrem. Tais “pensamentos jornalísticos”, quando extrapolados para além do discurso verbal, podem ser facilmente reconhecidos em outras formas discursivas presentes na



materialidade do jornal, tais como fotografias, desenhos gráficos etc. (TAVARES e VAZ, 2005, p. 53).

É na cidade, nesse espaço público, físico e ideológico, que se unem sujeitos, alteridades, fatos sociais, acontecimentos, ou seja, é onde todo o cotidiano acontece. “O homem faz uso da cidade e nela inscreve seus hábitos e costumes” (TAVARES e VAZ, 2005, p. 53). Assim, a cidade de João Pessoa é centro de encontro de manifestações culturais, sociais, antropológicas, políticas. Mas qual cidade é representada no jornalismo do caderno de Cidades? O que encontramos nessa investigação epistemológica foi uma cidade representada como um espaço simbólico paradoxal.

Apesar de termos analisado textos referentes à época do aniversário da cidade de João Pessoa como recorte empírico, o que poderia nos levar a pensar que existiriam mais textos noticiosos que favorecessem a cidade, na verdade encontramos também notícias de aspectos negativos, onde referências de morte e vida se encontram quase que numa mesma quantidade.

Esse paradoxo é nato do caderno de Cidades que apresenta duas perspectivas de narrativas: tanto tem função primordial de veicular informações ligadas à prestação de serviço ao cidadão, como também costuma noticiar informações relativas à ideia de um cotidiano de desordem, que remete a problemas de segurança pública, por exemplo.

A partir das leituras dos cadernos de Cidade conhecemos uma *pólis* de antíteses, incongruências, irrupções, caos e violência, e também de vivências sociais, até mesmo colaborativas. Esses fatos sobrepõem outras práticas sociais do cotidiano e passam a dominar o conhecimento que temos acerca da nossa localidade.

Compreendemos assim, os discursos midiáticos, nesse caso o jornalismo, como essa instância de sentidos, estabelecendo símbolos que se pautam no imaginário social para representar a sociedade, e, ainda, criando novas representações sociais acerca dos fatos noticiados e do próprio cotidiano que nos cerca.

Sobre a cidade de João Pessoa também paira um imaginário. A capital paraibana, considerada pacata, apesar de centro urbano, é conhecida por ser um dos locais com melhor qualidade de vida do Nordeste. Conhecida como “porta do sol”, “extremo oriental das Américas” e “cidade verde”, a cidade de João Pessoa nutre o imaginário de um lugar calmo, local de desejo para habitantes que procuram tranquilidade. No entanto, nos jornais da cidade o cenário vai além disso. O caderno de Cidades dos periódicos diários Jornal A União e Jornal Correio da Paraíba nos revelaram também um espaço público de transtorno, que transita entre os conflitos, problemas sociais e pautas que procuram trazer a cidadania em foco.

No decorrer dessa investigação identificamos as imagens de vida e de morte, entendendo como o jornalismo pode construir, ou desconstruir, o imaginário social de uma cidade, através de imagens discursivas - imagens mentais criadas através da leitura textual, conceito aqui atrelado às imagens mentais de Lippmann (2008) - e icônicas (fotografias, ilustrações, etc.) divulgadas cotidianamente.

Os conceitos de vida e morte permeiam as vivências de todos os seres, sejam animados ou inanimados. Vive-se a partir da criação, morre-se a partir da extinção. Assim, vive-se e morre-se também através de símbolos. A cidade pode morrer imagetivamente através de noticiários de violência, depredação do seu patrimônio, notícias de devastação ecológica, acidentes. Assim como também pode viver pelas ações de recuperação patrimonial, ações sociais coletivas, atividades ecológicas sustentáveis que visem o meio ambiente social etc.. Por isso, simbolicamente, a cidade pode viver e morrer todos os dias, renascendo e perecendo diariamente com as notícias jornalísticas.

## 2 UMA CAMINHADA PELO TRAJETO ANTROPOLÓGICO DO IMAGINÁRIO

Para Gilbert Durand o imaginário é um conjunto de elementos (símbolos, imagens, mitos, arquétipos etc.) que têm como função alcançar o equilíbrio diante do tempo. O imaginário, então, seria essa gama de conhecimento adquirido pelos seres humanos ao longo do tempo justamente para tentar a compreensão e convivência com essa instância que rege nossa vida: o tempo.

Para tanto, Durand constrói um trajeto que percorre de aspectos biológicos a sociais, e vice versa, buscando entender a produção cultural dos seres sociais de uma forma didática, subdividida por algumas categorias, as quais tratamos adiante neste capítulo.

### 2.1 O TRAJETO ANTROPOLÓGICO DO IMAGINÁRIO

As páginas dos jornais impressos demonstram uma infinita “bacia semântica”<sup>3</sup> de representações sociais imagéticas e discursivas. Nesta pesquisa, optou-se por fazer uso da teoria do trajeto antropológico do imaginário como metodologia traçada por Gilbert Durand por entender a capacidade de abrangência de interpretações simbólicas que esta teoria apresenta e ainda por ela conseguir captar a essência das imagens de vida e de morte que procuramos delimitar nessas representações sociais descritas nas narrativas jornalísticas.

A antropologia do imaginário pressupõe aspectos teóricos que nos fazem entender símbolos arraigados na sociedade, mas que são compreendidos apenas após interpretação aprofundada. A teoria abrange tanto níveis de um psicologismo, partindo preliminarmente de pontos micros da compreensão dos seres humanos, a um culturalismo, indo de encontro a aspectos culturais e sociais. No entanto, vai além dessas interpretações primeiras que dão suporte teórico para as análises.

Assim o trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis (DURAND, 2012, p. 42).

Em justificativa, Durand (2012) afirma que o termo trajeto foi escolhido pela característica metodológica deste processo de hermenêutica simbólica também proporcionar interpretações reversas, pois abrange tanto o caminho de compressão simbólica do

---

<sup>3</sup> Um dos termos utilizados por Gilbert Durand para explicar o Imaginário e seus fluxos.

psicologismo ao cultural, como também do cultural ao psicologismo, já que não é metodologia interpretativa estanque e compreende a polissemia andante dos signos.

O trajeto antropológico do imaginário procura uma interpretação dos símbolos em diversos níveis de processos comunicacionais sociais, desde “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 2012, p.41).

Os processos de comunicação humana são permeados por simbologias, mitos, signos, referências de arquétipos ancestrais e muitas outras formas de representações imagéticas. Assim, a mídia se constrói e reconstrói diariamente, se utilizando constantemente dos recursos simbólicos do imaginário que habitam nosso consciente e inconsciente no cotidiano. Quando trazemos essa metodologia para esta pesquisa, é porque buscamos compreender, de maneira aprofundada, a conexão entre o imaginário social e as representações midiáticas.

Durand, quando propõe esse caminho metodológico de compreensão, vai buscar fontes que consolidem também a necessidade de resgatar um pouco da compreensão da mente humana através do conceito de “imagens motrizes”.

Mas é, sobretudo Desoille quem parece ligar mais nitidamente as “imagens motrizes” aos modos de representação visual e verbal, mostrando mesmo que essa cinemática simbólica é dinamicamente mensurável, dado que nos atos mentais de imaginação do movimento há uma diferença da ordem de 15 a 20% em relação ao metabolismo do repouso mental. São, portanto, essas “imagens motrizes”, que podemos tomar como ponto de partida psicológico de uma classificação dos símbolos (DURAND, 2012, p.47).

É através da reflexologia betcheveriana que Durand busca traçar um dos primeiros conceitos chaves do trajeto antropológico: a noção dos gestos dominantes.

Segundo o pesquisador,

Os três grandes gestos dados pela reflexologia desenrolam e orientam a representação simbólica para matérias de predileção que já têm apenas uma longínqua relação com uma classificação já demasiado racionalizada em quatro ou cinco elementos. E, segundo a equação de Leroi-Gourhan estabelece: força + matéria = instrumento, diremos que cada gesto implica ao mesmo tempo uma matéria e uma técnica, suscita um material imaginário e, senão um instrumento, pelo menos um utensílio (DURAND, 2012, p.54).

O primeiro gesto seria a dominante postural, “exige as matérias luminosas, visuais e as técnicas de separação, de purificação, de que as armas, as flechas, os gládios são símbolos frequentes” (DURAND, 2012, p.54). Essa primeira categoria representa os modos de expressão vertical, de imposição de armas, a postura do herói ou guerreiro.

O segundo gesto está ligado à descida digestiva e “implica as matérias da profundidade; a água ou terra cavernosa suscita os utensílios continentes, as taças e os cofres, e faz tender para os devaneios técnicos da bebida ou do alimento” (DURAND, 2012, p.54).

Já o terceiro gesto é explicado pelos gestos rítmicos, caracterizados pela sexualidade e “projetam-se nos ritmos sazonais e no seu cortejo astral, anexando todos os substitutos técnicos do ciclo: a roda e a roda de fiar, a vasilha onde se bate a manteiga e o isqueiro, e, por fim, sobredeterminam toda a fricção tecnológica pela rítmica sexual” (DURAND, 2012, p.54).

Os três gestos estão relacionados à ação, a formas, expressões e processos técnicos. São percebidos no modo de agir do ser social e nos utensílios criados pelos seres humanos para interagirem nesse modo de agir no seu cotidiano. Para Durand, as ações, os verbos, funcionam como matriz arquetípica de todo o imaginário. Os verbos, como potencialidade linguística primordial, são os direcionamentos para compreensão da estrutura do imaginário, por isso, os três gestos da reflexologia são cruciais para compreensão do trajeto antropológico do imaginário.

A importância da compreensão desses gestos reside na premissa de que o meio em que o homem vive é o lugar em que ele se projeta e se faz representar com todo o seu repertório de conhecimento imaginário. “Em termos pavlovianos, poder-se-ia dizer que o ambiente humano é o primeiro condicionamento das dominantes sensorio-motoras, ou, em termos piagetianos, que o meio humano é o lugar da projeção dos esquemas de imitação” (DURAND, 2012, p. 51).

Durand consolida mais ainda a justificativa:

Longe de ser uma censura ou um recalçamento que motiva a imagem e dá vigor ao símbolo, parece, pelo contrário que é um acordo entre as pulsões reflexas do sujeito e o seu meio que enraíza de maneira tão imperativa as grandes imagens na representação e as carrega de uma felicidade suficiente para perpetuá-las (DURAND, 2012, p. 52).

Essa grande carga nas representações gestuais e dos utensílios se complementa com uma complexidade simbólica. Os símbolos caracterizam-se por uma vasta potencialidade semântica, constituindo camadas em que várias dominantes podem se relacionar.

Mais: verificamos que o objeto simbólico está muitas vezes sujeito a inversões do sentido, ou pelo menos, a redobramentos que conduzem a processos de dupla negação: o engolido, a árvore invertida, a barcacofre contém ao mesmo tempo que sobrenada, o cortador de elos que se torna no senhor dos elos, etc. Esta complexidade de base, esta complicação do objeto simbólico justifica o nosso método, que é partir dos grandes gestos reflexológicos para desenredar os tecidos e os nós que a fixações e as projeções sobre os objetos do ambiente perceptivo constituem (DURAND, 2012, p.54).

Passada a compreensão da reflexologia, Durand (2012) dicotomiza a gramática do trajeto antropológico do imaginário, dividindo em duas partes: o Regime Diurno e o Regime

Noturno. O método parte da reflexologia tripartida dos gestos para uma concepção bipartida dos regimes do dia e da noite, porque o autor percebe que a tripartição das dominantes reflexas podem ser também reduzidas em uma categorização dualista, em que as pulsões digestivas e sexuais se unem em uma só categoria.

É importante ressaltar que, dada à polissemia dos símbolos e das múltiplas interpretações que apenas uma imagem pode causar, os Regimes Diurno e Noturno, assim como os três gestos dominantes, podem confluir em certas representações, mas que se opõem na maior parte do tempo. “Por consequência, propomos que se oponha este Regime Noturno do simbolismo ao Regime Diurno estruturado pela dominante postural com as suas implicações manuais e visuais, e talvez também com as suas implicações adlerianas de agressividade” (DURAND, 2012, p.58).

### 2.1.1 Os Regimes Noturno e Diurno

Para Durand, o Regime Diurno (RD<sup>4</sup>) está ligado às imagens simbólicas da postura do herói que impõe sua arma, por isso se conecta reflexivamente com a dominante postural e o uso dos utensílios que lhe cabe, caracterizando-se, assim, por ser uma “sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação” (2012, p. 58). Seria então um regime que abrange as imagens relativas ao confronto, à luta pelo movimento de avançar. A imagem norteadora desse Regime é a figura do herói.

Já o Regime Noturno (RN) é caracterizado pelo aspecto da eufemização, do abrandamento.

[...] Regime Noturno subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos (DURAND, 2012, p. 58).

Os dois regimes estabelecidos por Durand procuram sistematizar todo o semantismo das imagens, compreendendo que elas não são apenas signos estanques, mas símbolos que abrangem também certo sentido fluido, dinâmico. O aprofundamento desses dois regimes encontra-se mais adiante, ainda neste capítulo.

### 2.1.2 Vocabulário elementar

Para melhor compreensão da metodologia traçada no trajeto antropológico do imaginário, é necessário deixar claro o significado de alguns termos utilizados por Durand nessa

---

<sup>4</sup> Recorreremos às siglas RD para Regime Diurno e RN para Regime Noturno.

metodologia. As definições para uma didática mais clara começam pelo termo *schème*<sup>5</sup>, que segundo o autor é:

[...] uma generalização dinâmica e afetiva da imagem, constitui a factividade e a não-substantividade geral do imaginário. O esquema aparenta-se ao que Piaget, na esteira de Silberer, chama “símbolo funcional” e ao que Bachhelard chama “símbolo motor”. Faz a junção já não, como Kant pretendia, entre imagem e o conceito, mas sim entre os gestos inconscientes da sensório-motricidade, entre as dominantes reflexas e as representações. São estes esquemas que formam o esqueleto dinâmico, o esboço funcional da imaginação (DURAND, 2012, p.60).

Schèmes seriam então “trajetos encarnados em representações concretas precisas” (DURAND, 2012, p.60). Por exemplo, o gesto postural pode corresponder a dois: o da verticalização ascendente e da divisão tanto visual quanto manual. Em outro exemplo Durand apresenta o gesto do engolimento também correspondendo ao esquema da descida e da intimidade. Nessa perspectiva, o *schème* está intrinsecamente ligado à matriz verbal, ou seja, à ação.

Outro termo importante para esta metodologia do imaginário é o conceito de arquétipo. O significado já passou por várias outras áreas do conhecimento, principalmente pela psicologia. Para Jung arquétipo seria sinônimo de “protótipo”, “imagem original”, “origem primordial”.

No entanto, para a antropologia do imaginário, a ideia central é que o arquétipo se caracteriza como “substantificações dos esquemas” (DURAND, 2012, p.60). “Sublinharemos, portanto, por nosso lado a importância essencial dos arquétipos que constituem o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais” (p.61). Como exemplo: os esquemas de ascensão, ligados aos gestos posturais, se conectam aos arquétipos do chefe.

Outra característica desse conceito é que os arquétipos se conectam em imagens de diferentes culturas, mas cada um trazendo esquemas particulares. E o que diferencia o arquétipo do símbolo é que este último sempre está dotado de significações ambivalentes.

Há ainda um conceito importante para traçarmos: o conceito de mito. Durand define:

Entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias. O mito explica um esquema ou um grupo de esquemas (DURAND, 2012, 63).

Todas essas definições convergem no trajeto antropológico do imaginário para uma hermenêutica de isomorfismo.

---

<sup>5</sup> O termo, na edição da obra *As estruturas antropológicas do Imaginário* (DURAND, 2012) - tradução de Hélder Godinho, foi traduzido para o português como esquema.

Enfim, este isomorfismo dos esquemas, arquétipos e símbolos no seio dos sistemas míticos ou de constelações estáticas levar-nos-á a verificar a existência de certos protocolos normativos das representações imaginárias, bem definidos e relativamente estáveis, agrupados em torno dos esquemas originais e a que chamaremos estruturas (DURAND, 2012, 63).

Passando por todas essas fases de conceitos, finalmente chegamos à formação dos regimes que se caracterizam por serem “agrupamentos de estruturas vizinhas” (2012, p.64). Especificando melhor, a estrutura desempenharia “o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens e suscetível ela própria de se agrupar numa estrutura mais geral a que chamaremos regime” (DURAND, 2012, 64).

### 2.1.3 O Regime Diurno e seus símbolos

Ao contrário do que uma hermenêutica semântica preliminar nos leva a acreditar, o Regime Diurno não está apenas conectado a imagens de luz. Também há trevas durante o dia. Por isso, Durand atribui às imagens relativas ao RD a característica principal de confronto. Os símbolos deste regime estão sempre conectados com ideias de luta, de movimentos, enfrentamentos.

Em uma primeira perspectiva ligada a imagens negativas, Durand (2012) demonstra os isomorfismos simbólicos desse regime que revelam a sensação angustiante da fuga em relação ao Cronos, esta instância que nos abocanha levando-nos em direção à morte, e a alguns dos esquemas de significação negativista do RD.

Porém, como o Regime Diurno é local de axiomas, contrários, antíteses, contradições e dualismos, encontramos também nesse regime outro lado: o lugar da “vitória sobre o destino e a morte” (DURAND, 2012, p.120).

No primeiro capítulo em que trata dos isomorfismos das imagens simbólicas de cunho negativo do RD, Durand categoriza três pilares simbólicos: os símbolos teriomórficos, nictomórficos e catamórficos.

Os símbolos teriomórficos estão atrelados à ideia de agitação, animação. São imagens relativas a simbologias que nos conectam ao arquétipo animal ligado a experiências cinegéticas, de movimentações. Um dos primeiros exemplos dado pelo antropólogo é o formigamento, ação e verbo que traz à tona a ideia de fervilhar, revelando assim o esquema da agitação.

A categorização de Durand para explicar os símbolos teriomórficos segue por um resgate de símbolos que marcaram a literatura e os mitos, narrativas que ajudaram a solidificar



as simbologias. A maioria dos símbolos teriomórficos estão conectados a imagens relativas a animais, justamente por carregarem essa base semântica de animação.

Toda esta teriomorfia é integrada em contos e mitos em que o motivo da queda e da salvação é particularmente nítido. Quer o demônio teriomórfico triunfe, quer as artimanhas sejam frustradas, o tema da morte e da aventura temporal e perigosa permanece subjacente a todos esses contos em que o simbolismo teriomórfico é tão aparente. O animal é assim, de fato, o que agita, o que foge e que não podemos apanhar, mas é também o que devora, o que rói. Tal é o isomorfismo que liga Dürer o cavaleiro à morte e faz Goya pintar na parede da sala de jantar um atroz Saturno devorando os filhos (DURAND, 2012, p.89 e 90).

Outra simbologia que aparece nessa primeira construção do Regime Diurno é o conceito dos símbolos nictomórficos. Ligados às imagens referentes a trevas, sombras e negruras, essa simbologia está fortemente conectada a um isomorfismo negativo relativo ao medo e angústia pelo escuro, uma herança psicológica da fobia infantil pela escuridão, “símbolo de um temor fundamental do risco natural” (DURAND, 2012, p.91).

A ideia das trevas que impede a visão liga-nos à cegueira. É aqui que aparecem também isomorfismos ligados ao espelho que representa uma “translucidez cega” (p.95), que conecta-se também com uma variação nictomórfica mais forte e predominante: “a água, além de bebida, foi o primeiro espelho dormente e sombrio” (DURAND, 2012, p.95).

Assim, a água desemboca em uma “bacia semântica” de símbolos isomórficos que representam toda essa linhagem de imagens de trevas. São as águas do mar, as ondas que oscilam com as fases da lua – com seu vasto campo de significações nas mitologias- que interferem tanto nas águas marítimas quanto nas águas menstruais femininas. Todas essas significações, em que algumas chegam a ser ancestrais, remetem-nos a uma imagem feminina, lunar, líquida, noturna, chegando a ser monstra e negativa aos olhos de algumas culturas.

A simbologia nictomórfica é vasta, mas tem predominância no desconhecido da escuridão.

Os símbolos nictomórficos são, portanto, animados em profundidade pelo esquema heraclítico da água que corre ou de cuja profundidade, pelo seu negrume, nos escapa, e pelo reflexo que redobra a imagem como a sombra redobra o corpo. Esta água negra é sempre, no fim das contas, o sangue, o mistério do sangue que corre nas veias ou se escapa com a vida pela ferida, cujo aspecto menstrual vem ainda sobredeterminar a valorização temporal. O sangue é o temível porque é a senhora da vida e da morte e porque na sua feminilidade é o primeiro relógio humano, o primeiro sinal humano correlativo do drama lunar (DURAND, 2012, p.111).

Essa conexão entre a lua, a água e a mulher manifesta-se em diversas lendas que atribui à lua o caráter animal ou ser de sedução que engravidava as virgens, como entre os esquimós que possuem a tradição das virgens nunca olharem para o astro lunar com medo de ficarem grávidas (DURAND, 2012) ou na Bretanha, em que as moças eram proibidas de olharem para a lua para não ficarem aluadas (DURAND, 2012). Em outras tradições, ainda, a lua é a própria

mulher, jovem, sedutora, como na lenda de Selene e Endimião, em que a personificação da lua é a forma feminina que adormece para sempre, a qual o amado tem sempre à sua disposição.

O isomorfismo de trevas e monstruosidade que confluem para representações femininas e aquáticas está presente desde as mais antigas mitologias. Na construção do trajeto antropológico do sentido do ser feminino, traçado por Durand (2012), percebe-se que os arquétipos relacionados às formas “feminóides” têm sempre conexões diretas ou indiretas com o simbolismo nictomórfico, afinal “toda Odisséia é uma epopeia da vitória sobre os perigos das ondas e da feminilidade” (2012, p. 105).

O monstro feminino e aquático, Cila, representa esse simbolismo feminóide. De acordo com a Odisseia de Homero, Cila era filha do rio Cráteis, uma vilã marinha mítica e monstruosa, que atacou a tripulação quando o barco passou próximo à gruta onde Cila se escondia. Os cães dela saltaram e devoraram seis dos companheiros de Homero.

É esse isomorfismo líquido e feminóide que ganha valor nas representações do sangue feminino menstrual, misterioso e noturno, conectado, em geral, a aspectos negativos – assim dito por Durand (2012). A essa constelação de imagens femininas podemos remeter os movimentos de descida de cunho sexual e digestivo, ligados também aos símbolos catamórficos, imagens relativas à queda.

A esse nível verificamos que a feminização do simbolismo nefasto constituía o esboço de uma eufemização que ia atingir o seu ápice quando o terceiro esquema terrificante, o da queda, se reduzia ao microcosmo da queda em miniatura, da queda interior e cenestésica, na sua dupla forma sexual e digestiva. *Transfert* graças ao qual a atitude angustiada do homem diante da morte e do tempo se duplicará sempre de uma inquietação moral diante da carne sexual e mesmo digestiva. A carne, esse animal que vive em nós, conduz sempre à meditação do tempo (DURAND, 2012, p. 121).

Em contraposição a essas três categorias simbólicas que ajudam a construir os axiomas do Regime Diurno, estão os símbolos de significações positivas de enfrentamento das trevas, simbologias que revelam a ideia de “exorcismo pelas imagens da luz” (DURAND, 2012, p. 123). Segundo o antropólogo a “hipérbole negativa não passa de pretexto para a antítese” (2012, p. 123), a característica marcante do RD.

O esquema ascensional, o arquétipo da luz uraniana e o esquema diairético parecem, de fato, ser o fiel contraponto da queda, das trevas e do compromisso animal ou carnal. Esses temas correspondem aos grandes gestos constitutivos dos reflexos posturais: verticalização e esforço de levantar o busto, visão e, por fim, tanto manipulatório permitido pela libertação postural da mão humana. Esses gestos são reações reflexas primordiais, naturais, de que os símbolos negativos que estudamos de início, por razões didáticas, não são mais que contrapartidas afetivas, complementos catalisadores (DURAND, 2012, p. 124).

Os primeiros símbolos ligados a essa perspectiva positiva do RD são os símbolos ascensionais, simbologia verticalizante que nos conecta a imagens de elevação. Uma ideia nascida da postura ereta do homem. Esses símbolos estão ligados a arquétipos de heroísmo, ascensão, do homem que encontra Deus no alto das montanhas, conectados também às imagens da leveza dos anjos, que imaculados e sem peso podem elevar-se aos céus. A construção isomórfica dessa parte do Regime Diurno monta uma estrutura de simbologia solar, masculina e celeste, em contraposição das imagens femininas, lunares e sombrias.

Há também imagens teriomórficas ligadas a essa perspectiva dos símbolos ascensionais que nos ligam aos pássaros e borboletas, imagens que nos levam ao isomorfismo da leveza, elevação e sublimação.

Em conclusão, os símbolos ascensionais aparecem-nos marcados pela preocupação da reconquista de uma potência perdida, de um tônus degradado pela queda. Essa reconquista pode manifestar-se de três maneiras muito próximas, ligadas por numerosos símbolos ambíguos e intermediários: pode ser ascensão ou ereção rumo a um espaço metafísico, para além do tempo, de que a verticalidade da escada, dos bélicos e das montanhas sagradas é o símbolo mais corrente. Poder-se-ia dizer que neste estádio há conquista de uma segurança metafísica e olímpica. Pode manifestar-se, por outro lado, em imagens mais fulgurantes, sustentadas pelo símbolo da asa e da flecha, e a imaginação tinge-se, então de um matiz ascético que faz do esquema do voo rápido o protótipo de uma sublimação da carne e o elemento fundamental de uma medição de pureza. O anjo é o eufemismo extremo, quase a antífrase da sexualidade. Enfim, o poderio reconquistado vem orientar essas imagens mais viris: realeza celeste ou terrestre do rei jurista, padre ou guerreiro, ou ainda cabeças e chifres fálicos, símbolos cujo papel mágico esclarece os processos formadores dos signos e das palavras (DURAND, 2012, p. 145).

Aos símbolos ascensionais conectam-se, nessa constelação simbólica do Regime Diurno, os símbolos espetaculares, que são marcados por arquétipos de imagens relacionadas à luminosidade. Essa luz é complemento da gama isomórfica dos símbolos que representam a potencialidade do verbo olhar. É a luz que clareia a mente dos povos e concebe o dom de ver a verdade transcendente que purifica. Ao contrário da cegueira, retratada no conjunto simbólico negativo do RD, nesta perspectiva a luz se encaixa como oposição das trevas, essa escuridão que nos impede de ver a verdade.

A concepção de clareza ligada à luminosidade também está atrelada ao arquétipo da palavra da verdade, já concebida em escritos religiosos primordiais. *Fiat Lux*, disse Javé em suas primeiras palavras. Assim fez-se a luz, que brilhou nas trevas através do processo primeiro materializado pela ordem da palavra (DURAND, 2012).

[...] podemos dizer que verificamos uma grande homogeneidade nesta constelação espetacular, ela própria ligada ao verticalismo ascensional. O mesmo isomorfismo semântico agrupa símbolos da luz e os órgãos da luz, quer dizer, os atlas sensoriais que a filogênese orientou para o conhecimento à distância do mundo. Mas se os perceptos visuais e audiofônicos são duplicados vicariantes e mágicos do mundo, verificamos que eles próprios são logo ultrapassados pelo potencial de abstração que

veiculam. A palavra pictográfica ou fonética é sublimação e abstrata do percepto (DURAND, 2012, p. 158).

Do mesmo modo que os esquemas espetaculares ajudam a consolidar os esquemas simbólicos da verticalidade, os símbolos diairéticos surgem nessa constelação também para ratificar as imagens de ascensão, através dos processos de distinção, axiomas que no fim nos mostram ideias de transcendência e purificação. Como exemplo desse protótipo de axioma transcendente temos a noção arquetípica de que “a ascensão é imaginada *contra* a queda e a luz *contra* as trevas” (DURAND, 2012, p.158).

Essa transcendência marcada por uma imagem de *contra*, é assim assimilada por um isomorfismo de descontentamento e uma agitação fiel ao Regime Diurno.

A transcendência está sempre, portanto, armada, e já encontramos esta arma transcendente por excelência que é a flecha, e já tínhamos reconhecido que o cetro de justiça traz a fulgurância dos raios e o executivo do gládio ou do machado (DURAND, 2012, p.159).

Essas imagens ligam-se, portanto, a isomorfismos que nos conectam a um heroísmo apolíneo, à figura masculina, heroica, forte, de luz e, quem sabe, perfeição solar.

Outro aspecto é marcante nos símbolos diairéticos: a ideia de purificação. Unida a um “esforço axiológico” (DURAND, 2012), os símbolos diairéticos transcendentes funcionam como catarse. É possível notar essas características diairéticas também nos elementos do fogo, da água e do ar, elementos que já se manifestaram em diversas culturas como arquétipos de purificação.

Gládio, espada de fogo, archote, água e ar lustrais, detergentes e tira-manchas constituem assim o grande arsenal dos símbolos diairéticos de que a imaginação dispõe para cortar, salvar, separar e distinguir das trevas o valor luminoso (DURAND, 2012, p. 179).

Essas constelações simbólicas axiomáticas e marcadas por contradições configuram o conjunto de símbolos do Regime Diurno da imagem. Ao mesmo tempo em que o RD apresenta imagens de símbolos que representam trevas e aspectos negativos como: os animalescos símbolos teriomórficos, os obscuros nictomórficos e os decaídos catamórficos; por outro lado nos revela imagens que combatem as trevas simbólicas através do cetro e do gládio, com os símbolos ascensionais da verticalidade em busca da elevação; os espetaculares e sua luminosidade celeste e os diairéticos com seus aspectos transcendentes, purificadores e axiomáticos.

Todas as imagens ligadas ao RD fazem parte das estruturas “esquizomorfias” ou heroicas, um espaço imaginário que une imagens isomórficas. O autor metaforiza esse espaço com a esquizofrenia, pois afirma que essa patologia é conhecida pela busca da simetria nas

contradições. No entanto, esse regime, não é considerado patológico. “As estruturas esquizomorfos não são, assim, a esquizofrenia, elas permanecem e subsistem em representações ditas normais” (DURAND, 2012, p.190).

Assim configura-se o Regime Diurno das estruturas antropológicas do imaginário descrita por Gilbert Durand, guiado pela ideia marcante que ordena toda a simbologia deste regime: a antítese, característica primordial da estrutura esquizomorfa, que tende a compreender os símbolos e arquétipos por meio de separações simbólicas entre bom e mau, positivo e negativo, dia e noite, entre várias outras representações de enfrentamento.

#### 2.1.4 O Regime Noturno e seus símbolos

É importante frisar logo de início que o Regime Noturno não é oposição estanque ao Regime Diurno, há sim contradições isomórficas e simbólicas, mas estas se complementam a todo tempo, podendo ser compreendidas apenas como mudanças de perspectivas que ora são iluminadas pela luz dourada do dia, ora são clareadas pelas luzes de cores da noite. Em geral, o RN se caracteriza por uma simbologia permeada pela eufemização e a inversão de valores: o que teria caráter negativo no dia, ganha aspecto positivo e eufemizado na noite.

Como exemplo, enquanto que no RD as figuras femininas se ligavam a isomorfismos nictomórficos monstruosos, como deusas das águas escuras, representantes do mal, e sempre combatidas pelas armas dos heróis nos mitos de aspectos de confronto; no RN a figura feminina se ameniza no símbolo da mãe, que ainda ligada à noite, protege a cria no ventre úmido, aquático, mas com a calma que a escuridão traz.

[...] é então que, no seio da própria noite, o espírito procura a luz e a queda se eufemiza em descida e o abismo minimiza-se em taça, enquanto, no outro caso, a noite não passa de propedêutica necessária do dia, promessa indubitável da aurora (DURAND, 2012,p.198).

Assim, os arquétipos femininos são valorizados com o eufemismo do simbólico materno e por isso o Regime da Noite está intrinsecamente interligado aos gestos digestivos e sexuais, estes dois sendo o simbólico primordial que norteia as constelações semânticas de todo o regime.

O Regime Noturno também possui sua classificação simbólica. Durand subdivide-os em duas estruturas: sintéticas e místicas. As estruturas sintéticas estão conectadas pelas matrizes arquetípicas da dominante copulativa, aos esquemas verbais de ligar, progredir, voltar.

Enquanto que as estruturas místicas unem seus símbolos sob uma conexão de isomorfismos da dominante digestiva, com esquemas verbais confundir, descer, possuir e penetrar.

Dentro das estruturas místicas, encontramos os símbolos da inversão e da intimidade. Aos símbolos da inversão, o autor resgata diversos arquétipos já mencionados no Regime Diurno, mas dessa vez sob uma perspectiva noturna, invertida na eufemização “engendrados pelo esquema da descida”.

O trincar eufemiza-se em engolimento, a queda refreia-se em descida mais ou menos voluptuosa, o gigante solar vê-se mesquinhamente reduzido ao papel de Polegar, o pássaro e o levantar vôo são substituídos pelo peixe e pelo encaixe. A ameaça das trevas inverte-se numa noite benfazeja, enquanto as cores e tintas se substituem à pura luz e o ruído, domesticado por Orfeu, o herói noturno, se transforma em melodia e vem substituir pelo indizível a distinção da palavra falada e escrita. Por fim, as substâncias imateriais e bastimais, o éter luminoso, são substituídos nesta constelação pelas matérias escaváveis. O impulso ativo implicava os cumes, a descida magnífica o peso e reclama o enterramento ou mergulho na água e na terra fêmea. A mulher-aquática ou terrestre-noturna, com enfeites multicoloridos, reabilita a carne e o seu cortejo de cabeleiras, véus e espelhos. Mas a inversão dos valores diurnos, que eram valores da ostentação, da separação, do desmembramento analítico, traz como corolário simbólico a valorização das imagens da segurança fechada, da intimidade (DURAND, 2012, p.235-236).

À categorização simbólica do Regime Noturno das imagens de inversão une-se a classificação dos símbolos da intimidade. Este, mais até que os símbolos da inversão, são fortalecidos pelas ideias do eufemismo, já que são símbolos que estão constantemente interligados com a noção de repouso, que se materializa com o simbólico ventre materno, que resguarda o feto.

A todo momento, o Regime Noturno retorna aos gestos ligados à deglutição, aos símbolos que, de algum modo, estão conectados ao imaginário da digestão. Nos símbolos da intimidade isso é ainda mais forte, pois a própria noção de intimidade remete a local de tranquilidade, quietude, repouso.

O primeiro, e último, eterno repouso descrito por Durand seria então a morte. A morte é conectada à ideia de morada, e a morada da morte, o cemitério já carrega em sua etimologia o descanso: “uma vez que *koimêtêiron* quer dizer câmara nupcial. Parece ser no próprio túmulo que se desenrola a inversão eufemizante: o ritual mortuário é antífrase da morte” (DURAND, 2012, p.238).

Os isomorfismos simbólicos da intimidade seguem conectando a morte às imagens femininas, de deusas da morte, (como Lares, por exemplo); belas adormecidas dos contos de fadas, e, principalmente, à imagem materna, quando a intimidade do colo, do seio e do útero resguarda o filho. O ventre é assim casa de repouso, segurança e calma, assim como a morte, morada eterna.

O isomorfismo de morada, cavidades côncavas, útero, se encontra em representações conectadas pelo Regime Noturno. “Claudel evidenciou o isomorfismo que liga o ventre materno, o túmulo, a cavidade em geral e a morada fechada com telhado, reencontrando assim a intuição poética de Dumas e de Poe” (DURAND, 2012, p.242).

Ainda aos símbolos da intimidade, Durand confere os isomorfismos da figura mandala, que carrega em sua representação o arquétipo do centro que resguarda em profundidade, retomando, assim, a ideia de espaço curvo das cavidades côncavas das cavernas e do próprio útero, a intimidade feminóide.

Os arquétipos imagéticos femininos sempre estão conectados de alguma forma às formas aquáticas. “A gruta, como dissemos, já era casa e originava profundas fantasias, mas mais luxuriante na imaginação é a morada sobre as águas, a barca, a nau ou a arca” (DURAND, 2012, p.249). Essas cavidades de proteção, úmidas e côncavas também nos remetem a abrigos arquetípicos como a “tão tenaz iconografia do nascimento de Vênus faz sempre da concha um útero marinho” (p. 253).

As formas digestivas a nenhum momento escapam das representações simbólicas do Regime Noturno.

Com efeito, a propósito, de novo, deste navio em miniatura, podemos ver em ação as sobredeterminações digestivas e alimentares, caras ao Regime Noturno da imagem, dado que o continente prototípico é o ventre digestivo, antes de ser sexual, experimentado quando da deglutição, polarizado pela dominante reflexa. Esta valorização digestiva do vaso leva a confundir qualquer recipiente como estômago (DURAND, 2012, p.256).

Aparecem nessa constelação simbólica isomorfismos que conectam os continentes côncavos e os conteúdos líquidos, como taças e vasos; e do outro lado os líquidos alimentares primordiais como o leite materno- símbolo mais uma vez conectado à imagem feminina de mãe- e o mel, substância retirada de uma morada, abrigo das abelhas, também símbolo de intimidade.

Toda essa simbologia, no entanto, não chega a ser oposições ao Regime Diurno.

De momento, já verificamos que os símbolos noturnos não chegam constitucionalmente a libertar-se das expressões diurnas: a valorização da noite faz-se muitas vezes em termos de iluminação. O eufemismo e a antífrase só atuam sobre um termo de antítese e não se lhes segue a recíproca desvalorização do outro termo. O eufemismo só foge da antítese para recair na antilogia. A poética noturna tolera as “obscuras claridades”. Ela transborda de riquezas, sendo portanto indulgente. São os romanos que combatem os sabinos. Só *inopia* é realmente imperialista, totalitária e sectária (DURAND, 2012, p. 268).

A esse conjunto semântico que une os símbolos da intimidade e da inversão, Durand chama de estrutura mística, compreendida também como “estruturas gliscromórficas” ou “ixomórficas”. Enquanto o Regime Diurno trabalha com a esquizofrenia, essa estrutura mística remete a uma metáfora patológica da epilepsia que traz à tona as ideias de redobramento e preservação (processos de eufemização e dupla negação); viscosidade (em que tudo se aglutina e se liga); realismo sensorial (vivacidade das imagens) e gulliverização (minúcia e meticulosidade).

O Regime Noturno trabalha ainda com a estrutura sintética, a qual possui a categoria simbólica cíclica. “Mas essa atitude psíquica já estava prenha de uma sintaxe de repetição no tempo. Gulliverização, encaixe, redobramento não passavam de prefiguração no espaço de dominar o devir pela repetição dos instantes [...]” (DURAND, 2012, p.281). Os símbolos cíclicos seriam essas instâncias de retorno, de leis de antífrases em concordâncias eufêmicas, ideias que se ligam à máxima “planta-se o que se colhe”, mas também à forma imagética do recomeço, do ouroboros que engole sua cauda, mas torna-se círculo sem aresta.

Pode-se mesmo acrescentar que a roda e todas as suas variantes, movimento na imobilidade, equilíbrio na instabilidade, antes de ser tecnicamente explorada e de se profanar em simples instrumento utilitário, é acima de tudo engrenagem arquetípica essencial na imaginação humana. Por todo o lado onde o seu emblema transparece: suástica *triskele*, *çakra*, jogo da péla, caráter circular da aldeia, espirais cósmicas, etc., ela revela-se como o arquétipo fundamental da vitória cíclica e ordenada, da lei triunfante sobre a aparência aberrante e movimentada do devir (DURAND, 2012, p. 328).

Os símbolos cíclicos do RN consolidam o que Durand (2012) chama de estruturas sintéticas, categoria que une as ideias de sistematização (tendência pela busca a uma organização de imagens); dialética dos antagonistas (conservação dos contrários “no seio da harmonia cósmica”); estrutura histórica que “utiliza conscientemente a hipotipose que aniquila a fatalidade da cronologia” (2012, p.355) e progressismo parcial ou total.

Toda a simbologia disposta nessas estruturas dos Regimes das Imagens pode ser encontrada nas diversas formas de troca comunicacional humana. Partimos do pressuposto de que o jornalismo, por ser uma instância primordialmente simbólica, que tenta traduzir o cotidiano social trazendo à tona em suas narrativas heranças arquetípicas de conhecimento, é assim uma forte expressão e meio simbólico para ser analisado.

Uma notícia jornalística é muito mais que só uma notícia. Podemos dizer que as narrativas jornalísticas funcionam como mitos contemporâneos, pois são estruturas que procuram organizar a compreensão do mundo.



Os textos jornalísticos carregam referências de um conhecimento social já arraigado, o qual pode ser identificado por uma leitura interpretativa mais aprofundada, como estamos propondo pela hermenêutica antropológica do imaginário.

Quando se fala em imaginário há, por certo, a discussão desse conceito se estabelecer nas instâncias da imaginação, uma ideia que não concebe a potencialidade de conectar o imaginário a nossa realidade. No entanto, simbolicamente, o imaginário é intrínseco ao nosso cotidiano e a nossa realidade do dia a dia. Não é algo materializado, mas é palpável semanticamente, é o que nos ajuda a conjecturar ideias, imagens, proceder com o conhecimento, conhecer a realidade.

“Neste ‘mundo pleno’ que é o mundo criado pelo homem, o útil e o imaginativo estão inextricavelmente misturados” (DURAND, 2012, p. 397). Assim, o útil, manifesto nas narrativas objetivas jornalísticas, necessárias para a compreensão da contemporaneidade cotidiana, não escapa da fantástica transcendental imaginativa, pois é a imaginação que dá a isca para a captura da presa mítica, ou seja, para a compreensão e “decifração objetiva” (p.396) do real.

Assim, com o subsídio da gramática do imaginário do trajeto antropológico, podemos decifrar os mitos contemporâneos das imagens de vida e de morte presente nos jornais.

A imagem, pelo contrário, engendra loucamente em todos os sentidos, sem se preocupar com as contradições, um luxuriante “enxame” de imagens. Sobre o pensamento que raciocina do mesmo modo que sobre o pensamento que percepção pesa ainda o caminhar laborioso da existência, enquanto o pensamento que imagina tem consciência de ser satisfeito instantaneamente e arrancado ao encadeamento temporal. (DURAND, 2012, p.398).

As estruturas antropológicas do imaginário nos ajudam a compreender a carga de significados e significantes dos arquétipos que permeiam nosso conhecimento do mundo da vida. E para uma melhor compreensão elaboramos graficamente toda a estrutura que compõe o trajeto antropológico traçado por Durand.

Vejamos, resumidamente, um mapa mental que sintetiza a estrutura do trajeto antropológico do imaginário.

**Figura 1.** Mapa mental sintético com a estrutura antropológica do imaginário descrita por Durand (2012)



Observando esse mapa mental, compreendemos a abrangência simbólica nesta metodologia de compreensão do imaginário desenvolvida por Gilbert Durand. No entanto, apesar de apresentar classificações bem definidas para entender os símbolos é necessário deixar claro que Durand não restringe conceitos, um mesmo símbolo pode vagar pelos dois regimes do imaginário, tendo diferentes representações em cada categoria.

Após ter passado pelo trajeto antropológico do imaginário de Durand, teoria que nos ajuda na identificação dos símbolos das narrativas jornalísticas, nos capítulos seguintes abordaremos o tema do imaginário social e suas conexões com as manifestações simbólicas cotidianas e as narrativas midiáticas, buscando uma compreensão mais sensível acerca da realidade.

### 3 O IMAGINÁRIO E O COTIDIANO

A relação entre imaginário, cotidiano e comunicação é intrínseca, já que o imaginário é permeado pelo conjunto simbólico existente na nossa sociedade e é constantemente relacionado com as nossas vivências cotidianas. Para entendermos melhor esse conceito trouxemos uma revisão bibliográfica de alguns autores que tratam do tema.

Para Durand, o imaginário é um sistema simbólico composto por arquétipos, símbolos, signos, conhecimentos sociais, culturais que nos ajudam a construir imagens mentais, formando uma rede de conhecimento biológica, psicológica e cultural.

Nessa perspectiva, Maffesoli, autor que se referenciou nos estudos de Durand, afirma que o imaginário tem a capacidade de conectar os seres sociais, pois apresenta-se como um “cimento social”, conectando sujeitos por suas afinidades imagéticas e simbólicas.

Nossa leitura, neste capítulo, caminha ainda por conceitos de outros autores que tratam do imaginário e podemos notar pontos em comum entre as várias perspectivas: o imaginário está presente em nossa vida social e é instância inerente a qualquer ser humano.

Assim, o objetivo desde capítulo é traçar um panorama acerca dos significados de imaginário para alguns autores, interconectando esses conceitos com as noções dos estudos do cotidiano e comunicação, para a melhor compreensão das narrativas jornalísticas como um processo de interpretação simbólica do meio social.

Por esta perspectiva, o presente capítulo levanta questões entre as relações dos conceitos de imaginário e a formação do conhecimento humano; a importância do imaginário simbólico para a comunicação social e a compreensão do nosso cotidiano a partir de referenciais simbólicos e imaginários da sociedade.

#### 3.1 IMAGINÁRIO E CONHECIMENTO HUMANO

A construção do conhecimento da humanidade nasceu de imagens. Desde as eras rupestres, a comunicação humana foi referenciada em símbolos pintados em paredes de pedras, nas remotas cavernas dos primeiros *homos sapiens*. Era uma comunicação ainda primária, no entanto foi a forma que os primeiros seres humanos encontraram para contar os acontecimentos do seu cotidiano e as suas vivências reais.

Através das imagens pintadas, de homúnculos eternizados em tintas rústicas, que o homem encontrou um meio de se representar e se fazer presente de forma simbólica. Foi assim que encontramos a vontade de comunicar e compartilhar experiências. A ideia de comunicação, desde as primeiras noções de sua etimologia, já escancara o sentido de comunhão, comum, partilha, relação.

Compreender a potencialidade das imagens para a construção e formação do conhecimento humano se faz necessário para que se possa entender os conceitos de imaginário, tão pautados nas formações imagéticas que temos acerca do mundo. No entanto, apesar de, reconhecidamente, o processo de desenvolvimento cognitivo do ser humano, *homo sapiens sapiens*, ter passado primeiramente por formulações com referências simbólicas, as imagens, ao longo da consolidação dos variados campos de conhecimento humano, sofreram represálias acerca da sua potencialidade científica.

As imagens podem ser compreendidas como construções alicerçadas em informações adquiridas com experiências visuais, o que nos ajuda a perceber e ampliar nossa concepção de realidade. De acordo com Laplatine e Trindade (1996), as imagens funcionam como informações de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Logo, a imagem que temos de determinado objeto não é o objeto em si, mas uma percepção do que sabemos desse objeto.

O conceito de imaginário está intrinsecamente conectado a essa noção de imagens para a construção do conhecimento humano. Podemos entender o imaginário como um conjunto de imagens, símbolos e signos de diferentes tipos de uma determinada sociedade, comunidade ou grupo social. São informações que conectam a sociedade, uma forma de comunicação, e é por isso que é metaforizado por Maffesoli (2003) como um “cimento social”, que tem a potencialidade de ligar indivíduos, grupos, seres humanos, através desse ato comunicacional simbólico, gerando a “tribalização”, ou seja, a conexão de certos grupos sociais por afinidades simbólicas.

Apesar da noção da construção do conhecimento das sociedades se embasar desde a era primata em símbolos, formas, figuras e outros tipos de imagens, no decorrer do desenvolvimento científico as críticas iconoclastas tornaram-se fortes e eficazes, no sentido de até menosprezar a potencialidade das imagens e os estudos que levam em consideração o imaginário na construção científica de conhecimento.

Essa iconoclastia endêmica, de acordo com Gilbert Durand, se fortalece após a consolidação do positivismo e do historicismo, duas filosofias que desvalorizaram a importância dos estudos do imaginário.

É do casamento entre a fatualidade dos empiristas e o rigor iconoclasta do racionalismo clássico que nasce, no século XIX, o positivismo - de que nossas pedagogias são ainda tributárias: Jules Ferry era discípulo de Auguste Comte e as filosofias da história. Cientificismo (isto é, doutrina que reconhece como única verdade aquela que é passível do método científico) e historicismo (doutrina que só reconhece como causas reais aquelas que se manifestam mais ou menos materialmente, no acontecimento da História) são duas filosofias que desvalorizam totalmente o imaginário, o pensamento simbólico, o raciocínio por similitude, portanto, a metáfora... (DURAND, 1994, p. 4).

Desse modo, se consolidou a tradição de um conhecimento iconoclasta racionalista em detrimento de uma filosofia da imagem, do mito e dos símbolos, chegando a ciência a renegar a potencialidade de se compreender a vida humana pelas formas imagéticas da sociedade.

Essa lenta erosão do papel do imaginário na filosofia e na epistemologia ocidentais, se, por um lado, assegurou a enorme explosão do progresso técnico e a dominação desse poder material sobre as outras civilizações, por outro lado, dotou o adulto “branco e civilizado” de um particularismo marcado, separando-o e sua “mentalidade lógica” do resto das culturas do mundo, tachadas de “prelógicas”, de “primitivas”, ou de “arcaicas”. Mas essa consolidação de um exclusivo “pensamento sem imagem”, de uma recusa - contra a natureza e contra muitas das grandes civilizações - dos valores e dos poderes do imaginário, no único proveito dos traçados da razão e da brutalidade dos fatos, encontrou, no próprio Ocidente, inúmeras resistências (DURAND, 1994, p. 4).

No entanto, a resistência de consolidar o conhecimento em formas imagéticas encontrou falácia em sua própria constituição, visto que a própria ciência se constitui de formas e imagens para consolidar o conhecimento. Gilbert Durand (1994) consolida essa ideia quando contextualiza a importância dos mitos para a formação da sociedade, resgatando essa funcionalidade mítica desde as primeiras gerações de filósofos até pensadores de fases mais recentes da filosofia.

Desde a aurora socrática do racionalismo ocidental, o próprio Platão, através de quem unicamente conhecemos a filosofia do seu mestre Sócrates, sustenta uma doutrina mais cheia de nuances quanto à validade da imagem do que a do seu sucessor, Aristóteles. [...] Contrariamente a Kant, Platão admite que há uma via de acesso às verdades indemonstráveis, graças à linguagem imaginária do mito: existência da alma, além da morte, mistérios do amor... É a imagem mítica que fala diretamente à alma, precisamente lá, onde a dialética bloqueada não mais pode penetrar (DURAND, 1994, p. 4).

Através da constituição histórica de Durand, sobre a recorrência do conhecimento ocidental às imagens, podemos perceber que a própria ciência, a mesma iconoclasta que ajudou a consolidar o processo de construção científica, não deixou de se alicerçar nas formas originárias dos processos de construção de conhecimento, ou seja, as imagens. O imaginário, o

símbolo, e tudo referente aos conhecimentos substanciais resistiram às correntes científicas puramente materialistas.

A potencialidade das imagens retornou junto com a Contra-Reforma da Igreja Romana. Após o expurgo imagético nas tradições religiosas cristãs, com a luta de Martinho Lutero contra as representações de imagens divinas dentro do cristianismo, entre outras reivindicações, que levou à Reforma Protestante no início do século XVI, outras correntes religiosas viram a necessidade da representação divina por meio de imagens, “sobretudo, ao imaginário ‘espiritual’ dos protestantes, ela oporá, de modo decidido, a iconodúlia das figurações carnaís da Santa Família, dita ‘jesuítica’” (DURAND, 1994, p.6).

De acordo com Durand, o imaginário seria um sistema simbólico permeado por arquétipos e conhecimentos sociais com reflexos sensoriais que dão nascimento às nossas imagens mentais. O conceito de imaginário, então, se infiltraria por toda gama de conhecimento que existe nos seres humanos, tanto de forma biológica, com nossas percepções físicas e afetivas, culturais, se manifestando e influenciando em nossas representações sociais, nas formas como enxergamos o mundo.

De certa forma, imaginário está ligado a um repertório cognitivo individual, referente às imagens pessoais e por isso foi tão relevante para a psicanálise, em destaque, de Freud e Jung, nas conceituações de consciente e inconsciente, imagens, ego, alter-ego e id etc. Essas psicologias profundas, assim denominadas por Durand (1994), foram essenciais para a consolidação dos estudos do imaginário, símbolos e imagens na ciência.

A descoberta da relevância do inconsciente para compreender a psique humana foi um trunfo significativo no estabelecimento do imaginário no cientificismo racionalista.

A noção e a experimentação do “funcionamento real do pensamento” iriam evidenciar que o psiquismo humano não trabalha somente na clareza diurna da percepção imediata e da racionalidade do encadeamento das idéias, mas ainda na penumbra ou noite de um inconsciente, onde se revelam as imagens irracionais do sonho, da neurose ou da criação poética (DURAND, 1994, p.10).

Enquanto Freud mostrou o papel fundamental da imagem como elo entre mensagens manifestas e o inconsciente, em que a imagem seria uma espécie de “intermediária entre um inconsciente inconfessável e uma tomada de consciência confessada” (DURAND, p.10), mostrando como um sintoma de uma enfermidade psíquica; Jung concedeu à imagem o poder de autoconstrução (ou “individuação”) da psique, chegando a imagem a ser agente da terapia, utilizada em métodos diagnósticos e terapêuticos.

O percurso do papel da imagem para a psique humana foi essencial, como já dito, para essa consolidação científica. No entanto, os estudos de símbolos e imaginário também se

consolidaram em aspectos sociais, alargando o alcance da potencialidade das imagens para as esferas públicas e sociais. Durante o percurso epistemológico, a sociologia não conseguiu, nem poderia, dissociar os estudos sobre representações sociais das formas da vida social.

De Weber, com sua imaginação empática, em que propõe uma “proximidade mental com um evento ou uma atividade mesmo distantes ou excepcionais” (LEGROS e outros, 2014, p.29) à consolidação do papel dos símbolos para a interação entre os atores sociais e constituição de instituições, o imaginário foi se consolidando pouco a pouco nos estudos sociológicos.

Esse campo, no entanto, se consolidou muito mais nos aspectos políticos e religiosos, como Marx, Engels, Durkheim e Tocqueville, que “concentraram seus esforços sobre o universo religioso, as ideologias, os tipos de legitimidade política e o direito, as ligações entre o ‘si’, os outros e os grupos organizados” (LEGROS e outros, 2014, p.29).

Já Simmel, segundo a leitura de Legros e outros (2014), encontra-se em lugar incomum quando trata da relação do imaginário com a vida cotidiana, estudos ainda marginais nas pesquisas sobre imaginário. A importância de Simmel está na sua percepção acerca das formas percebidas no seio da *pólis*. O sociólogo percebeu as ocorrências e transformações culturais, econômicas e políticas nos agentes sociais dentro das experiências fenomenológicas vividas no cotidiano de grandes cidades.

Quando se fala em cotidiano não há como dissociar o conceito da palavra imaginário e relocar esses significados em linhas paralelas e não tangenciais, pois não há cotidiano sem imaginário e não há imaginário que não se alimente pelo cotidiano. Perceber o imaginário social através dos símbolos produzidos na cotidianidade dos sujeitos sociais é compreender a sociedade em seu âmago fenomenológico, de experiências empíricas.

Em *Sociologia do Imaginário* (LEGROS e outros, 2014), os autores especificam três significados para a expressão imaginário social, de acordo com o pensamento de Stronneau.

Para simplificar, eu distinguiria três significados fundamentais: a) *Dimensão mítica da existência social*: é ela que inspira as mitologias sociológicas e conduz ao esclarecimento dos mitos dominantes de uma determinada época, de uma cultura, de uma nação, de uma geração, literária ou artística, de uma classe social. b) *Imaginação de uma outra sociedade*: ela está em marcha nas utopias, nos milenarismos, nas ideologias revolucionárias. É o imaginário da esperança [...]. c) *Imaginário mais moderno e cotidiano* (recente): visto nas práticas de todos os dias: paisagem urbana, objetos familiares, encontros fortuitos, percursos usuais, distrações populares (STRONNEAU citado por LEGROS e outros, 2014, pp.11 e 12).

Após esse breve percurso epistemológico que traça a conexão dos estudos do imaginário com o meio social, pudemos compreendermos como se relacionam a vivência do nosso cotidiano e os símbolos da nossa sociedade, tanto os símbolos já consolidados quanto os que



ainda estão sendo construídos diariamente pelas mais diversas instituições sociais, sejam instituições políticas, culturais, religiosas ou, no nosso caso, de instituições midiáticas.

### 3.2 O IMAGINÁRIO SIMBÓLICO PARA A COMUNICAÇÃO

Dentre os diversos autores que tratam das questões simbólicas, desde os pesquisadores do campo do imaginário aos estudiosos da psicanálise e semiótica, há correntes que estabelecem divergências e coerências entre os significados de símbolos e imaginário. Assim, essa teoria perpassa por um longo trajeto de definição sociológica, antropológica e psicanalítica. Utilizamos aqui alguns dos conceitos de Gilbert Durand para o desenvolvimento dessa pesquisa, o que não nos impede, no entanto, de ter buscado referências bibliográficas de outros autores para subsidiar nosso estudo.

Para entender o que é imaginário se faz necessário uma breve compreensão sobre o conceito de símbolo. Simplificando conceitos, apenas a critério didático, o símbolo seria um componente que representa algo, tornando uma ideia sensível, enquanto o imaginário seria um conjunto de símbolos, imagens e signos (de diferentes categorias) que permeiam a vida em sociedade.

Para Gilbert Durand, o símbolo pertence à categoria do signo, e é caracterizado como subterfúgio de economia de significados, ou seja, nasce como um atalho para "economizar operações mentais", pois é "mais rápido desenhar numa etiqueta um crânio estilizado e duas tífias cruzadas do que explicitar o complicado processo através do qual o cianeto de potássio destrói a vida" (DURAND, 1994, p.8).

A comunicação humana se dá através de signos de diferentes categorias, principalmente simbólicas. Pelas relações de interações que temos no nosso cotidiano conseguimos trocar experiências por palavras, imagens, fotografias, linguagens de diversas ordens. Logo, quando não se tem a referência do que se quer comunicar de maneira clara, recorre-se ao uso da representação simbólica, para se construir uma imagem mental que represente o que se quer dizer.

Durand afirma que esse processo para representar o mundo é uma forma indireta, "quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se <<em carne e osso>> à sensibilidade, como por exemplo na recordação da nossa infância" (DURAND, 1994, p.7).

Assim, distingue os signos em dois tipos: arbitrários e alegóricos. Os arbitrários seriam puramente indicativos, que remetem a uma realidade significada, já os alegóricos remeteriam a uma realidade cuja significação dificilmente seria apresentável, ou seja, seriam signos que necessitariam figurar concretamente a realidade que pretendem significar. Essa última categoria, para Durand, se relaciona à imaginação simbólica, "quando o significado não é de modo algum apresentável e o signo só pode referir-se a um sentido e não a uma coisa sensível" (DURAND, 1994, p.10). O mito seria um exemplo disso. A narrativa mitológica está para representar uma realidade não sensível, que está no campo simbólico de imagens.

Assim, para Durand, o símbolo é:

[...] qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de perceber, ou ainda, como Jung <<A melhor figura possível de uma coisa relativamente desconhecida que não conseguíamos designar inicialmente de uma maneira mais clara e mais característica>> (DURAND, 1994, p.10).

Por outro lado, o mito nada mais é que um processo comunicativo que colaborou para construção do conhecimento da humanidade por meio de imagens metafóricas para referenciar histórias do mundo. As narrativas habitam nas formas de convivência humana desde os primórdios, como já na mencionada era primitiva. Essa comunicação, seja ela uma narrativa mítica, ou história contada, se faz por referências simbólicas. O mundo da vida é o mundo dos significados, de subjetividades e objetividades compartilhadas através da comunicação.

Em *A Teoria da Comunicação de Schultz*, Correia (2005) procura explicar os processos de comunicação dos sujeitos sociais através de suas intersubjetividades compartilhadas no cotidiano. Somos seres de signos, que criamos significações a todo momento.

Para Schultz (citado por CORREIA, 2005), a comunicação é instância estruturante da sociabilidade, um conceito que logo nos remete à existência de significados objetivos nas experiências partilhadas na cultura da vida cotidiana, ação possível graças às subjetividades dos signos utilizados pelos agentes sociais.

[...] o mundo da vida é um mundo de evidências e de significados comuns intersubjectivamente partilhados, sendo a comunicação que assegura a estruturação de contextos de significados objectivos que são tidos por independentes da experiência subjectiva dos agentes sociais. É através da comunicação na vida quotidiana que superamos a experiência da transcendência dos outros, designadamente das experiências do mundo que lhe são próprias. Logo, a comunicação na vida quotidiana é essencial para a compreensão entre os diferentes âmbitos de significado finito em que esse mundo se estratifica" (SCHUTZ citado por CORREIA, 2005, p. 106).

De acordo com Schultz (citado por CORREIA, 2005), a comunicação só é possível na vida cotidiana, e mais ainda, só acontece nas várias províncias de realidade, uma realidade que

pode ser experimentada através das experiências de transcendências que experimentamos no mundo da vida. Por isso, compreendemos que o recorte proposto por esta pesquisa irá nos ajudar a compreender a cidade de João Pessoa através das narrativas jornalísticas.

A ideia de transcendência é fundada nas experiências que temos no cotidiano e também na relação com as experiências que temos com o outro, relações que estabelecemos simbolicamente e pomos em prática através da comunicação. Schultz retoma um conceito da psicologia, o alter-ego, para explicar que nos reconhecemos no outro, que nos percebemos no mundo da vida através de intersubjetividades alheias, além das nossas também. E o que preenche esse mundo da vida de intersubjetividades e conceitos são as linguagens, conjuntos de tipificações socialmente aceitos.

Desde o primeiro instante da nossa chegada ao mundo somos batizados com marcas, indicações, signos e símbolos. Começa pelo nome que nos é dado, a relação espaço-temporal que temos com o nosso ambiente, a educação que recebemos dos nossos pais, os afetos que desenvolvemos... Somos marcados com várias experiências de transcendências ao longo da vida, ao longo da nossa existência no mundo da vida.

A identificação com um grupo surge quando conseguimos transcendência através da comunicação. Um dos artefatos para essa identificação mais próxima é a partilha de signos comuns entre os agentes sociais, ou seja, os seres compartilham significados com conceitos convencionados: os símbolos. Para Schultz (citado por CORREIA, 2005) o símbolo é uma referência apresentacional de ordem mais elevada, baseada nas marcas, indicações e signos previamente estabelecidos.

Na concepção de Schultz (citado por CORREIA, 2005) a compreensão dos símbolos não é processada de forma direta, é preciso levar em conta o “Aqui e Agora”, um conceito que remete à filosofia pragmática de Henri Bergson, à sua Teoria da Intuição, que preza pela captação da realidade através do “eu do momento”, observar o mundo da maneira primeira, intuitiva perceptiva.

Seja para estudiosos da antropologia do imaginário, no caso Durand, seja para pesquisadores da área de comunicação, como por exemplo Schultz, a importância dos símbolos encontra-se na potencialidade em referenciar conhecimentos externos nem sempre apresentáveis de maneira sensível, tocável, material. O símbolo é um suporte essencial para os processos comunicativos, assim como para os meios de referências ao imaginário.

Logo, falar em imaginário de determinada sociedade remete, também, a modos de comunicação desse espaço-temporal de significados, que produz sentidos a todo tempo e

maneiras de referir-se sempre aos imaginários coletivos de determinado lugar. É assim que funciona a mídia, como uma instância social que se utiliza de símbolos do imaginário social para comunicar e informar à sociedade, ao mesmo tempo que também ajuda a construir novos símbolos e signos que interferem e interagem nas relações sociais e imaginária dos indivíduos.

### 3.3 A COMPREENSÃO DO COTIDIANO

As teorias do cotidiano buscam compreender a sociedade e a cotidianidade em suas múltiplas relações pela ótica do sujeito, do senso comum, da intersubjetividade, analisando as interações simbólicas entre os atores sociais no mundo da vida. De acordo com Tedesco (2003), as teorias do cotidiano são embasadas em conceitos fundamentados na Sociologia Compreensiva, de Weber e na Fenomenologia de Husserl, conceituações essas que procuram se contrapor às epistemologias normativas sociológicas marxistas, as quais procuram a compreensão da sociedade pelos seus modos de produção.

Enquanto a Sociologia Compreensiva de Weber preocupa-se com interpretação das ações sociais pelas perspectivas dos sujeitos, e de grupos sociais; e a Fenomenologia de Husserl com a descrição das experiências de consciências vividas; as correntes marxistas tinham um viés de análise mais socioeconômica, ou seja, procura compreender as relações sociais pelas vias da economia, da cultura, da política, luta de classes etc.

O entendimento de uma epistemologia que busca conhecer a sociedade pelos seus indivíduos e suas interações simbólicas tem, assim, uma perspectiva de análise mais sensível do meio social. As teorias do cotidiano nos permitem desenvolver uma leitura crítica sobre os discursos midiáticos, na medida em que possibilitam a compreensão de interações que ocorrem em âmbito microsocial, um caminho que abre passagem para a construção de um conhecimento holístico, já que reconhece a falha da super dominação das instituições sociais, dos aparelhos ideológicos da sociedade, e reconhece as astúcias dos sujeitos sociais e suas resistências culturais.

Uma perspectiva que procura compreender a vida da forma como se apresenta, seja fluída e efêmera, é a teoria do formismo de Maffesoli, que funciona como “[...] um polípode que tem implicações estéticas, éticas, econômicas, políticas, e, evidentemente, gnosiológica” (PEREIRA, 2007, p. 2).

Segundo Tedesco (2003), Maffesoli busca captar as essências das vidas cotidianas, inclusive no senso comum, e por isso atribui ao formalismo o sentido de conhecimento estático, taxativo, apenas racionalista, diferente do formismo, que abrange um sentido muito mais amplo e sensível da realidade.

Não acreditando que o conhecimento científico possa dar conta da complexidade social (influência Weberiana) e de seu antagonismo, Maffesoli propõe uma vigilância à respiração social, à experiência do mundo vivido coletivamente, ao imaginal, ao pluralismo da vida, longe dos mitos da razão, do progressismo e da institucionalização do intelectual. O autor centra sua atenção na ideia de formismo como contraponto ao formalismo (forma, formada, fixa, imóvel), sendo aquele uma forma formante, portanto, virtual, imprevisível, contraditória, dinâmica e processual (TEDESCO, 2003, p. 32).

Nessa compreensão, percebemos que é necessário um conhecimento sensível, que leva em consideração as nuances das sociabilidades em seus aspectos imaginários, afetivos e substanciais e que nos permite perceber as aparências da cotidianidade. Essas aparências seriam as formas pelas quais os estilos sociais se apresentam de fato, seria o que Maffesoli chama de “encenação” da vida cotidiana.

O sociólogo metaforiza conceitos do teatro para explicar como os sujeitos sociais, as comunidades, os microgrupos e tribos se utilizam da teatralidade para construir suas representações no palco da vida, o que ele chama de “trama social” (MAFFESOLI, 1998).

No jornalismo não é diferente. A construção da realidade é teatralidade e se faz a partir do que se quer mostrar. Quando os discursos da mídia, mais especificamente jornalísticos, representam sujeitos e formas do cotidiano é uma teatralização midiática performática, mas que muitas vezes recorta mais que reporta.

Essa aproximação das narrativas jornalísticas com o cotidiano é consequência natural, para Maffesoli (1998).

Pode-se lembrar, a esse respeito, o que defensores de uma sociologia fenomenológica, como P. Berger e T. Luckmann, chamam de — “universo simbólico”, que é preciso compreender como sendo a soma das interações que constituem, essencialmente, a vida social. Ora, essas interações não são de modo algum abstratas. Não mais do que não são unicamente racionais, lógicas, ou simplesmente econômicas. Na realidade, enraízam-se profundamente na vida banal e manifestam-se em pequenos fenômenos cotidianos que vão, progressivamente, constituir aquilo que, sem prestar muita atenção, chamamos de trama social. Os jornalistas estão cada vez mais atentos a isso, concedendo, ao lado das rubricas políticas, econômicas, um lugar não negligenciável às chamadas —ocorrências‖ (fr. —faits divers‖). (MAFFESOLI, 1998, p. 123 e 124).

Seguindo a linha de Maffesoli, Pereira (2007) entende que os discursos midiáticos, ao representarem o cotidiano, encontram na dramatização dos fatos sociais simulacros que interferem no imaginário social, ele afirma que os discursos midiáticos chegam a mostrar “o dia-a-dia dos cidadãos através de uma lógica da irrupção social” (p.67).

Uma das consequências da leitura do espaço público social, nesse caso, das cidades, seria essa fragmentação da realidade, em que “os fatos cotidianos aparecem isolados dos estatutos sociais e das forças estético-ideológicas empreendidas na luta pela ocupação dos espaços na sociedade” (PEREIRA, 2007, p.67).

### 3.3.1 A construção simbólica e imaginária no Cotidiano

Quando se fala em cotidiano, não há como separar do sentido de imaginário, pois o “retorno do imaginário não saberia se apartar da ‘vida cotidiana’ e deve coexistir com a racionalidade” (DURAND e WEIL citado por LEGROS e outros, 2014, p.11). É no cotidiano das vivências dos sujeitos sociais que se constroem os significados e os símbolos de determinada comunidade, sociedade, tribo, ou seja, de qualquer conjuntura social.

A ideia de cotidiano para o senso comum é relacionada ao tempo: é o dia a dia do sujeito, que acorda, toma café, trabalha, vive a rotina e volta a repeti-la diariamente. Para Maffesoli, no entanto, o conceito de cotidiano vai além, é uma maneira de perceber a realidade compreendendo as formas das relações e ações sociais, das comunidades e tribos, revelando o visível e o invisível das aparências dos sujeitos. E perceber esses movimentos orgânicos do mundo da vida é função de uma razão sensível (MAFFESOLI, 1998).

Assim, a tarefa que nos cabe é bem a de voltar a essa vida vivida ou mais próxima, a essa empiria; para retomar uma expressão da fenomenologia, —à própria coisa. É isso que pode fazer com que apreciemos o hedonismo cotidiano. É isso que pode nos permitir superar aquela filosofia *apriorista* que, a partir de uma distinção radical estabelecida entre as idéias e a vida, vai considerar que esta última é naturalmente — conforme as tendências teóricas — seja alienada, seja banal ou sem interesse. (MAFFESOLI, 1998, p. 45).

É por isso, que no entender de Pereira (2007), o conceito de cotidiano de Maffesoli vai além das camadas semânticas intelectualistas, puramente racionais, pois aprofunda em sentidos e significados do senso comum, em uma compreensão mais sensível do mundo da vida:

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos, utilizar na arena intelectual. É um estilo no sentido de [...] algo abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma “encarnação” ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e de agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (PEREIRA, 2007, p. 1).

Por essa perspectiva de Pereira, que segue a linha de significação de cotidiano de Maffesoli (2001) definindo-o como um estilo, o cotidiano seria então uma forma dada à vida, uma aparência dada ao dia a dia, ao conhecimento construído nas relações da sociabilidade, diariamente. O conceito é fluído por estar embasado no que é passageiro e banal.

Pesquisar a mídia e suas produções culturais sob uma perspectiva das teorias do cotidiano, e do imaginário consequentemente, é tentar captar nuances, compreender simulacros e observar o discurso midiático de forma não taxativa.

Construir uma ideia sobre determinada sociedade ou grupo social através da leitura da mídia é um trajeto que geralmente fada ao erro, por conta das representações fragmentadas que os discursos midiáticos sempre recorrem, criando estereótipos e estéticas fechadas.

Essa é uma discussão que trouxemos para esta pesquisa, pois, através das leituras sobre a cidade de João Pessoa, nos cadernos de Cidades de maior veiculação local, podemos perceber que a cidade é um lastro de paradoxos, vive entre caos, movimentos diversos e irrupções, permeada por imagens de dualidade, seja de vida, seja de morte. O caderno de Cidades é um espaço simbólico que ora apresenta serviços à comunidade, ora se apresenta como lugar de narrativas caóticas.

#### 4 UMA PERSPECTIVA SENSÍVEL PARA OS DISCURSOS JORNALÍSTICOS

Ter o objeto de estudo numa linha de conexão entre discurso midiático, especificamente o jornalismo, e imaginário, o qual automaticamente está conectado com a ideia de produção simbólica no cotidiano, num primeiro momento, pode parecer um desafio, pois situa-se em um campo epistemológico que prioriza o sensível, ao invés de uma razão puramente materialista (linha ideológica característica nas produções midiáticas).

Neste capítulo, buscamos compreender e identificar as relações entre o conceito de símbolo e imaginário nas construções das narrativas midiáticas, partindo de uma perspectiva que necessita de uma noção sensível para que possamos entender essas correlações. Para tanto, utilizamos uma bibliografia que traça ligações entre imaginário e produções midiáticas, principalmente jornalística.

Com esse direcionamento, introduzimos nesta etapa um tópico que correlaciona o sentido de imaginário com a construção simbólica de uma cidade, e, mais à frente, aprofundamos na compreensão da cidade de João Pessoa através das leituras das narrativas midiáticas.

Para Silva (2010), as produções simbólicas, imaginativas, míticas e imaginárias têm caráter social e coletivo, e por isso podem, e devem, ser tratadas no âmbito da produção simbólica dos discursos midiáticos, como no jornalismo.

No entanto, o campo de estudo jornalístico tem como premissa a objetividade e a razão instrumental como pressupostos básicos na constituição de sua episteme.

Estudar o imaginário na imprensa supõe, de antemão, o enfrentamento dos fundamentos que vêm sustentando uma Teoria do Jornalismo bastante difundida no ensino e pesquisa desta área no país – os da objetividade, imparcialidade, clareza e exatidão. Inserida na camisa-de-força da realidade factual e comprovável empiricamente, esta teoria ignora ou recusa as manifestações sensíveis e emocionais, simbólicas e míticas do mundo imaginário, percebidas aquém e além do que nos mostram os recursos do pensamento racional e objetivo, e que estão presentes rotineiramente nas temáticas diversas da cobertura jornalística (SILVA, 2010, p. 1).

Porém, os discursos midiáticos nos mostram uma dualidade entre razão, quando se programa e se sustenta em técnicas de produção e reprodução discursiva, e instintos, quando reflete aspectos culturais inerentes de uma sociedade permeada por relações humanas, pois a afetividade é fonte da sociabilidade.

Michel Maffesoli (1998) defende a sensibilidade como parte necessária para a inteligência, pois nem toda leitura da sociedade é atrelada à materialidade. O autor critica a compreensão do



mundo da vida apenas pela ótica da razão instrumental tão valorizada no decorrer dos anos de desenvolvimento da cultura ocidental, defendendo uma deontologia sensível, que não busca suprimir a materialidade, mas trabalhar em conjunto com uma ética das situações, ou seja, uma ética que considera um *ethos* sensível.

Todavia, por mais relativista que seja, a lição das coisas não implica de modo algum uma abdicação do intelecto. Trata-se simplesmente de um desafio ao qual é preciso responder. E, em seu sentido mais estrito, ela remete para uma deontologia, a saber, para uma consideração das situações (*ta deonta*) naquilo que elas têm de efêmero, de sombrio, de equívoco, mas também de grandioso. É assim que à moral do “dever ser” poderia suceder uma ética das situações. Esta, ou melhor seria dizer, estas últimas são atenciosas à paixão, à emoção, numa palavra, aos afetos de que estão impregnados os fenômenos humanos (MAFFESOLI, 1998, p.10).

Por essa ótica, caberia também uma análise das construções discursivas midiáticas da pós-modernidade. De acordo com Maffesoli (1998), essa herança de separar aquilo que é científico e admissível daquilo que é vulgar, comum e ordinário, representado pelas formas do cotidiano, é uma consequência da “petrificação da razão”, uma carga herdada pelo mito do “burguesismo”, que vem se alastrando desde a Revolução Francesa até as produções culturais da atualidade.

A reflexão que nos deixa após analisar a mídia sob essa perspectiva é: os produtos midiáticos, por serem essencialmente filhos de uma cultura burguesa, carregam esse bem absoluto da razão como norteador nos seus discursos quando tenta explicar as formas do cotidiano fragmentando as histórias dos fatos e personagens do mundo da vida, caindo assim em um abismo de representação distorcida da realidade. Essa má interpretação nos discursos midiáticos do cotidiano fragmenta também nossa percepção do mundo da vida. Afinal, o mundo não é um plano cartesiano, tem muito mais dimensões sociais que precisam ser representadas.

Assim como Maffesoli faz uma crítica do modo como a ciência vêm exaltando o racionalismo – “ao tornar-se um sistema fechado sobre si próprio, o racionalismo traiu a ambição, sempre renovada, da racionalidade” (MAFFESOLI, 1998, p.47), fazemos aqui uma crítica ao modo como os discursos midiáticos despedaçam a realidade em recortes de uma representação que tenta explicar os fatos sociais, atendo-se ao modo factual dos acontecimentos. Uma percepção que não vai além de uma ética instrumentalizada e não leva em conta o sensível do social.

#### 4.1 O DISCURSO JORNALÍSTICO E O IMAGINÁRIO

Os estudos do imaginário localizam-se no âmbito do sensível, e procura compreender o meio social por meio desse conjunto imagético que constrói nosso conhecimento acerca do mundo da vida, pois a “relação imaginário e jornalismo interessa o aspecto coletivo, a manifestação social do imaginário, uma vez que o fenômeno da comunicação noticiosa é de natureza igualmente social e coletiva” (SILVA, 2010, p.5).

Um estudo do jornalismo sobre uma perspectiva do imaginário é sim possível, de acordo com Silva (2010), tanto em pesquisas de recepção quanto em pesquisas de produção de sentido, caso desta dissertação.

Importante considerar o relato jornalístico (de qualquer matéria jornalística: *hardnews*, *softnews*, opinativa, sensacionalista etc) como lugar de expressão (clara ou obscura, latente ou facilmente visível) do imaginário social compartilhado por todos os sujeitos envolvidos no universo das notícias, sejam repórteres, leitores/receptores, fontes, publicitários, proprietários do veículo, editores, anunciantes. Insisto que ambos, produtores e receptores de notícias, compartilham imaginários, e por isso é que podemos estudar esse mundo imaginal tanto no texto, na observação e coleta junto aos jornalistas, na recepção (SILVA, 2010, p.9).

Desde os primeiros estudos sobre jornalismo, na busca epistemológica pela compreensão desse campo de produção simbólica, que foi, e ainda continua sendo, marca de referencialidade de discursos na sociedade pós-moderna, foi posto à prática jornalística a potencialidade de construir e interferir nas imagens mentais que temos acerca do mundo da vida.

Para Silva (2010), a imprensa é campo fértil de produção simbólica e também lugar de referência para a observação de imagens sociais.

Se o imaginário tudo perpassa, a imprensa é *locus* fecundo de observação desses vestígios imaginais, uma vez que as notícias trazem toda a diversidade do mundo, da política e economia à arte, entretenimento e vida cotidiana. Toma-se, então, o jornalismo como uma tecnologia de criação e reprodução de imaginários sociais, como fonte que alimenta com imaginários o cotidiano contemporâneo [...] (SILVA, 2010, p.9).

Por isso que a autora se debruça sobre o rico campo metodológico do trajeto antropológico de Durand como epistemologia base para a compreensão do imaginário através dos discursos midiáticos, “porque, ao considerar o transitável entre o indivíduo e o social através da ponte do imaginário, nos fornece o percurso necessário para compreender as imagens trabalhadas no e pelo jornalismo” (SILVA, 2010, p.9).

Os discursos jornalísticos, através de suas produções imagéticas, sejam textuais ou visuais, apresentam-se como campo fértil para análise do imaginário social.

Por isso, as notícias devem ser compreendidas como um exercício de produção de sentido e de entendimento do mundo que responde não só a demandas pragmáticas – apreender a realidade objetiva e rotineira – mas também a demandas subjetivas – nos elevar “para além do imediato diário” e nos situar “dentro de ‘imensos edifícios de representação simbólica’” (SILVA, 2010, p. 12).

As produções midiáticas seriam então esse campo onde se reproduzem representações da sociedade em que podemos compreender o meio social. Os discursos jornalísticos são feixes de representações discursivas do cotidiano e do imaginário social de determinada localidade.

#### 4.2 OS CADERNOS DE CIDADE E OS IMAGINÁRIOS DA CIDADE

O imaginário social pode ser compreendido pelas leituras dos discursos jornalísticos, que procuram representar o cotidiano social e suas mais diversas formas narrativas. No entanto, é preciso compreender que a representação de uma imagem não é o objeto em si, é símbolo apenas referente à realidade.

Isso já foi pressuposto de estudos realizados por diversos autores que tinham como objeto de pesquisa o campo jornalístico, como Lippman (2008), por exemplo, que escreveu sobre a potencialidade dos discursos midiáticos de criar imagens mentais em nós.

Porém, essas imagens mentais criadas pelas narrativas midiáticas, no caso em questão do jornalismo, não podem ser tomadas como referencialidade fiel da realidade, pois o jornalismo se porta como mediador entre o público-leitor e os fatos (sociais) que realmente acontecem no meio social.

Olhando para trás podemos ver o quão indiretamente conhecemos o ambiente no qual, todavia, vivemos. Podemos observar que as notícias sobre ele nos chegam ora rapidamente, ora lentamente, mas o que acreditamos ser uma imagem verdadeira, nós a tratamos como se ela fosse o próprio ambiente. Esta lição sobre as crenças resulta mais difícil recordar quando se trata daquelas nas quais baseamos nosso comportamento atual, quando se trata das pertencentes a outras pessoas ou épocas (LIPPMAN, 2008, p. 22).

A própria literatura acerca das teorias do jornalismo procurou se atualizar nesse sentido e se contrapor a essa visão positivista de que a mídia é um espelho<sup>6</sup> da realidade.

O único sentimento que alguém pode ter acerca de um evento que ele não vivenciou é o sentimento provocado por sua imagem mental daquele evento. É por isto que, até sabermos o que os outros pensam que sabem, não poderemos verdadeiramente entender seus atos (LIPPMAN, 2008, p. 29).

---

<sup>6</sup> Teoria do espelho do jornalismo: Preconiza a ideia de que o jornalista é um mediador imparcial e relata os fatos sociais de maneira objetiva, refletindo os relatos como um espelho do meio social.

Logo, podemos compreender, que os discursos midiáticos que procuram representar o cotidiano citadino não são a realidade dessa vivência da cotidianidade em experiência diária dos sujeitos sociais. Os discursos jornalísticos nos fazem criar imagens mentais, que buscam referências em nosso repertório cognitivo e simbólico, nosso imaginário particular, que também se pauta em nosso imaginário social, para construir a noção que temos acerca do mundo da vida.

As narrativas jornalísticas, podem ser, assim, entendidas como passagens simbólicas, que trabalham na construção do conhecimento da realidade a partir de representações sensíveis. Ou seja, o jornalismo constrói uma realidade paralela à realidade tátil, mas que representa essa realidade simbolicamente, chegando a ser fonte de representação e referência para conhecermos o mundo.

Entendemos, nessa pesquisa, que o caderno de Cidades dos jornais analisados é um lugar de discurso que sempre apresenta uma pluralidade simbólica, inerente à vivência cotidiana do mundo da vida. A cidade, como campo de interações e formação de imaginário é assim um terreno fértil para compreensão de uma localidade.

Para Simmel, as grandes cidades são “lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e a concentração da troca econômica conferem ao meio de troca uma importância que não ocorreria na escassez da troca rural” (1903, p.5). No entanto, para ele, o intelecto e a economia monetária encontram-se em profunda relação. São essas efervescências culturais e econômicas que interferem diretamente nos seres sociais. O homem é atingido por essas “intensificações nervosas”, que são provocadas pelas mudanças constantes que acontecem no cotidiano citadino, assim que pisa na calçada.

A cidade é centro de efervescência simbólica e afeta o indivíduo a todo instante em sua vivência. Podemos conectar o conceito de cidade a um sentido de espaço público físico, pois é lugar onde acontece interação entre os mais variados tipos de conhecimento e cultura.

Rolnik (1995) define a cidade como um espaço de concentração de homens.

Na busca de algum sinal que pudesse apontar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, a imagem que me veio à cabeça foi a de um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens. (ROLNIK, 1995, p.12)

Assim, nessa perspectiva da cidade como local de sociabilidades, Wolton (citado por PEREIRA e MESQUITA, 2011, p. 3), afirma que é no espaço público onde encontra-se o “coração do funcionamento democrático”. O conceito é sempre atrelado à ideia de lugar de troca e interação comunicacional.

A primeira acepção de espaço público aproxima-se da noção de “cena pública”, entendida como cena de visibilidade em que as coisas aparecem e em que os atores sociais representam o seu papel de homens públicos (vida pública). Nesta acepção, a palavra “público” liga-se ao que é visível e observável (PEREIRA e MESQUITA, 2011, p. 3).

A cidade, então, é aqui nesta pesquisa, referência de centro de produção de conhecimento, troca simbólica e que exerce forte influência na vida dos seres sociais que nela transitam e que nela também ajudam a construir significados.

Entendendo a cidade como um espaço, tanto físico quanto espaço simbólico, que une culturas e vivências, trazemos o conceito de espaço para Durand (2012). O autor entende que o espaço “é o lugar das figurações, uma vez que é símbolo operatório do distanciamento dominado” (p.407), ou seja, onde acontece a “fantástica transcendental”, a verdadeira função imaginária, pois é uma função de imaginação, a manifestação de uma consciência imaginante que nos ajuda a compreender os sentidos mais universais das coisas do mundo.

Sartre reconhece que o espaço imaginário tem um “caráter muito mais qualitativo que a extensão da percepção: toda a determinação espacial de um objeto em imagem apresenta-se como propriedade absoluta...”. O espaço torna-se então superlativo e deixa o domínio da indiferente “localização” para empenhar a imagem na “pertença”. Esta distinção de um “espaço perceptivo” e de um “espaço representativo” é igualmente a conclusão do estudo cerrado de Piaget. O espaço representativo aparece com a função simbólica. Este espaço estaria ligado à ação, porque a “representação espacial é uma ação interiorizada (DURAND, 2012, pp.407-408)

Assim, compreendemos aqui, a cidade de João Pessoa tanto como espaço perceptivo, enquanto centro de sociabilidades, e espaço representativo, que manifesta sua função simbólica. É num espaço que se proliferam as vastas manifestações da fantástica transcendental, justamente porque o espaço “é nosso amigo, nossa atmosfera espiritual” (DURAND, 2012, p.408).

Os cadernos de Cidades, nos periódicos jornalísticos, tendem a ser o local de discurso que aglomera representações simbólicas de vários espaços, englobando um pouco de tudo do cotidiano local.

O jornal impresso, em geral, é subdividido em diversas seções, chamadas de editorias. Nos periódicos, tende-se a segregar as práticas sociais e acontecimentos do mundo da vida em diversas categorias: um lançamento de um livro vai para a página de cultura, a implementação de uma nova lei segue para o caderno de política, o resultado de um jogo de futebol migra para o espaço destinado ao esporte. E o que vai para o caderno de Cidades?

Historicamente os cadernos “Cidade” são aqueles cuja atenção se volta para o cidadão comum, seu leitor. Nesse sentido, a cidade buscada por estes cadernos é aquela enquadrada sob um ângulo que aproxima o jornal deste cidadão, da comunidade ou das comunidades da cidade. Há uma forte ligação com a questão social, com as

políticas públicas, com os órgãos de poder executivo e legislativo (TAVARES e VAZ, 2005, p. 55).

Assim como na cidade propriamente dita, a editoria de Cidades dos periódicos impressos, os jornais diários de João Pessoa, apresentam-se como espaço simbólico de nervuras sociais, representando essas “intensificações nervosas” dos sujeitos sociais em suas narrativas midiáticas, mas, mais ainda, representando o imaginário social desse espaço determinando, ajudando-nos a interpretar os símbolos da cidade, através da fantástica transcendental, da consciência imaginativa.

#### 4.3 JOÃO PESSOA E SUAS INCONGRUÊNCIAS

A cidade de João Pessoa é estigmatizada como cidade pacata, calma e tranquila. Chegando até a ser apontada pela mídia nacional, em 2017, como a melhor cidade nordestina para se viver<sup>7</sup>. Em colocação nacional, a cidade apareceu em 12º lugar, se destacando dentre “municípios com mais de 266 mil habitantes em 16 indicadores divididos em quatro áreas distintas: saúde, educação e cultura, segurança e saneamento e sustentabilidade”<sup>8</sup>.

A cidade também é apontada em outros rankings, mas sob uma perspectiva negativa. Apesar de ser considerada uma das melhores cidades para morar, a grande João Pessoa (incluindo mais três cidades paraibanas: Cabedelo, Santa Rita e Bayeux) foi apontada como um dos locais mais violentos, 4º lugar do Brasil, e 40º no mundo. O levantamento foi divulgado pela ONG mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal, em 2016, e “leva em conta o número de homicídios por 100 mil habitantes e inclui apenas cidades com 300 mil habitantes ou mais”<sup>9</sup>.

Toda essa dualidade da cidade de João Pessoa pode ser percebida pelas notícias veiculadas nos cadernos de Cidade dos dois maiores jornais paraibanos: Jornal Correio da Paraíba e Jornal A União.

---

<sup>7</sup> O levantamento foi divulgado pela revista Exame no dia 22 de abril de 2017, apontando João Pessoa como a melhor capital do Nordeste para se viver em um ranking nacional. A pesquisa foi realizada pela consultoria Macroplan. Os dados utilizados para a composição do ranking foram retirados de órgãos oficiais Governamentais da União, dos Estados e Municípios entre os anos de 2004 e 2015.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/pesquisa-aponta-joao-pessoa-como-a-melhor-capital-para-viver-no-nordeste/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2019.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/01/grande-joao-pessoa-e-16-localidade-mais-violenta-do-mundo-diz-ong.html>. Acesso em 17 de fevereiro de 2019.

Nesse espaço destinado à veiculação de fatos relacionados à vida cotidiana da cidade de João Pessoa podemos mapear sentidos axiomáticos de vida e de morte, em que ora a cidade se apresenta como espaço público de efervescência cultural, social e política encarada de maneira positiva, ora lugar de incongruências, caos e violência, lugar onde o cotidiano é permeado por irrupção.

Naturalmente, o conceito de cidade já traz consigo toda uma carga imaginária de vivências sociais de diversas facetas. De acordo com estudo realizado pelo Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções da Universidade Federal da Paraíba (PONTES, 2017), João Pessoa é dividida por uma imagem de lugar de ordem e desordem ao mesmo tempo.

A cidade é percebida para além de seu ambiente físico, de modo a compreender espaços e lugares sociais de interações individuais e grupais que tecem formas de sociabilidades, memórias e histórias. A cidade é vista como o ambiente- bairros, ruas e parques, - onde se processam as trocas materiais e simbólicas do jogo interacional, permeadas pelas emoções, mostrando-se como uma rede de solidariedade e conflito, com configurações sempre tensas de estranhamento, pertença, semelhança e dessemelhança, ordem e desordem, entre outros (BARBOSA citado por PONTES, 2017, p. 96).

Essa cidade de dualidades, a cidade pessoense, é também marcada pelo estigma do arcaico, porém apresenta as problemáticas clássicas de cidades emergentes, com suas transformações urbanas.

Esta cidade com forte característica colonial sofre um lento processo de evolução urbana e desenvolvimento econômico, devido à cultura algodoeira, que foi gradualmente, modificando a sensação de calma e monotonia por uma crescente movimentação e o aumento do ritmo das transformações urbanas. (PONTES, 2017, p. 98)

Nessa dissertação, procuramos conhecer a cidade de João Pessoa através de suas imagens veiculadas nas notícias dos cadernos de Cidade, tanto imagens figurativas, como fotografias, ilustrações e signos diversos, quanto imagens mentais provocadas pela linguagem, os textos jornalísticos.

Como vimos, a mídia colabora para essa construção de imaginários locais, interferindo até nas emoções que se tem sobre a cidade. “A mídia, através das reportagens que veicula cotidianamente, tem contribuído preponderantemente para a formação social do imaginário sobre o medo entre os moradores da cidade de João Pessoa” (SILVA citado por PONTES, 2017, p.102). Nessa perspectiva, nossa investigação segue para o material empírico das análises dos jornais para compreender as incongruências que pairam sobre o imaginário social da cidade de João Pessoa, que ora vive sob as imagens de luz da vida, ora sob a escuridão das imagens de morte nos discursos jornalísticos.

## 5 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa exploratória, descritiva, documental e bibliográfica. É primordialmente um estudo de caráter qualitativo e fundamentamos toda a parte teórica com revisões bibliográficas sobre estudos do imaginário, cotidiano e da mídia, em específico do jornalismo.

O material empírico da nossa investigação tem por base a análise documental como metodologia, já que os jornais podem ser considerados como documentos de análise. Os documentos funcionam como “uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 39).

No caso dos jornais, as matérias jornalísticas publicadas nos fornecem uma compreensão do contexto social da data da publicação e se enquadram como documentos “materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILLIPS citado por LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.38).

A fundamentação teórica foi aplicada em análises de material empírico dos dois jornais paraibanos de maior circulação no estado da Paraíba, na atualidade, consolidando a ideia de que as representações imagéticas do jornalismo (tanto narrativas textuais quanto fotografias e outros tipos de imagens) são derivadas do imaginário de dada sociedade e ajudam na compreensão desse mesmo imaginário social.

Neste caso, o suporte teórico nos possibilitou a interpretação de matérias jornalísticas dos dois jornais paraibanos (A União e Jornal Correio da Paraíba), especificamente de notícias que tratam da cidade de João Pessoa, colaborando com as catalogações das imagens de vida e de morte que cercam as narrativas nos cadernos de cidade.

Durante a fundamentação teórica desta dissertação, pudemos entender como o imaginário social e as narrativas jornalísticas se confluem em representações simbólicas. Diante disso, e de porte da teoria das estruturas antropológicas do imaginário, categorizada por Gilbert Durand, aplicamos nesta pesquisa as interpretações simbólicas dessas estruturas nas narrativas jornalísticas, o que veremos a seguir nos próximos capítulos de identificação das imagens.



## 5.1 COLETA DE DADOS E RECORTE EMPÍRICO

O material documental selecionado para esta pesquisa foi delimitado com o recorte das redações dos jornais (A União e Correio da Paraíba). Tais jornais foram selecionados por serem os periódicos impressos com maior número de circulação dentre os periódicos jornalísticos do estado da Paraíba, e também por serem os jornais impressos que ainda estão em circulação.

Como já mencionamos, o recorte empírico limitou-se à identificação de textos noticiosos de cinco anos desses jornais (2013, 2014, 2015, 2016 e 2017), com publicações dos dias 1 a 5 de agosto.

Outro critério adotado para a identificação da representação simbólica das imagens de vida e de morte que aparecem nas narrativas jornalísticas da cidade de João Pessoa foi o recorte das notícias inseridas apenas nos cadernos de Cidades, que nos dois jornais apresentam nomenclatura diferenciada. Esse tipo de editoria caracteriza-se por apresentar fatos do cotidiano social, assim como matérias de serviços.

Os cadernos de Cidades, no entanto, nem sempre aparecem com a nomenclatura Cidades. No jornal A União, por exemplo, essa editoria se apresenta com o nome Paraíba, porém é equivalente a um caderno de Cidades por sempre procurar noticiar fatos relacionados ao cotidiano dos municípios paraibanos.

Identificar as imagens de vida e de morte da cidade de João Pessoa nas narrativas jornalísticas dos jornais paraibanos foi um percurso epistemológico de compreensão do imaginário social sobre a cidade pessoense. Essa busca simbólica realizada através da identificação de textos e imagens fotográficas das matérias jornalísticas dos cadernos de Cidades dos jornais coletados nos mostrou que as cidades vivem e morrem constantemente em suas representações simbólicas nas narrativas jornalísticas. Ora nosso espaço de vivência morre com a violência exorbitante que permeia o cotidiano, ora nossa cidade revive por ações sociais, construções vívidas, turismo crescente etc.

Para uma melhor catalogação epistemológica e didática, compreendemos imagens de vida narrativas textuais e fotografias que de certa forma representam a cidade de João Pessoa como espaço público propício para se viver, lugar de expectativa de vida, esperança, novos espaços, constante evolução, mas também de movimentos e agitações, que às vezes não são interpretadas de maneira positiva. A vida tem várias facetas.

Já as imagens de morte, também para compreensão didática, compreendemos textos e fotografias – e outros tipos de figuras, que representem a cidade de João Pessoa sob uma perspectiva de irrupção. A maioria das imagens de morte que encontramos apresentavam um

aspecto social não positivo, pois a morte é um processo de rompimento, e pela nossa cultura ocidental é vista como algo negativo. No entanto, encontramos algumas poucas imagens de morte sob uma perspectiva eufêmica. Foram encontradas imagens de morte principalmente em reportagens que retratavam a violência e um cotidiano de irrupções, impróprio para a vivência. Às vezes, a morte de fato, nem era narrada ou demonstrada nas imagens, mas percebíamos no discurso uma morte simbólica da cidade de João Pessoa.

Os Regimes Diurno e Noturno, categorias pertencentes ao trajeto antropológico do imaginário (DURAND, 2012), favoreceram a interpretação simbólica destas imagens de vida e de morte da cidade de João Pessoa, em que, ora a cidade é esse lugar de afago e símbolos de intimidade, tranquilidade e eufemismo (aspectos do Regime Noturno das imagens), ora a cidade é um lugar de conflito, agitação, contraposições e luta (aspectos do Regime Diurno das imagens). Esses aspectos dialogavam tanto com as imagens de vida, quanto com as imagens de morte, o que podemos ver nos capítulos seguintes.

## 5.2 JORNAIS PESQUISADOS

Para esta pesquisa foram analisados os dois jornais impressos de maior circulação do estado da Paraíba, atualmente. O Jornal Correio da Paraíba e o Jornal A União possuem relevância social para localidade e se consolidaram no mercado jornalístico há décadas.

O Jornal Correio da Paraíba foi fundado em 5 de agosto de 1953, pelo deputado Teotônio Neto, e hoje é o jornal impresso paraibano com maior volume de edições em circulação no estado. O periódico foi sensível a muitas questões da sociedade paraibana, como a seca do sertão e a censura da época da ditadura militar, dentre as décadas de 50 e 80. Na história de luta pela informação do Jornal Correio está a morte do jornalista Paulo Brandão, então diretor-presidente do Sistema Correio de Comunicação, assassinado, em 1984, por ter denunciado superfaturamento na compra de caçambas pela Prefeitura de João Pessoa.

O jornal impresso deu origem à criação do Sistema Correio de Comunicação, com emissoras de rádio, portais de notícias ([portalcorreio.com.br](http://portalcorreio.com.br) e [correiodaparaiba.com.br](http://correiodaparaiba.com.br)), emissoras de TV (TV Correio/Record, TV Maior e RCTV-CorreioWeb), jornal JÁ e Revista Premium. O atual proprietário do grupo é o empresário Roberto Cavalcanti.

O jornal A União é o periódico oficial estatal paraibano, editado em João Pessoa e distribuído para a Paraíba. Hoje é o periódico mais antigo em circulação do estado. Foi fundado em 1893, no dia 2 de fevereiro, pelo presidente da Província Álvaro Machado. Apesar de ser

um veículo de comunicação oficial do governo, atualmente, o jornal não reproduz exclusivamente a ideologia política dominante, noticiando apenas atos do governo, obras públicas e problemas envolvidos com a oposição.

No entanto, as notícias e reportagens sobre o estado da Paraíba, principalmente relacionadas às problemáticas das cidades paraibanas, ainda são tratadas de forma brandas, por questões políticas. Apesar disso, é possível notar diferenças entre narrativas que tratam do estado da Paraíba e da cidade de João Pessoa, pois a liderança política do estado e do município, desde 2013, encontram-se em partidos diferentes, o que mostra uma subjetividade política e ideológica de frentes divergentes nos textos noticiosos, mesmo que de forma sutil<sup>10</sup>.

### 5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para subsidiar a coleta de pesquisa, utilizamos como método a Análise de Conteúdo (AC<sup>11</sup>), procedimento o qual colaborou para catalogação das notícias que apresentavam imagens de vida ou de morte, que se adequavam aos Regimes Diurno ou Noturno e para identificar os textos e imagens que tratavam da cidade de João Pessoa, em primeiro plano como assunto principal, ou como objeto secundário no texto.

A Análise de Conteúdo manifesta uma capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou registrado em meios impressos ou gravações e revela-se como um método de grande utilidade para a pesquisa em jornalismo, analisando tendências e modelos de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos, descrevendo e classificando produtos, gêneros e formatos jornalísticos comparando o conteúdo jornalístico com as diferentes mídias nas diferentes culturas (HERSCOVITZ, 2007).

Assim, para o jornalismo, a Análise de Conteúdo pode ser definida por:

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. A identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando emprega ao mesmo tempo a análise quantitativa (contagem de frequência do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina) (HERSCOVITZ, 2007, pp. 126 e 127).

<sup>10</sup> De 2013 até o ano da construção dessa dissertação (2019), o prefeito de João Pessoa foi Luciano Cartaxo, iniciando a carreira na administração da capital paraibana pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e migrando posteriormente para o Partido Social Democrático (PSD), o que ocasionou algumas divergências políticas com a administração do estado da Paraíba, guiada por Ricardo Coutinho (Partido Socialista Brasileiro- PSB) de 2011 até 2018.

<sup>11</sup> Utilizaremos a sigla AC para Análise de Conteúdo no decorrer do texto.

A AC é descrita por Krippendorff (citado por LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.41) como "uma técnica de pesquisa para fazer inferências válidas e replicáveis dos dados para o seu contexto". Os autores continuam a explicação, afirmando que esse método pode ser utilizado para vários tipos de pesquisa:

[...]pode caracterizar-se como um método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens. Essas mensagens, diz ele, podem ser abordadas de diferentes formas e sob inúmeros ângulos. Pode, por exemplo, haver variações na unidade de análise, que pode ser a palavra, a sentença, o parágrafo ou o texto como um todo. Alguns podem preferir a contagem de palavras ou expressões, outros podem fazer a análise da estrutura lógica de expressões e elocuições e outros, ainda, podem fazer análises temáticas. O enfoque da interpretação também pode variar. Alguns poderão trabalhar os aspectos políticos da comunicação, outros os aspectos psicológicos, outros, ainda, os literários, os filosóficos, os éticos e assim por diante (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.41).

No nosso caso, esta pesquisa utilizou a Análise de Conteúdo na contagem de matérias sobre a cidade de João Pessoa, dentro dos cadernos de Cidades, e a contagem do número de notícias que apresentavam imagens de vida, de morte, ou que apresentassem as duas unidades, e ainda as matérias de João Pessoa conectadas aos Regimes Diurno e Noturno.

A AC caracteriza-se, atualmente, pelo seu modo híbrido de análise, permeando entre métodos de análise qualitativos e quantitativos, fortificando, assim, ainda mais sua estrutura metodológica. A relação entre esses dois métodos faz com que a compreensão do conteúdo se estenda para além do significado aparente de um texto, fazendo com que percebamos o que também está implícito, observando o contexto onde ocorre e o público para o qual é dirigido. A integração dos campos quantitativos e qualitativos dá-se em relação da polissemia contida nos textos que abre espaço para as múltiplas interpretações.

A Análise de Conteúdo estabelece sua metodologia baseada em dois pilares: a lógica e a observação. E como primeiro passo para se utilizar desse método deve-se definir a hipótese ou a pergunta que fará a conexão entre a teoria e a investigação. Nesse caso, nosso questionamento foi: "Como se apresenta o imaginário social da cidade de João Pessoa nos cadernos de Cidades dos jornais paraibanos (Jornal A União e Jornal Correio da Paraíba)?"

A hipótese para esse questionamento surgiu numa perspectiva de que as imagens da cidade de João Pessoa e seu imaginário social se apresentam através de dualidades e contradições, que se aproximam de interpretações que nos remetem à vida e à morte, ora sob a luz incisiva do imaginário do Regime Diurno, ora sob a luz suave da eufemização do Regime Noturno.

O prosseguimento do processo metodológico, após definidas essa hipótese e/ou perguntas, segue para a análise dos objetos de estudo, como eles são definidos, de qual conjunto de objetos será retirada a amostra, em que contexto estão esses objetos de estudo, quais as delimitações do estudo e qual o alvo das inferências. Entender a unidade de análise é totalmente necessário para dar o passo seguinte: seleção de amostras.

Segundo Herscovitz (2007), o que é medido na Análise de Conteúdo jornalística são conceitos, esses conceitos variam de acordo com a concepção de cada um, e para trabalhar com eles precisa-se especificá-los com precisão. Essas definições indicaram a operação das unidades de registro – palavras, expressões, frases, ideias – que serão capturadas nos textos para contagem de frequência do conteúdo manifesto. No caso específico dessa pesquisa, como já afirmado, identificamos imagens que fazem referência à vida e à morte da cidade de João Pessoa.

Abordaremos as unidades específicas desse processo de identificação das imagens, apresentando as unidades de estudo, e correlacionando-as também em quadros de cruzamento de dados, para compreender suas relações.

#### 5.4 LIVRO DE CÓDIGOS

Para melhor compreensão do processo de identificação das imagens de vida e de morte nos cadernos de Cidades dos jornais Correio da Paraíba e A União, foram estabelecidas algumas unidades para a Análise de Conteúdo, que colaboraram para a compreensão de como a cidade de João Pessoa se apresenta nos textos e nas imagens dos jornais.

Foram analisadas apenas textos noticiosos (notícias e reportagens) que mencionam a cidade de João Pessoa. O que somou ao todo 254 textos noticiosos identificados (texto e imagem), do período de 1 a 5 de agosto, de 2013 a 2017. Nesse quantitativo, conseguimos identificar imagens de vida e de morte, em quais Regimes da imagem (Diurno ou Noturno) se enquadram e a valorização das notícias e reportagens utilizando como auxílio 13 unidades e valores explicados mais detalhadamente no quadro abaixo.

As unidades relacionadas subsidiaram na pesquisa qualitativa para a identificação das imagens dos regimes traçados por Gilbert Durand (2012), e na identificação do que chamamos de imagens de vida e de morte. Com o cruzamento dos dados podemos perceber, ainda, a valorização de cada Regime e os valores notícias que mais se destacaram.

**Quadro 1.** Livro de códigos

<b>Nome da unidade</b>	<b>Valores</b>
<i>Número</i>	Enumera a notícia/reportagem.
<i>Título</i>	<b>Título da Notícia/reportagem</b>
<i>Ano de publicação</i>	Ano de publicação. Pode ser: <b>2013, 2014, 2015, 2016 ou 2017</b>
<i>Data da Publicação</i>	Identifica a data da publicação
<i>Jornal</i>	Identifica em qual Jornal a notícia/reportagem analisada se encontra: <b>Jornal Correio ou A União.</b>
<i>Posição</i>	Identifica a posição da notícia/reportagem, se está na <b>Dobra Superior ou na Dobra Inferior</b> (importante para identificar a valorização da notícia no periódico)
<i>Imagem</i>	Identifica se a notícia/reportagem <b>possui imagem ou não</b>
<i>Tipo de Imagem</i>	Identifica que tipo de imagem a notícia/reportagem tem: <b>Fotografia, ilustração, infográfico, reprodução, outros, ou mais de um tipo de imagem.</b>
<i>Abre seção</i>	Identifica se a notícia/reportagem <b>abre a seção de Cidades</b>
<i>João Pessoa</i>	Identifica se a cidade de <b>João Pessoa é cenário principal</b>
<i>Municípios</i>	Identifica se <b>menção outras cidades, além de João Pessoa</b>
<i>Vida e Morte</i>	Identifica as imagens de vida e de morte na notícia/reportagem, podendo ser: <b>imagens de vida, de morte e de vida e morte.</b>
<i>Regime da imagem</i>	Identifica os regimes da imagem que a notícia/reportagem se enquadra, podendo ser: <b>Regime Diurno, Regime Noturno ou Regimes Diurno e Noturno.</b>

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

## 6 JOÃO PESSOA É PAUTA

João Pessoa é uma das capitais mais antigas do Brasil. Sempre teve ar de província, e se estabeleceu no imaginário social como lugar de quietude. No entanto, não escapou das consequências da urbanização e do crescimento capitalista. Hoje, pode ser compreendida também como um centro de nervuras sociais e urbanas, de movimentações e agitações. Por isso, a cidade virou pauta, centro de atenções. É na cidade onde tudo acontece, e em João Pessoa acontece de tudo. Percebemos muito disso em nossa investigação.

Para cada notícia ou reportagem de João Pessoa foi relacionada cada uma das unidades descritas no livro de códigos. Isso colaborou para uma identificação das características das publicações que falam sobre a cidade. As unidades que nos proporcionam uma compreensão das notícias dos Jornais A União e Correio da Paraíba estão descritas nos quadros mais adiante. Antes dessas interpretações, porém, é necessário explicar o que é relevante para publicar nos jornais e o sentido de pauta para a produção jornalística.

De acordo com Lage (2008), a pauta jornalística pode ser compreendida como uma forma de planejar a produção. Ele define assim:

- a) o planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editorias - de cidade, política, política, economia etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc.
- b) cada um dos itens desse planejamento, quando atribuído a um repórter. Ele dirá: "a minha pauta", quer a tenha recebido como tarefa, quer a tenha proposto (o que é comum, particularmente com free lancers). (LAGE, 2008, p.34)

Logo, quando afirmamos que João Pessoa é pauta, estamos localizando a cidade de João Pessoa como um assunto relevante ou local de espaço público de interesse para a produção noticiosa jornalística, seja notícia, nota ou reportagem.

A notícia é o gênero textual mais comum nas páginas dos jornais impressos. Esse gênero é tema de discussão desde o princípio da prática jornalística. Em geral, os gêneros jornalísticos não possuem uma classificação universal, variam de acordo com a cultura da produção midiática e das práticas do trabalho jornalístico, no entanto, pretendemos aqui elencar alguns conceitos para uma compreensão didática do sentido de notícia.

Os gêneros textuais, principalmente os jornalísticos, servem como guias para a produção jornalística. Porém, são permeados por conceitos fluídos e por isso, estão sempre em constante transformação. Determinar gênero textual, portanto, é um impasse. A busca pela

definição de estilos textuais vem pautando pesquisas, principalmente no âmbito jornalístico, já que a prática de produção de notícias se utiliza de linguagens textuais.

José Marques de Melo (1994) foi um dos tantos autores brasileiros que se dedicaram à definição dos gêneros jornalísticos, na busca de uma epistemologia que colaborasse para uma produção jornalística. Ele classificou os gêneros de maneira dicotômica, separando-os em duas tipificações: Informativo e Opinativo. A notícia, para ele, encontra-se na esfera informativa, pois, tem por natureza o principal objetivo de informar algum fato, de relevância, que eclodiu na sociedade. O próprio nome notícia deriva do latim *notitia*, que quer dizer novidade ou fato recente.

Outro autor que procura definir a notícia é Lage (1985). Para ele, a produção de um jornal tem prioridade de oferecer informação ao público, e “a condição efêmera do produto e seu compromisso com a prestação de serviços prevalecem como padrão de julgamento do que interessa ou não publicar” (LAGE, 1985, p.9).

Já Niklas Luhmann (citado por MARCONDES FILHO, 2009) elenca algumas características que constroem o conceito de notícia. Além de pôr em destaque a necessidade de ser algo que quebre expectativas trazendo um acontecimento novo, apontando o ineditismo como base desse gênero, o autor destaca, dentre várias características, duas importantes propriedades de uma notícia: 1) precisa ter caráter conflituoso e 2) deve ser, de alguma forma, um relato referente a transgressões à moral coletiva.

Unindo essas conceituações, percebemos uma característica em comum no conceito de notícia: importância do relato para a sociedade e ineditismo. Uma notícia, para ter valor, precisa ser inédita, nunca dita e precisa, ainda, ser uma informação digna de um espaço em um jornal.

A definição do gênero noticioso segue ainda por vários outros caminhos de conceituação, no entanto, para nossa pesquisa o essencial é compreender que os textos coletados para identificação das imagens de vida e de morte se caracterizam pelo aspecto informativo e noticioso, com informações relevantes para a sociedade.

O caderno de Cidades destaca-se como um espaço de divulgação noticiosa justamente porque se caracteriza como um local destinado a publicar texto de serviço, de interesse das cidades e matérias que procuram retratar a vida em sociedade. Os textos identificados na catalogação dos cadernos de Cidades do jornal A União e do Jornal Correio da Paraíba apresentavam essas características noticiosas.



Além de notícias, encontramos também textos os quais podemos chamar de reportagens, que se caracterizam por serem mais extensos, completos e discursivos, mas que ainda se enquadram no âmbito noticioso.

A reportagem, para Lage (2008), apresenta-se como uma forma noticiosa que procura tratar das problemáticas inerentes ao espaço público.

A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista. (LAGE, 2008, pp. 16-17).

Nos quadros deste capítulo podemos perceber o tratamento e enquadramento dos textos noticiosos sobre a cidade de João Pessoa nos cadernos de Cidades. Na catalogação é perceptível a relevância dada à capital pessoense e a forma de tratamento à medida em que João Pessoa se tornava critério de noticiabilidade. Além disso, os textos jornalísticos coletados revelam, ainda, essas características noticiosas de interesse público e necessário para o âmbito social.

## 6.1 PERÍODO DE PUBLICAÇÕES

Com a catalogação dos textos noticiosos e seus períodos de publicação notamos a frequência com que a cidade de João Pessoa aparece nos cadernos de Cidades dos jornais. Todas os textos relacionados tratavam da cidade pessoense, mesmo que de maneira coadjuvante.

Com a Análise de Conteúdo, foi percebido um número crescente de frequência na menção da cidade de João Pessoa como notícia de acordo com o passar dos anos. Isso mostra como o município foi se consolidando como centro urbano de acontecimentos, trazendo para si atenção na cobertura jornalística. Em 2013, por exemplo, 18,4% das notícias dos cadernos de Cidades falavam de João Pessoa, já em 2017 o número passou para 25,4% (quadro 2).

Outro dado interessante e perceptível nessa contagem foi a frequência da menção de João Pessoa na semana do seu aniversário. Quanto mais próximo da data comemorativa da fundação da cidade, mais atenção ela recebe por parte da cobertura jornalística. O aniversário da cidade é comemorado no dia 5 de agosto, e quanto mais perto desse dia, mais textos relacionados à festividade e à cidade são publicados nos jornais (quadro 3).

Isso se justifica, em parte, pela teoria jornalística do agendamento de notícias, conhecida como *agenda setting*,

[...]McCombs e Shaw definiram a função de Agenda-setting como o resultado da relação que se estabelece entre a ênfase manifestada no tratamento de um tema por parte dos

meios de comunicação de massa e as prioridades temáticas manifestadas pelos membros de uma audiência depois de receberem o impacto destes meios. (FORMIGA, 2006, p.19).

Afirmamos que se justifica em parte pois nossa pesquisa se atém apenas ao âmbito de produção de sentido e não de opinião pública. A teoria do agendamento surgiu em um momento político dos Estados Unidos para preencher uma lacuna de pesquisa de opinião, atendendo a uma necessidade dos estudos de *Mass Communication Research*, movimento de pesquisas pioneiras sobre os efeitos dos meios de comunicação.

No nosso caso, a referenciamos apenas para mostrar como os acontecimentos agendados nos meios sociais podem servir como critérios de noticiabilidade, ou seja, como os fatos sociais são potenciais assuntos para serem noticiados, o que mais uma vez nos faz recorrer à conexão entre produção jornalística, sociedade e imaginário social. Boa parte dos textos analisados nesse período tratavam das festividades do período da época e também mostrava a capital pensoense de forma hospitaleira e alegre.

No quadro 2 podemos perceber o aumento da frequência de notícias e reportagens sobre a cidade de João Pessoa de acordo com o passar dos anos. Esse dado é previsível, mas achamos necessário demonstrar para comprovar a potencialidade da cidade em se tornar pauta à medida em que aumentava sua visibilidade enquanto centro urbano, ganhando assim mais força nos critérios de noticiabilidade jornalísticos dos jornais locais.

**Quadro 2.** Ano de publicação

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido 2013	47	18,4	18,4	18,4
2014	51	19,9	19,9	38,3
2015	54	21,1	21,1	59,4
2016	39	15,2	15,2	74,6
2017	65	25,4	25,4	100,0
Total	256	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

Já no quadro 3 podemos perceber como João Pessoa foi ganhando destaque nos critérios de noticiabilidade à medida em que se aproxima o aniversário da cidade. É possível notar como aumenta o número de textos noticiosos quanto mais perto do dia 5 de agosto, como mencionamos anteriormente.

**Quadro 3.** Data da publicação

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	01/08	46	18,1	18,1	18,1
	02/08	43	16,9	16,9	35,0
	03/08	51	20,1	20,1	55,1
	04/08	62	24,4	24,4	79,5
	05/08	52	20,5	20,5	100,0
	Total	254	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

## 6.2 JOÃO PESSOA NO PROCESSO DE SELEÇÃO DE NOTÍCIAS

O processo de seleção de notícias, para o jornalismo, se caracteriza na ação contínua de enquadrar as notícias e os assuntos, dentro de um jornal, em uma ordem de importância e níveis hierárquicos. O processo é muito mais que responder se um assunto é ou não notícia. Na teoria do *gatekeeper* do jornalismo, o processo de seleção de notícias seria aquele pelo qual o jornalista, responsável pelas pautas ou editor, seleciona o que será publicado ou não, e qual valor de importância a notícia tem dentro do jornal.

Com a catalogação dos jornais A União e Correio da Paraíba foi possível perceber como a cidade de João Pessoa se apresenta nos cadernos de Cidades e o grau de importância e relevância atribuídos aos textos referentes à cidade.

No jornal impresso, os textos relacionados na dobra superior sempre têm maior grau de importância em relação aos das dobras inferiores. Isso se justifica porque na ordem da leitura, o leitor tende a sempre iniciar pela parte de cima, como costume dos modos de ler ocidental.

Na AC foi percebido que existe um equilíbrio entre o quantitativo de textos sobre João Pessoa na dobra superior (46,9%) e na dobra inferior (53,1%), mas que a dobra inferior domina por alguns pontos a mais (ver quadro 4).

**Quadro 4.** Lugar da informação no jornal

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Dobra superior	120	46,9	46,9	46,9
	Dobra Inferior	136	53,1	53,1	100,0
	Total	256	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

Notamos ainda a valorização da cidade de João Pessoa pelo quantitativo em que a cidade foi mencionada ou tida como assunto principal na capa da edição de Cidades. Apenas 13% (quadro 5) dos textos noticiosos que falam de João Pessoa foram destaque da primeira página da seção de Cidades.

**Quadro 5.** Informação abre seção de Cidades?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Sim	34	13,4	13,4	13,4
	Não	220	86,6	86,6	100,0
	Total	254	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

Além disso, a maioria dos textos que falam de João Pessoa apresentam a cidade como cenário principal, com uma porcentagem de 71,1% (quadro 6). Podemos verificar também a frequência com que outras cidades foram mencionadas juntas com a cidade de João Pessoa, cerca de 32,7% (quadro 7).

**Quadro 6** João Pessoa é cenário principal?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Sim	182	71,1	71,1	71,1
	Não	74	28,9	28,9	100,0
	Total	256	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

**Quadro 7.** Texto fala de outras cidades/regiões?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	sim	83	32,7	32,7	32,7
	não	171	67,3	67,3	100,0
	Total	254	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

Outro dado interessante para analisar foi o grau de relevância dado à cidade de João Pessoa, observando se a notícia apresenta imagem e que tipo de imagens se associam ao texto. Uma informação sempre é mais completa com o subsídio de linguagens variadas. Quando uma notícia apresenta fotografias, infográficos ou outros tipos de imagens, significa que esse texto noticioso possui grande relevância informativa, e por isso é valorizado com maior espaço na página. Na contagem, percebemos que 52,3% (quadro 8) das notícias sobre João Pessoa, ou que mencionam João Pessoa, apresentam imagens, sendo a maioria fotografias, apresentando 44,5%, em relação aos outros tipos de imagens (quadro 9).

**Quadro 8.** Informação contém imagem?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Sim	134	52,3	52,3	52,3
	Não	122	47,7	47,7	100,0
	Total	256	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

**Quadro 9.** Tipo de imagem

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Fotografia	114	44,9	85,7	85,7
	Ilustração	5	2,0	3,8	89,5
	Infográfico	7	2,8	5,3	94,7
	mais de um tipo	7	2,8	5,3	100,0
	Total	133	52,4	100,0	
	Sistema	121	47,6		
	Total	254	100,0		

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

Com os dados apresentados desde o quadro 2 até o quadro 9, conseguimos perceber a valorização desse município como centro de atenções, um universo urbano, plural e de potencial simbólico para a construção de narrativas jornalísticas.

No capítulo seguinte, faremos uma análise da função fantástica das imagens e suas potencialidades de mover nosso imaginário, seguindo depois para a fase das identificações das imagens de vida e de morte.

## 7 A FUNÇÃO FANTÁSTICA DAS IMAGENS

Falar de imaginário e não falar de imaginação é uma técnica inábil. Todo processo de identificação imaginária passa pelo percurso da imaginação, uma função cognitiva própria do ser humano. Durand (2012) chama essa etapa de *fantástica transcendental*, uma terminologia para indicar a função imaginante dos seres.

E esta expressão seria mais que um simples jogo de palavras se pudéssemos mostrar agora que essa função da imaginação é motivada não pelas coisas mas por uma maneira de carregar universalmente as coisas como um sentido segundo, como um sentido que seria a coisa do mundo mais universalmente partilhada. Por outras palavras, se pudéssemos provar que há uma realidade idêntica e universal do imaginário (DURAND, 2012, 378).

O processo de identificação imagética, para Durand (2012), passa pela morfologia dos dois regimes da imagem (Diurno e Noturno), mas a função da imaginação vai além disso, porque é processo criador e fundamental para tal identificação imaginária descrita nas etapas do trajeto antropológico do imaginário e suas estruturas arquetípicas, simbólicas.

Toda investigação, por mais que seja objetiva quando apresentada na maneira final, já passada pela interpretação, “se faz em torno e contra a função fantástica” (DURAND, 2012, p.396), justamente porque é o processo imaginativo que nos ajuda a capturar as presas míticas, as referências simbólicas, os arquétipos de determinada imagem, contexto, texto, ou seja, é a imaginação que nos faz compreender as imagens imaginárias.

Para a identificação das imagens de vida e de morte nos discursos jornalísticos, nos cadernos de Cidades dos jornais A União e Jornal Correio da Paraíba, também nos utilizamos da função da imaginação, para conseguirmos capturar os esquemas imaginários, os arquétipos subliminares e inconscientes dos contextos e interpretar os símbolos e estruturas imaginárias, organizando-os na morfologia didática do trajeto antropológico do imaginário.

No nosso caso, com o subsídio da morfologia traçada pelo trajeto antropológico do imaginário, com o auxílio da função da imaginação, através da *fantástica transcendental*, conseguimos mapear, nos textos jornalísticos, aspectos que podem ser conectados simbolicamente a dois processos inerentes a todos os seres: a vida e a morte. Identificamos, assim, como essas imagens de viver e morrer podem ser interpretadas através dos mitos contemporâneos descritos nos discursos jornalísticos.

Falamos em mitos porque estes são responsáveis, desde os primórdios da humanidade, por organizarem e sistematizarem o conhecimento acerca do mundo da vida. Hoje, no entanto, os mitos se transfiguraram em narrativas cotidianas, e podemos dizer, de forma metaforizada,

que existem mitos descritos, criados e renegados todos os dias nos veículos de comunicação. Segundo Durand (2012) é o mito que “estrutura as concepções da história” (p.390), ou seja, em todas as fases históricas e “sob todas as incidentes históricas se encontram confrontados os grandes regimes antinômicos da imagem” (DURAND, 2012, p. 390). Assim, o mito é o “conservatório dos valores fundamentais” (GUSDORF citado por DURAND, 2012, p.397).

Desse modo, nas narrativas organizativas do mundo da vida, espaço simbólico onde podemos localizar também os discursos jornalísticos e suas imagens, encontramos aspectos míticos, arquetípicos, imaginários, simbólicos e todo o depósito possível que a imaginação é capaz de nos oferecer, pois “toda criação humana, mesmo a mais utilitária, não é sempre aureolada de alguma fantasia?” (DURAND, 2012, p. 397).

Nossa missão, neste trabalho interpretativo, foi identificar essas imagens imaginárias de vida e de morte nos discursos jornalísticos e perceber os símbolos, esquemas ou arquétipos que possam estar por trás dessas narrativas contemporâneas sobre a cidade de João Pessoa. Pois, apesar da vida e da morte passar, suas imagens são eternas, ficam na memória. Aliás, a memória também pertence ao “domínio do fantástico, dado que organiza esteticamente a recordação” (DURAND, 2012, p. 402).

## 7.1 OS PARADOXOS DAS IMAGENS

A Análise de Conteúdo realizada com o material empírico coletado nas edições dos jornais A União e Correio da Paraíba nos ajudou a identificar as imagens de vida e de morte e como a cidade de João Pessoa é representada nas notícias jornalísticas.

Anteriormente, tratamos do quantitativo das frequências das unidades que nos ajudam a refletir sobre o tratamento noticioso da cidade de João Pessoa nos periódicos. Seguimos a pesquisa por um aprofundamento no cruzamento de dados, que resultaram em apontamentos significativos para a compreensão da imagem paradoxal da cidade pessoense: lugar de sombra e de luz, de vida e de morte. Isso acontece porque o imaginário sempre será paradoxal, “põe limites ao real sem, no entanto, eliminá-lo. Só há imaginário na medida em que o real é possível e passível de distorção”. (SILVA, 2017, p.39)

Essas imagens paradoxais da cidade são heranças de uma polissemia atribuída aos símbolos, mas que, no fim, se configuram em uma unidade que reflete o imaginário social.

O imaginário opera nessa margem quase sempre imperceptível. Será preciso revisitar em algum momento esse ponto de vista já repetido. Uma teoria geral do imaginário requer camadas sucessivas de abordagem. As múltiplas realidades do imaginário refletem o paradoxo da relação entre o objeto e o vivido. Olhares diferentes, singulares, únicos, irredutíveis, que se apropriam diferentemente do real, produzem



um olhar comum, convergente, que resulta num imaginário social (SILVA, 2017, p.41).

É esse imaginário social, polissêmico, que pretendemos mostrar no decorrer dessa pesquisa. Apresentar a cidade de João Pessoa, sob suas faces de vida e de morte, identificando essas imagens paradoxais, é uma tentativa de compreensão holística desse imaginário social, que conecta à sociabilidade da cidade.

Procuramos mostrar essa polissemia apresentando, principalmente, o cruzamento das interpretações entre as imagens de vida e de morte e os Regimes Diurno e Noturno, demonstrando predominâncias em isomorfismos, mas, mostrando também uma rede complexa de hermenêutica simbólica.

No decorrer da nossa interpretação conseguimos perceber que as imagens de vida podem se encaixar com o Regime Diurno, e que também podem se adequar a isomorfismos noturnos. Assim como as imagens de morte podem aparecer conectadas com o Regime Diurno, demonstrando a morte como consequência de conflito, ou a imagem de morte como um descanso eufemizado, como mostra o Regime Noturno. A polissemia desses símbolos é paradoxal, porém apresenta uma lógica fundamentada nos processos imaginários da sociedade.

## 7.2 AS IMAGENS DA CIDADE

A representação jornalística da cidade de João Pessoa ora demonstra um aspecto de vida e ora um aspecto de morte em suas imagens simbólicas e representativas nos textos noticiosos. Notamos, no entanto, na averiguação da contagem de imagens relativas à vida e à morte e também de textos que representavam as duas imagens simultaneamente (vida e morte), uma predominância nas imagens de vida.

Porém, é preciso deixar claro que imagens de vida e de morte não são excludentes entre si. Compreendemos a abrangência polissêmica das interpretações imaginárias e por isso apresentamos uma conceituação e um demonstrativo interpretativo aberto para futuras complementações. A hermenêutica simbólica de Durand reside justamente na compreensão de que os significados e significantes não são finidos, nem estáticos, muito menos cartesianos dualísticos.

Quando representamos as imagens de vida e de morte, de forma dual, é necessário afirmar a potencialidade da amplitude dos conceitos de vida e de morte. Esses dois termos estão longe de ser maniqueístas. A vida tem suas instâncias de movimento, de luz e de sombras, assim

como também a morte, que aparenta ser estanque quando se fala em movimento em vida, mas pode ser analisada sob uma percepção mística do Regime Noturno como uma passagem, ou apenas um descanso.

As interpretações apresentadas a seguir, a partir da identificação das imagens de vida e de morte da cidade de João Pessoa, são subjetivas, polissêmicas, paradoxais, mas proporcionam uma reflexão sobre o modo como a cidade é representada nos jornais, colaborando ainda para uma compreensão ampla do imaginário social através de suas imagens simbólicas.

No quadro 10, podemos ver o quantitativo de textos noticiosos publicados que apresentaram imagens de vida e de morte no material empírico analisado. O aprofundamento dessa identificação está descrito em fases mais adiante desta pesquisa.

**Quadro 10.** Imagens de vida e de morte

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Vida	150	59,1	59,1	59,1
Morte	63	24,8	24,8	83,9
Vida/Morte	41	16,1	16,1	100,0
Total	254	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

Notamos no quadro 10 a predominância de textos noticiosos que apresentaram imagens de vida. Outro dado que nos revela a valorização dessas imagens de vida é o cruzamento entre o local do texto noticioso da página do jornal. No quadro abaixo podemos ver que existem mais imagens de vida que de morte nas dobras superiores dos jornais, localidade de maior representação em um periódico impresso.

**Quadro 11.** Tabulação cruzada entre imagens de vida e morte e lugar da informação

	Lugar da Informação no jornal		Total
	Dobra superior	Dobra Inferior	
Vida	65	85	150
Morte	31	32	63
vida e morte	23	18	41
Total	119	135	254

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2018.

Assim como as imagens de vida e de morte não são excludentes entre si, os Regimes Diurno e Noturno também não o são. Por isso, na catalogação com a Análise de Conteúdo adicionamos uma unidade que une os dois regimes, onde enquadrámos textos e imagens que apresentaram simbologias e estruturas diurnas e noturnas.

Na contagem de notícias que possuem características dominantes de cada Regime percebemos uma predominância de imagens do Regime Diurno, apresentando uma alta porcentagem de cerca de 60%, como mostra o quadro 12.

**Quadro 12.** Regime da Imagem

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Diurno	157	61,8	61,8	61,8
Noturno	74	29,1	29,1	90,9
Os dois regimes	23	9,1	9,1	100,0
Total	254	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

Esse dado se justifica em uma característica marcante das imagens e símbolos dos Regimes Diurno: o confronto, a agitação e o movimento, isomorfismos natos dos símbolos teriomórficos (agitação, animação) e catamórficos (queda), trabalhados também sempre em associação direta com os símbolos nictomórficos (escuridão) e também em associação axiomática e de confrontação com as instâncias simbólicas de perspectiva positiva do RD (os símbolos ascendentes, espetaculares e diairéticos). Essa movimentação de confronto, caracterizada pela movimentação, é uma imagem significativa de um centro urbanizado, uma cidade, por isso fatos noticiosos com essas características viram notícias.

Quando se fala em cidade conectamos nosso imaginário social a um local de movimentação, que apresenta comércio, com tráfego de automóveis e de pessoas. Essas características de movimento e agitação também são próprias dos critérios de noticiabilidade: os jornais noticiam o que está em movimento, a informação é construída pelos fatos sociais, e a ação é o que movimenta os discursos e a organicidade dos centros urbanos.

A maioria das notícias veiculadas nos cadernos de Cidades, enquadrada no Regime Diurno da imagem, apresenta essas características de movimentação, elemento recorrente nas notícias que tratavam da vivência da cidade de João Pessoa, por isso a predominância do RD da imagem em nossa pesquisa, de acordo com a nossa interpretação.

O Regime Noturno, no entanto, não passou despercebido. Mesmo que a predominância seja a movimentação da luz do dia, alguns símbolos noturnos se destacaram em notícias sobre a cidade de João Pessoa, principalmente em textos e imagens que apresentavam símbolos de intimidade, tratando sobre a hospitalidade pessoense, como uma cidade ideal para se morar, com festas alegres e um povo acolhedor.

Foram identificados também simbolismos referentes à maternidade em diversos textos noticiosos publicados nos dois jornais, pois a semana de aniversário da cidade de João Pessoa coincide com a semana de campanha de amamentação, que procura incentivar o aleitamento materno.

Uma das particularidades marcantes da seção de Cidades é que esse ambiente midiático une dualidade em um espaço simbólico, onde a morte e a vida transitam entre os signos do cotidiano, que são os signos do nosso imaginário social. João Pessoa vive e morre, todo dia, em um cotidiano representado pelos discursos jornalísticos, num ciclo infinito de símbolos que sempre mata a cidade simbolicamente, mas que, na página seguinte, ou na edição do amanhã, ressuscita a *pólis* em outras imagens simbólicas, imaginárias.

É importante ressaltar que nos capítulos seguintes em que analisamos os textos noticiosos dos jornais (capítulos oito, nove e dez), identificando as imagens de vida e de morte e as referências simbólicas dos Regimes Diurno e Noturno, optamos por exemplificar com reportagens e notícias mais significativas, não seguindo uma ordem cronológica.

Além disso, é necessário também frisar que, apesar dos sentidos de vida e de morte serem compreendidos facilmente pelo senso comum, as nossas interpretações das imagens de vida e de morte que revelam essas categorizações são subjetivas, porém justificáveis de acordo com a teoria do trajeto antropológico do imaginário, como pode-se ler nas descrições das identificações das imagens.

## 8 IMAGENS DE VIDA E MORTE SIMULTÂNEAS

Já que iniciamos falando sobre paradoxos do imaginário, os quais estamos exemplificando com o caso da representação da cidade de João Pessoa nos cadernos de Cidades, iniciamos nossas identificações das imagens de vida e de morte com as categorias que abarcam duplas interpretações, com textos noticiosos que abrangem tanto as imagens de vida, quanto as imagens de morte, simultaneamente.

No quadro 13, podemos perceber que 30 textos noticiosos se caracterizam por essa abrangência polissêmica que nos permitiu identificar imagens de vida e de morte em um só texto. Interpretamos essa dupla de imagens (vida/morte) de acordo com cada Regime, e também com uma união de uma interpretação que abrange os dois Regimes (diurno/noturno) simultaneamente.

**Quadro 13.** Tabulação cruzada: Imagens de vida e morte x Regime da imagem

	Regime da imagem			Total imagens vida/morte
	Diurno	Noturno	Os dois regimes	
Vida	66	70	14	150
Morte	61	2	0	63
Vida/Morte	30	2	9	41
Total de regimes diurno/noturno	157	74	23	254

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2018.

A seguir, tratamos das identificações das imagens de modo mais aprofundado, compreendendo as relações entre as imagens de vida e de morte e suas confluências com os Regimes Diurno e Noturno.

### 8.1 VIDA E MORTE, DIA

As imagens de vida e de morte simultaneamente numa notícia jornalística são possíveis. A compreensão disso reside no aspecto polissêmico e paradoxal das variadas interpretações dos símbolos sociais. É possível encontrar em apenas um texto tanto imagens de vida quanto imagens de morte, mesmo esses simbolismos dialogando de forma conflituosa e contrária entre

si, caso que acontece quando estas imagens podem ser conectadas aos isomorfismos do Regime Diurno.

Isso acontece, principalmente no RD por conta da característica marcante desse regime: a apresentação das imagens imaginárias sob a perspectiva das estruturas esquizomorfas, ou heróicas, que manifestam a tendência de compreensão simbólica através de axiomas e contrários, um aspecto tipicamente manifesto pelos símbolos diaréticos, que perpetua uma antítese, às vezes, polêmica, no entanto, muitas vezes didática para compreensão.

Podemos compreender a união das imagens de vida e de morte sob esse aspecto diurno no seguinte texto noticioso.



Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 01 de agosto de 2013

Na notícia acima, publicada no Jornal Correio, podemos encontrar um simbolismo referente ao Regime Diurno, que, remete tanto a imagens de vida quanto a imagens de morte. Ao mesmo tempo que traz a ideia de morte, quando mostra a violência, as drogas e a insegurança nos meios urbanos, matando assim, simbolicamente a cidade de João Pessoa em sua representação noticiosa, nos mostra ainda a esperança para a vida, já que trata do trabalho da polícia enquanto mantenedora da ordem que consegue defender a sociedade dessa violência.

O Regime Diurno apresenta-se com sua característica inerente: a ideia de conflito, contraposições. E esses conflitos são justamente protagonizados pelas imagens de vida e de

morte, apresentadas simultaneamente no texto noticioso. Dois aspectos simbólicos do RD podem ser ressaltados na notícia: a polícia com um heroísmo ascendente e espetacular, que salva a população da violência e mantém a ordem, os bandidos em aspecto de fuga, que nos remetem a um isomorfismo de agitação teriomórfica.

Em outra notícia podemos ver as duas imagens (vida e morte) transitando também em confluência. O texto noticioso do jornal A União mostra a realidade difícil de trabalhadores do centro da cidade de João Pessoa, e resgata símbolos do Regime Diurno para construir essa representação imaginária, utilizando isomorfismos dos símbolos catamórficos e nictomórficos quando trata da pobreza, dos lugares escuros onde eles trabalham e da queda da dignidade por um lugar de labuta no mínimo ideal para ganhar o dinheiro do sustento.

**Figura 3:** Reportagem: Ponto dos engraxates sofre com descaso



Fonte: Jornal A União, 02 de agosto de 2013

Aqui, a vida é mostrada por essa luta para sobreviver, em busca de um trabalho digno, onde um simbolismo ascendente, diurno, busca o seu lugar ao sol. Já a morte é representada por esse aspecto indigno de vida. A representação da cidade de João Pessoa morre com o aspecto degradante de vida de parte da população, renegada à uma escuridão nictomórfica. Essa dualidade entre vida e morte consolida mais ainda os aspectos de confronto do Regime Diurno.

A fotografia da notícia solidifica o discurso textual. Em preto e branco os engraxates são mostrados em ambiente de trabalho, um lugar desorganizado. Os três personagens da foto foram flagrados em momento espontâneo, e isso nos revela como trabalham em um local sem



estrutura adequada para o desenvolvimento do serviço. A falta de cores na imagem consolida a escuridão dos símbolos nictomórficos.

## 8.2 VIDA E MORTE, NOITE

As imagens de vida e de morte, apresentadas simultaneamente nos textos noticiosos, também podem se conectar nos isomorfismos do Regime Noturno. Encontramos apenas dois textos noticiosos com essas características, de acordo com as nossas interpretações, baseadas nos estudos do trajeto antropológico do imaginário de Durand (2012). Um dado interessante é que as duas notícias de imagens de vida/morte no Regime Noturno foram encontradas no Jornal A União.

No texto noticioso abaixo, o Jornal A União apresenta a morte de forma eufêmica retomando a lembrança da morte com um sentimento nostálgico, de saudade. Já a vida é representada pelo movimento nos cemitérios e o cuidado da morada eterna em respeito a quem já partiu.

**Figura 4:** Notícia: Equipes da Emlur realizam ação de limpeza nos cemitérios de JP



Fonte: Jornal A União, 01 de agosto de 2015

O Regime Noturno pode ser notado através das estruturas místicas de intimidade, representadas pelo cemitério, que resguarda o sono eterno de quem já morreu. Existe ainda uma perspectiva eufêmica do abrandamento da morte, representada também através da tranquilidade e da manutenção da morada eterna em lugar de calma.



Assim, a morte e a vida unem-se em estruturas sintéticas noturnas, que tem como funções imaginárias a sistematização dialética de antagonismos, ou seja, a morte e a vida, unem-se em um mesmo espaço imaginário, o cemitério, sob facetas de simbolismos de inversão, tratando a morte de forma eufêmica, de intimidade, mostrando o cemitério como local de repouso e apresentando um aspecto de vida, através da ação da limpeza e da vida que existe e que cuida do cemitério.

No texto noticioso seguinte, o jornal A União traz imagens de vida e de morte em seu texto noticioso. Podemos analisar a construção de imagem de vida quando olhamos para o aspecto de cuidado do hospital, em relação ao tratamento da saúde, ação necessária para a permanência da vida. Já a morte se apresenta quando o texto retrata os problemas da cidade, como a situação triste dos moradores de rua, acidentes de trânsito, e violência urbana.

**Figura 5.** Reportagem: Trauma realiza trabalho de identificação de pacientes

## Trauma realiza trabalho de identificação de pacientes

Pacientes não identificados chegam constantemente ao Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa. De acordo com os dados do Serviço Social da instituição, só neste primeiro semestre, 36 pessoas sem identificação deram entrada na unidade hospitalar. Em 2016, foram 80 pessoas, a maioria pacientes em estado grave, inconscientes e necessitando de atendimento de média e alta complexidade.

A maior parte dos não identificados é do sexo masculino, acima dos 20 anos, morador de rua, vítima de acidente de trânsito ou da violência

urbana, e que no momento da ocorrência não portava qualquer documento pessoal.

"A equipe de assistentes sociais realiza um trabalho de buscas nas áreas ou proximidades aonde o paciente foi encontrado/socorrido. E juntamente com a Assessoria de Comunicação do Hospital realiza divulgações em jornais, rádios, televisões e internet, além de realizar contatos com outros órgãos da Rede de Assistência", relatou a coordenadora do Serviço Social, Francisca Nelma Ribeiro.

Quando os pacientes recebem alta médica, ainda sem identificação, aguardam na

unidade hospitalar até serem aceitos em uma casa de acolhida disponível na cidade. Em caso de óbito, a unidade faz um boletim de ocorrência e encaminha o corpo para o Instituto de Medicina Legal (IM) para ser sepultado sem identificação.

Francisca Nelma ressaltou a importância da identificação e orientou que, em caso de pessoas desaparecidas, os familiares podem procurar o Serviço Social do Hospital de Trauma. "É muito importante que todo cidadão ao sair de casa lembre-se de levar consigo seus documentos pessoais para que numa situação de acidente possa ser identificado", concluiu.

Fonte: Jornal A União, 03 de agosto de 2017

Encaixamos essa notícia na perspectiva do Regime Noturno pela representação significativa do hospital de João Pessoa para esse centro urbano, manifestado através dos símbolos de acolhimento. A notícia fala que a unidade de saúde recebe pessoas mesmo não identificadas para trata-las, o que nos conecta com os símbolos de intimidade, que reproduzem a ideia de acolher, guardar e cuidar.

### 8.3 VIDA E MORTE, DIA E NOITE

A polissemia das interpretações das imagens de vida e de morte, tanto no Regime Diurno quanto no Regime Noturno, nos permite abrir o leque de opções das identificações das imagens. Da maioria dos casos de imagens de vida e morte encontradas simultaneamente nos textos noticiosos, podemos perceber uma predominância nas interpretações do Regime Diurno, o que nos mostra um conflito entre vida e morte, como podemos perceber no quadro 12.

No entanto, conseguimos perceber também, notícias que mostravam aspectos do RD e RN simultaneamente, traçando um diálogo, mesmo que paradoxal, entre os símbolos dos dois regimes. Para exemplificar esses paradoxos, sentimos a necessidade de apresentar a identificação de imagens de três textos noticiosos, os quais estão descritos logo abaixo.

No texto noticioso a seguir, João Pessoa vive em sua movimentação, mas morre com o seu caos causado por essa mesma movimentação. A vida e a morte se encontram paradoxalmente, e lutam entre si, numa espécie de sobrevivência representativa. Essas imagens, tanto construídas pelo texto quanto pela fotografia, nos mostram uma cidade de conflitos, o que podemos conectar aos isomorfismos do Regime Diurno.

**Figura 6.** Reportagem: Câmeras flagram mais de 500 carros em fila dupla na capital

## Câmeras flagram mais de 500 carros em fila dupla na capital

Número de infrações cometidas por motoristas corresponde ao monitoramento realizado no período de abril a junho

José Alves  
alves@jornaluniao.com.br

Estacionar o carro em fila dupla é uma infração média com punição de multa no valor de R\$ 130,16 mais quatro pontos na carteira de habilitação. Mesmo assim, os condutores de veículos de João Pessoa continuam mal educados. Em 2016, no período de 1º de abril a 30 de junho, 900 motoristas foram flagrados pelo circuito de câmeras da Semob e punidos por estacionarem os veículos em fila dupla.

Este ano, no mesmo período do ano passado, houve uma redução no número de penalidades, mas onde não existem câmeras os abusos continuam. Pelo circuito de Operações de Trânsito e Transporte instalado pela Semob, 565 motoristas foram flagrados este ano cometendo a infração de fila dupla. Essas infrações ocorrem mais nas principais ruas do centro da cidade, a exemplo da 1017 e Duque de Caxias.

Desde que os equipamentos de fiscalização (câmeras) foram instalados, os condutores



Estacionar o veículo em fila dupla nas ruas é uma infração média e o motorista flagrado e punido com multa no valor de R\$ 130,16 mais quatro pontos na carteira de habilitação

Fonte: Jornal A União, 03 de agosto de 2017

Em contrapartida, há o abrandamento dos problemas, um eufemismo nos afirma que apesar de todo os problemas caóticos do trânsito da cidade, as infrações diminuíram após a fiscalização, o que nos conecta a uma esperança eufêmica do Regime Noturno, tentando recuperar a imagem de João Pessoa como centro urbano acolhedor.

Sob essas perspectivas de interpretações, podemos encontrar confluências entre as estruturas esquizomorfos (ou heroicas) do Regime Diurno, com os símbolos teriomórficos de agitação, representado pelo trânsito caótico e as estruturas sintéticas do Regime Noturno, apresentadas no texto sob a ideia de que, mesmo com o desordenamento inerente do caos do tráfego, há um sincronismo lógico, uma eufemização com a diminuição no número de infrações, apresentando assim um progressismo parcial, próprio das estruturas sintéticas do RN.

Na reportagem abaixo, o Jornal Correio da Paraíba elaborou um texto com várias fontes entrevistadas. O objetivo era perguntar à população quais seriam os presentes ideais para a cidade de João Pessoa receber pelo seu aniversário. O paradoxo entre vida e morte, noite e dia, nesse texto é facilmente identificável. Enquanto algumas falas do texto, seja do jornalista ou mesmo de personagens entrevistados, elogiam a cidade de João Pessoa como lugar de tranquilidade e paz, outros criticavam a cidade afirmando que merecia mais segurança e melhorias.

**Figura 7. Reportagem: População elege presentes para JP**

## População elege presentes para JP

Capital completa 429 anos e pessoense quer melhorias na saúde, segurança e transporte público

**LUCILENE MEIRELES**

João Pessoa, a terceira Capital mais antiga do Brasil, chega aos 429 anos com uma população estimada em 769 mil habitantes, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e a população espera, como presente para a cidade, além de melhorias nos setores de saúde, transporte público e infraestrutura, mais investimentos na área de segurança pública. Para comemorar a data, a Prefeitura da Capital iniciou uma série de inaugurações. São mais de 20 obras e um investimento superior a R\$ 21 milhões. Além disso, hoje é o encerramento das atividades profanas e religiosas da Festa das Neves, padroeira da cidade.

O Centro de Referência de Educação Infantil (Crei), localizado no bairro Mangabeira VII, será entregue hoje, às 9h. O equipamento tem espaço para 60 crianças com idades até três anos. São quatro salas de aula climatizadas, todas com banheiro e chuveiro eletrônico, além de sala de informática com notebooks, sala multiuso, anfiteatro, playground, administração, almoxarifado, sala dos professores, sanitários, repositório, fraldário, pólo coberto, refeitório, copa, lactário, vestiário, lavanderia, despensa, cozinha e caixa d'água. A obra teve investimento de R\$ 1,6 milhão para construção e R\$ 83 mil para compra de equipamentos e mobília.

O outro equipamento a ser entregue hoje é o Centro de Treinamento Esportivo, no bairro Valentina de Figueiredo. A estrutura, que tem 12 mil metros quadrados, custou cerca de R\$ 6 milhões e foi feita para sediar competições nacionais e internacionais, com arquibancada para 1,2 mil pessoas. O recurso foi da Prefeitura de João Pessoa em parceria com o Governo Federal, em convênio com a Caixa Econômica Federal.

Amanhã, o prefeito participa da entrega da reforma da Praça das Muriçocas, que faz parte da política de recuperação das praças da Prefeitura de João Pessoa, custou R\$ 190 mil e, entre as mudanças, está o novo piso em blocos intertravados, relocação do quiosque e canteiros. A praça tem área total de 4.061 m². Também amanhã, serão entregues cinco novas viaturas e uma van para a Secretaria de Segurança Urbana e Cidadania (Semsub).

**OPINIÃO**

**Que presente João Pessoa merece**

A cidade precisa de melhorias e a área de segurança tem detido a atenção. Hoje, você sai para trabalhar e não sabe se vai voltar para casa. Então, mais investimento na segurança seria o presente ideal.

**Reginaldo Araújo dos Santos**  
Comerciante

Acho que o grande presente para a cidade seria a mudança de seu nome para Felipe. A história que se conta não condiz com a verdade. Pelas belezas que temos, a cidade merece ser presentada com este nome.

**América Cabral**  
Funcionária pública

**PROGRAMAÇÃO DA FESTA DAS NEVES**

**05/08 (TERÇA-FEIRA)**

**PONTO DE CEM REIS**

- 16h — Mestre Brown
- 20h — Cardelino Vicente Campos Filho
- 20h — Corda Noronha, Serejota João do Rei
- 21h — Grupo Joroca (Londre)
- 22h — Grupo Apesulher
- 22h — Grupo Amantes do Robeco (Sepel)

**TENDA ARTE E CENA (PRAÇA RIO BRANCO)**

- 15h — Autoespêculo "O Rei de Deus - Características Brasileiras da Tradição e Canto Contemporâneo", do Compositor Mundo Real
- 17h — "A Sopa de Bolso", de Jeca, Grupo Experimental Canto Aberto
- 18h — "Cafetina de Malagás: Apresentação do Movimento Negro Po de Bolso", Composto o programa de Jeca (Associação Cultural Raposo de Jeca), no Jeca de Jeca Faculdade de Direito
- 19h — "Sopão: A Pátria Poética do Saco"
- 20h — Performance de André Berto (Artista Raquel Farias)

**PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA**

- 18h30 — Vestimenta dos colaboradores
- 19h — Santa Missa
- 19h — Bênção do Santo Terço (Força dos Homens Aquilões)
- 16h — Solenidade Procissão e Missa de Encerramento



Fonte: Jornal Correio da Paraíba, dia 05 de agosto de 2015

Na reportagem, podemos enxergar que a construção do imaginário social da capital pessoense permeia entre imagens de vida e de morte, de luz e de sombras, diante das opiniões do público e do próprio discurso jornalístico. Aqui, o Regime Diurno se apresenta pela



revelação das problemáticas da cidade, que mostram violência, caos e desordem, num simbolismo marcado pela teriomorfia, a nictomorfia e muitos outros aspectos axiomáticos presentes nas estruturas esquizomorfos.

Já o Regime Noturno chega e eufemiza essas imagens, desconstruindo a negatividade, abrandando a imagem da cidade, mostrando o cotidiano citadino não como local problemático, mas como cidade que só precisa de algumas melhorias. Essa perspectiva da estrutura sintética do RN abre o caminho para um simbolismo das estruturas místicas: os símbolos da intimidade, quando podemos perceber, no discurso do texto, que, apesar de todas as problemáticas, João Pessoa é ainda uma cidade acolhedora, onde estão sendo construídas praças e outras melhorias para a população.

Na reportagem seguinte, o gigantismo próprio do Regime Diurno domina a fotografia da roda gigante, um dos brinquedos mais disputados da festa da padroeira da cidade de João Pessoa: a Festa das Neves.

**Figura 8.** Reportagem: Bombeiros vistoriam parques, hoje

**FESTA DAS NEVES REDUZIDA NÃO AGRADA**

## Bombeiros vistoriam parques, hoje

**Ana Daniela Aragão**  
**Adriana Rodrigues**

Os parques, barracas e geradores de energia elétrica montados no Centro da cidade para a Festa das Neves, que começa na próxima quarta-feira, em João Pessoa, serão inspecionados na manhã de hoje, pelo Corpo de Bombeiros. O capitão Marcone Osório afirmou que, até ontem, a Prefeitura de João Pessoa ainda não havia enviado a documentação formal solicitando a inspeção, mas ela seria feita, de qualquer forma para garantir a segurança de quem vai à festa. Este ano, a programação

profana só dura três dias e moradores temem que a tradição acabe. O capitão Marcone Osório informou que não sabe informar o número de brinquedos porque precisaria ter acesso à Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) – documento que consta assinatura de técnicos nas áreas de engenharia elétrica e mecânica. “Como não recebi a documentação da prefeitura, fiquei sem saber quando a festa começa e quando termina. Mas já tomei conhecimento. Muita coisa precisa ser inspecionada. Não quero me responsabilizar por acidentes, por isso a fiscalização será feita”, disse.

**Itens avaliados**

- ▶ Extintores
- ▶ Sinalização
- ▶ Parte elétrica
- ▶ Escadas ou degraus das passarelas
- ▶ Telhados (do brinquedo bate-bate)
- ▶ Travas de segurança

**Queixas.** A programação profana da Festa das Neves terá início na quarta-feira e segue até a sexta no Ponto de Cem Réis, no Centro de João Pessoa, com várias atrações artísticas e culturais. O evento que marca as comemorações do aniversário de 431 anos da Capital da Paraíba

sofreu muitas mudanças ao longo dos anos, e uma delas foi a redução do tempo e do tamanho da estrutura do evento. Moradores do bairro Tambiá lembram do tempo em que a Festa das Neves era o principal evento do calendário turístico de João Pessoa e chegava a contar com uma programação festiva de até 15 dias. Depois foi reduzido para oito dias e agora para três. Eles temem que a festa acabe sendo extinta, por falta de estrutura, mobilização social e estímulo de comerciantes locais. Os parques que vão funcionar durante o evento já estão montados e devem começar a

funcionar a partir de hoje. Já que a programação religiosa já foi iniciada na quarta-feira passada, na Catedral Basílica Metropolitana de Nossa Senhora das Neves, com a novena dedicada à padroeira da Capital, cujo tema da festa deste ano é “Maria, Filha e Mãe da Misericórdia”.

Para dona de casa Sílvia Ramos de Lima, que há 20 anos mora no bairro Tambiá, a tendência da Festa das Neves é acabar. Segundo ela, o evento vem piorando a cada ano. “Não existe mais festa. No passado, era um acontecimento espetacular. Valia a pena sair de casa para um momento de descontração e confraternização com os amigos. Hoje, não tem festa mais não”, comentou.

A aposentada Luzia Durate Araújo também lamentou a redução da festa em todos os sentidos. Não só do tempo de duração, mas da própria estrutura e ofertas de produtos e serviços. “Hoje até para comprar uma maçã do amor, que sempre foi um dos artigos tradicionais da festa,

**Sem contato**

▶ A reportagem tentou falar com a Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb) sobre a documentação necessária para a inspeção, mas as ligações não foram atendidas.

**Parques.** Até ontem, PM/P não havia entregado laudo técnico

está difícil. Não há barracas e nem pavilhões como havia no passado. Foi tudo muito reduzido”, comentou. O servidor público Airlton Alexandre Macedo, a Festa das Neves teve seus tempos áureos há mais de 20 anos. Hoje passa despercebida pelos próprios moradores”.



Fonte: Jornal Correio da Paraíba, dia 02 de agosto de 2016

Outros símbolos do RD seguem no decorrer do texto, quando a ação dos bombeiros se personifica em um heroísmo protetor, com a fiscalização dos parques em prol da segurança da sociedade. O texto revela ainda em seu discurso a decadência da festa, com reclamações de personagens, o que nos conecta aos isomorfismos dos símbolos catamórficos, do RD.

Há, no entanto, um abrandamento das problemáticas tratadas, quando o discurso tenta equilibrar as queixas e os problemas da festa com a programação cultural da comemoração do

aniversário da cidade. É nesse discurso que reside o eufemismo do Regime Noturno, em que mais uma vez as estruturas sintéticas de ordenamento dialético de antagonismos abre passagem para compreender a cidade de João Pessoa como local de acolhimento, onde acontecem festas e as pessoas se divertem, apresentando assim um simbolismo místico de acolhimento.

## 9 AS IMAGENS DE VIDA

Não há como negar a dificuldade em tentar explicar o sentido da vida. A palavra é muito mais que um substantivo feminino, resumido em conjunto de hábitos de alguém, maneira de viver, como os dicionários a definem. O sentido da vida passa por instâncias místicas, teológicas, filosóficas, biológicas entre tantos outros campos de conhecimentos humanos.

No entanto, há instâncias no mundo simbólico que são difíceis de explicar, mas fáceis de entender. A vida seria, no sentido mais didático de compreensão, o intervalo de tempo traçado desde o nascimento até a morte. Nesse período, todos os acontecimentos e fatos de um ser ou uma comunidade poderiam ser compreendidos como vida. O sentido, então, está atrelado ao simples fato da existência em movimento. Nascemos, choramos, respiramos, nos movimentamos, logo existimos em vida.

Nesse sentido de compreensão didática e simbólica, podemos entender que tudo que se remete à vida pode ser compreendido com ideia de movimento. É impossível viver, existir, sem o mínimo movimento, nem que seja a batida de um coração. Somos vida até a morte. A morte é a inércia da existência. Esse pode ser o primeiro e indecifrável paradoxo da existência humana.

O tema do sentido da vida move questionamentos desde os primórdios da humanidade. E, de fato, a vida e tudo o que ocorre nela tem sido foco de variados estudos de frentes diversas das ciências e do conhecimento do senso comum.

No entanto, seja a compreensão por meio de frentes de uma razão instrumentalizada, a ciência moderna, ou de conhecimentos de essências sensíveis e místicas, a vida é compreendida como mistério e fato, um paradoxo entre o existir comprovado e um sensível inexplicável.

De toda maneira, é um sentido que se encontra no âmbito do sensível. E por isso retornamos à premissa: difícil de explicar, fácil de entender. Nessa perspectiva, compreendemos que a vida entende-se por si, e pode ser entendida muito mais em seus espaços de vivência.

De acordo com Maffesoli (1998), a vida é paradoxal e polissêmica.

Emitir paradoxos. Um deles é a implicação emocional, a empatia com a socialidade e o fato de pensar com desapego. Eis aí uma atitude de espírito que não se aprecia celebrar. Em geral a preferência vai para as —mentes lúcidas, que sabem decretar aquilo que convém pensar ou fazer, que indicam por que e como se deve fazê-lo. Como já disse, a moda está, indubitavelmente, com o moralismo. Mas, afinal, será mesmo necessário ir no sentido da corrente? À vida do homem sem qualidades são inúteis as injunções morais. E, arriscando-me aqui a ser inatual ou, na melhor das hipóteses, compreendido com atraso, é ela, essencialmente, que nos interessa. —A mais profunda das subversões não consiste obrigatoriamente em dizer aquilo que choca a opinião, a lei, a polícia, mas em inventar um discurso paradoxal. Essa

observação de Roland Barthes, a respeito de Sade, merece reflexão. Com efeito, o paradoxo, em seu sentido mais estrito, é próprio da vida comum. Repousando na empiria, esta última é, estruturalmente, polissêmica. Não possui um sentido determinado, mas sentidos que são postos à prova e vividos à medida que vão surgindo (MAFFESOLI, 1998, p.13).

A vida comum se constrói pelos seus espaços de vivência, ou seja, aquele mesmo espaço descrito por Durand (2012), um lugar com função simbólica que “estaria ligado à ação, porque a representação espacial é uma ação interiorizada” (p.408).

Assim, o ato de conviver manifesta em si o sentido de viver. Seria viver em conjunto. Essa perspectiva nos proporciona então um simbólico sentido de vida em visão ampla. Compreendemos, então, a vida como um símbolo de espaços de vivência. “E, ainda que seja sob forma de constatação, importa assumir, intelectualmente, a afirmação da existência, o sim à vida a que tudo isso incita” (MAFFESOLI, 1998, p.17).

Nesse sentido, para esta dissertação, entendemos como imagens de vida, tudo aquilo que remete aos movimentos da vida em comum. Esse espaço de vivência, de função simbólica, de compartilhamento de movimentos, respirações, seria a cidade. A cidade é o grande centro de vivência, que engloba vidas e vive por si só.

É a essa criação do tudo-o-que-vier que devemos estar atentos, pois ela emana do gênio coletivo e, por conseguinte, informa-nos sobre a configuração de uma socialidade nova, que permanece particularmente opaca à sociologia ortodoxa. Sob o atraente título de —Psicossomática do espírito do tempo, o filósofo alemão Peter Sloterdijk observa que —o mundo está cheio de formas, cheio de mímicas, cheio de rostos; de todo lado chegam aos nossos sentidos os signos das formas, das cores, das atmosferas. Trata-se da descrição pertinente de uma ambiência cotidiana que não mais repousa sobre o distanciamento da representação crítica, mas sim sobre a recepção, a percepção enfática de uma vivência coletiva. Tudo o que se diz dessa vivência é anódino: mímicas, cores, atmosferas, rostos; mas essa é precisamente a forma matricial dentro da qual se molda uma maneira de ser que não tem a pretensão de realizar, a longo prazo, uma sociedade perfeita, mas que tenta ajustar-se, da maneira mais próxima, —àquilo que é e que, ao mesmo tempo, empenha-se em extrair daí o máximo de fruição (MAFFESOLI, 1998, p.109).

As imagens de vida, na cidade, compreendidas aqui nessa dissertação, podem ser entendidas como imagens de movimentos, que demonstram essa vivência na cidade de João Pessoa. Para nossa interpretação, seriam imagens que levam à noção do ato de viver em si e conviver em sociedade, no geral, atrelados à uma situação harmônica nesse espaço de vivência.

Compreendemos a complexidade e a polissemia das imagens de vida e entendemos que elas podem se adequar a estruturas simbólicas, arquetípicas e imaginárias, tanto dos Regimes Noturno quanto do Regime Diurno, assim como apresentar características dos dois simultaneamente.

Essa característica se comprovou na contagem da Análise de Conteúdo, como pode ser verificada no quadro abaixo. Nos números apresentados notamos um equilíbrio entre o quantitativo de textos noticiosos com imagens de vida relacionadas ao Regime Diurno e Noturno, assim como também notamos a presença de referências de vida em textos com símbolos dos dois regimes, o que remete ao trajeto antropológico do imaginário.

**Quadro 14.** Tabulação cruzada: Imagens de vida x Regime da imagem

	Regime da Imagem			Total
	Diurno	Noturno	Os dois regimes	
Imagens de Vida	66	70	14	150

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

Para exemplificação, selecionamos algumas notícias que apresentam imagens de vida tanto na perspectiva do Regime Diurno quanto no Regime Noturno, e nos dois regimes simultaneamente, as quais serão descritas e identificadas a seguir. Para um equilíbrio didático procuramos, em cada etapa, exemplificar com reportagens ou notícias dos dois jornais analisados. Além disso, como já mencionamos, os textos noticiosos selecionados nesses capítulos de análise não seguem uma ordem cronológica, pois o critério de seleção se baseou no valor da potencialidade simbólica dessas notícias e reportagens.

## 9.1 VIDA E DIA

As imagens de vida relativas ao Regime Diurno da imagem (presentes em 66 textos noticiosos) podem ser caracterizadas por um elemento comum: o movimento e a luta para evolução. Na maioria dos textos noticiosos e imagens relativas a elas encontramos referências de uma movimentação para o crescimento, o que nos conecta aos isomorfismos dos símbolos teriomórficos e ascendentes, além de outras referências simbólicas que nos remetem à luta por uma vida melhor.



Nos textos noticiosos que nos revelam imagens de vida do Regime Diurno notamos uma cidade de João Pessoa em crescimento, em melhora e que luta para se erguer. A vida e o dia são quase sinônimos de esperança de dias melhores. Mas existe o outro lado do dia. As estruturas heroicas (ou esquizomorfos) apresentam ainda imagens axiomáticas, em que a luta e os conflitos (elementos do RD) se fazem presentes, o que não impede a busca por uma vida social melhor. Os textos abaixo selecionados para exemplificação esclarecem nossa interpretação.

**Figura 9.** Reportagem: Na PB, 39,3% saem da pobreza

**CORREIO DA PARAIBA**  
**CIDADES**  
Paraíba ■ Quinta-feira, 01 de agosto de 2013 B1

---

**PREVISÃO DO TEMPO**

LITORAL: Nublado a parcialmente nublado com possibilidade de chuva isolada

AGRESTE/BREJO: Parcialmente nublado a claro

BERTÃO: Parcialmente nublado a claro

**TEMPERATURA**

Máx. **34°C**

Min. **15°C**

Ventos fracos / moderados

**MARÉS**

ALTA	06:15	1.9m
	12:49	1.8m
BAIXA	06:43	0.8m
	19:00	0.8m

Fonte: Marinha do Brasil

**FASES DA LUA**

MINUANTE	29 de julho
CRESCENTE	31 de agosto
NOVA	08 de agosto
CHEIA	20 de agosto

---

**IDH REVELA CRESCIMENTO DO EMPREGO E RENDA**

## Na PB, 39,3% saem da pobreza

Apesar da melhora, mais de 1 milhão passam o mês com até R\$ 140 per capita e 504 mil com R\$ 70

**ALINE GUEDES**

A pobreza na Paraíba diminuiu nas últimas duas décadas, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano. Em 2010, o número de pobres no Estado caiu de 68,29% (em 1991) para 28,93% (em 2010), 39,3% saíram da situação. Hoje, são 1.089.656 pessoas vivendo com renda per capita igual ou menor do que R\$ 140

mensais. A população em extrema pobreza - que tem renda per capita igual ou menor a R\$ 70 mensais - despencou de 41,18% para 13,39%, de 1991 a 2010, respectivamente. São mais de 504 mil pessoas vivendo na miséria. Mesmo com o avanço, a Paraíba ainda tem a sexta pior renda per capita do Brasil (R\$ 474,09). No entanto, Cabedelo (R\$ 1.036,21) e João Pessoa (R\$ 964,82) destacam-se por apresentarem renda média maior que a do País (R\$ 793,87). Campina Grande é a terceira renda per capita do Estado: R\$ 630,03. A Paraíba saiu da média de R\$ 196,59 (1991), para R\$ 299,09 (2000) e chegou a R\$ 474,09 (2010), ano base do levantamento feito pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). A mais alta renda per capita do País é do Distrito Federal: R\$ 1.715,11. Casserengue (PB) tem o maior percentual de pessoas extremamente pobres, quase metade da população vive na miséria: 43,17%. No Brasil, o índice é 6,62%. Na mesma cidade, 60,98% da população é pobre. No outro extremo, João Pessoa apresenta o mais baixo índice de pobreza e miséria: 3,48% e 11,59%, respectivamente. Percentuais menores, inclusive, do que os índices nacionais: 6,62% para pobreza e 15,20% para miséria. O município paraibano com pior renda é Santana de Mangueira, com R\$ 166,28. Gado Bravo vem em seguida (R\$ 170,29). Casserengue, Cacimbas e Damião também possuem baixas rendas.

**MELHORES RENDA PER CAPITA:**

» Cabedelo (PB)	1036,21
» João Pessoa (PB)	964,82
» Campina Grande (PB)	630,03
» Casserengue (PB)	511,56
» Patos (PB)	508,52

**PIORES RENDA PER CAPITA:**

» Santana de Mangueira (PB)	166,28
» Gado Bravo (PB)	170,29
» Casserengue (PB)	171,37
» Cocimbas (PB)	181,17
» Damião (PB)	182,89

### Cresce emprego com carteira assinada

Na última década, o número de empregados com carteira assinada cresceu na Paraíba (de 23,71% para 28,39%), no entanto, o número de pessoas donas do próprio negócio caiu (de 24,68% para 22,34%). De acordo com o superintendente da Delegacia Regional do Trabalho na Paraíba, Rodolfo Cattão, o fenômeno é consequência da maior conscientização da população quanto à formalização do emprego e também do aumento de realização de concursos públicos no País. "O fato de termos mais trabalhadores com carteira assinada acontece porque a formalização tem aumentado. As pessoas es-

tão mais informadas sobre a necessidade de não trabalhar mais na informalidade e os próprios empregadores buscam assinar a carteira dos seus empregados. Também temos que levar em conta que a fiscalização está mais incisiva. Em relação ao número de pessoas com negócio próprio ter caído, a resposta é nitida: no Governo Lula, foram abertos inúmeros concursos públicos, e, nessa época, as pessoas começaram a acreditar que o mais seguro era estudar para ser funcionário público, com bons salários. Isso virou uma febre, mas acredito que o número de negócios próprios deve voltar a aumentar", analisou.

**Locação profissional de impressoras e multifuncionais**

**MAQ-LAREM**

Contrate e seja o diferencial. Ligue: 3133-4024

Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 01 de agosto de 2013

A reportagem “Na PB, 39,3% saem da pobreza” não apresenta fotografias e nem imagens de relevância, sendo composta apenas com uma ilustração que aparenta pouca significância e um infográfico quantitativo de renda per capita de algumas cidades paraibanas. Essas duas imagens, no entanto, apresentam referências aos símbolos ascendentes, mostrando crescimento econômico local.

Logo no início do texto, a pequena ilustração, no canto esquerdo da página, posicionada antes do *lead* (primeiro parágrafo de uma notícia), podemos perceber um desenho que mostra crescimento. Em marca d'água, a figura ilustra uma criança e depois um adulto, em meio a um cifrão (\$), que representa dinheiro e alguns livros. Só nessa pequena imagem, já notamos a presença dos símbolos ascendentes do Regime Diurno, um desenho que nos leva a remeter à evolução natural do ser humano, primeiro a infância e depois a velhice. Tudo isso, permeado pelo capital, envolvido nesse processo de ascensão, tanto nas fases da vida, quanto na ascensão social.

O sentido da pequena imagem é consolidado pelo texto. Logo no título, o leitor já consegue compreender que aquela leitura lhe dirá que a Paraíba está crescendo, pois, os níveis de pobreza estão diminuindo, o que nos leva a crer que existe ascensão social, a pobreza e as melhorias econômicas são, assim, inversamente proporcionais.

Essa interpretação nos abre um leque de paradoxos: enquanto a pobreza cai, a Paraíba ascende. A cidade de João Pessoa, no texto e no infográfico, está entre as cidades paraibanas com o melhor rendimento de renda *per capita*. Isso significa a posição ascendente da capital pessoense, consolidando mais ainda os símbolos do Regime Diurno. João Pessoa se ergue, cresce e as imagens imaginárias se conectam à dominante postural de superação.

Outro texto interessante para análise é o da figura 10. A reportagem publicada no Jornal A União no dia 2 de agosto de 2014 foi tanto capa da editoria de Cidades, quanto manchete de capa do periódico.

**Figura 10:** Reportagem “Número de mortes cai 10%”



Fonte: Jornal A União, 02 de agosto de 2014

O texto aborda a redução do número de mortes em estradas após o aumento de fiscalização e de lombadas eletrônicas nas pistas e nos traz uma conexão com isomorfismos e símbolos do Regime Diurno da imagem por conta da ideia de confronto, luta pela vida diante da morte. Os símbolos deste Regime estão sempre conectados com ideias de luta, de movimentos, enfrentamentos, pois é o lugar da “vitória sobre o destino e a morte” (DURAND, 2012, p.120).

A busca pela manutenção da vida encontra-se no imaginário humano desde os primórdios. Lendas, mitos, pesquisas científicas buscam sempre prolongar a vida humana, manter a saúde, lutar contra o tempo e contra a morte. Logo, a reportagem que nos mostra como o número de acidentes de trânsito diminuiu com tecnologias específicas para o trânsito nos conecta a esse imaginário diurno, de confronto diante da morte.

## 9.2 VIDA E NOITE

Em relação às imagens de vida do Regime Diurno, que nos apresentam isomorfismos de luta pela evolução e crescimento, as imagens de vida do Regime Noturno já nos mostra símbolos referentes a uma vida que procura o descanso, a paz, a tranquilidade e a calma, o eufemismo. Notamos, na maioria das publicações analisadas dessa categoria, a presença de símbolos de intimidade, aquelas referências simbólicas que nos remete à proteção materna, o colo da mãe, ou mesmo lugares de segurança e tranquilidade.

No ano de 2013, encontramos uma reportagem com referências de imagem de vida que podemos conectar imediatamente às imagens do Regime Noturno, o que já nos mostra a polissemia paradoxal do imaginário retratado nos jornais, como podemos ver a seguir.

Figura 11. Reportagem: ‘Língua presa’ dificulta mamada

CORREIO DA PARAÍBA

Cidades

Paraíba ■ Quinta-feira, 01 de agosto de 2013 B3

# ‘Língua presa’ dificulta mamada

Na Semana da Amamentação, Sociedade de Fonoaudiologia faz campanha por ‘teste da linguinha’ no SUS

**HENRIQUETA SANTIAGO**

Todo mês, em média, 600 bebês nascem na Maternidade Cândida Vargas, em João Pessoa e, destes, pelo menos 60 (10%) apresentam alguma dificuldade de ou problema ao mamar, conforme informou a fonoaudióloga Manuela Leitão de Vasconcelos, que integra a equipe do projeto ‘Mãe Canguru’ da instituição. Segundo ela, entre os problemas pode estar a ‘língua presa’, um encurtamento no frênilo lingual, que traz sofrimento para o bebê e para a mãe, que muitas vezes desiste de amamentar o seu filho.

Para diagnosticar esse problema precocemente e tratá-lo, a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFA) e os conselhos regionais querem que o ‘teste da linguinha’ seja ofertado na rede pública de saúde e que esse direito seja garantido por lei, assim como é hoje o ‘teste da orelhinha’, que detecta perda auditiva.

Uma campanha para incentivar a implantação do ‘Teste da Linguinha’ em maternidades públicas da Paraíba foi lançada e, hoje, o Dia Mundial da Amamentação – uma oficina será realizada em João Pessoa pela fonoaudióloga paulista e idealizadora do exame Roberta Martinelli. Ela ministrará a oficina das 9h às 12h, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para qualificar os

**Encurtamento no frênilo lingual faz bebê ter dificuldade de mamar, segundo especialista**

profissionais para a realização do teste. Atualmente, nenhum hospital público da Paraíba realiza esse exame.

A realização do teste da linguinha vai poder detectar logo após o nascimento, especificamente, se o bebê possui alteração no frênilo lingual, ou ‘língua presa’. Com esse problema, ele não consegue sugar direito o peito da mãe. Isso causa cansaço para a criança e dor para a mãe, que fica muitas vezes com a mama ferida e faz com ela desista mais cedo da amamentação, tão importante para a saúde e o desenvolvimento do bebê”, comenta a fonoaudióloga Manuela Leitão de Vasconcelos.

**Dois projetos de lei no Estado**

O fonoaudiólogo representante do Conselho Regional de Fonoaudiologia na Paraíba (4ª Região) e coordenador geral da campanha no Estado, Emerson Avelino dos Santos Alves, articulador regional do Conselho da Maternidade Gratuita da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, informou que, após a publicação da matéria no Jornal Correio, em 28 de

**Conselho quer ‘teste da linguinha’**

O fonoaudiólogo quer que todos tenham acesso gratuito a exames, realizados em uma maternidade

O fonoaudiólogo Emerson Avelino lembra que se observamos os registros médicos da língua – conhecida como frênilo ou frênulo – encontramos o desenvolvimento de uma pessoa em todos os pontos da vida: da infância à fase adulta. Segundo ele, porque a língua presa interfere no momento da sugar, mastigar, engolir e falar. “Mas, realmente, os benefícios da intervenção da língua podem dificultar o amamentamento e, logo, os bebês nascem com esse problema”, diz Alves, acrescentando que o problema atinge os mamas que não percebem o problema logo após o nascimento, mas que o bebê não consegue sugar direito o peito e, assim, desiste de amamentar. “Isso causa cansaço para a criança e dor para a mãe, que fica muitas vezes com a mama ferida e faz com ela desista mais cedo da amamentação, tão importante para a saúde e o desenvolvimento do bebê”, comenta a fonoaudióloga Manuela Leitão de Vasconcelos.

**PROGRAMA MAIS MÉDICOS**

## Médicos pedem apoio da OAB contra governo

**ALINE MARTINS**

União (DOU).

O presidente do Sindicato dos Médicos da Paraíba (Simepi), Tarcísio Campos, destacou que o segundo dia de paralisação das atividades foi importante para apresentar aos advogados os problemas da saúde pública no Estado e também as irregularidades do programa Mais Médicos. “Não é para mostrar que a categoria é contra o programa, mas para apresentar as falhas e o risco que oferece à população. Nós queremos fazer um debate aprofundado da medicina preventiva e mostrar a indignação da categoria”, afirmou.

Além disso, o presidente do Simepi revelou que está fazendo um levantamento dos municípios em que os profissionais de saúde estão sendo demitidos para que as vagas sejam ocupadas pelos médicos inscritos nesse programa, para que as prefeituras não tenham que pagar os salários.

Os contratados receberam uma bolsa de R\$ 10 mil durante três anos. Conforme o Ministério da Saúde, 3.307 inscrições no País foram negadas porque os CRMs estavam inválidos.

No próximo dia 15, o Ministério da Saúde (MS) abrirá a segunda etapa de inscrições para adesão ao programa Mais Médicos, tanto para profissionais quanto para municípios. Na primeira etapa, 90 cidades paraibanas (40% dos municípios paraibanos) se inscreveram. No entanto, das 107 prioritárias apenas 85 confirmaram adesão. Hoje será divulgada a relação de médicos com CRM válido no Brasil e a indicação do município designado para cada profissional. Os médicos começarão a atuar no próximo mês. Ontem, segundo o último dia de paralisação das atividades, em João Pessoa, a classe médica se reuniu com representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seccional Paraíba, para buscar apoio jurídico e também ampliar o debate com a sociedade e parlamentares.

Segundo o MS, os profissionais presentes nessa lista terão de homologar a participação e assinar um termo de compromisso até o próximo sábado. Do contrário, as inscrições serão publicadas no Diário Oficial da

Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 01 de agosto de 2013

A notícia “Língua presa” dificulta mamada” nos mostra na imagem uma fotografia de um seio, sustentado por uma mão materna, e uma criança se amamentando. A cena é clara e transpassa a afetividade entre mãe e filho, mostra a fragilidade da criança dependente do alimento materno: o leite, implícito na imagem. Apesar da liquidez do leite não aparecer na imagem, compreendemos que se trata de amamentação, pois, o imaginário nos remete ao ato natural de uma mulher amamentar o filho.

O bebê repousa nos braços maternos, enquanto suga o alimento leitoso. Só nessa interpretação percebemos os símbolos da intimidade, de resguardo e proteção, manifestos pela mãe e o gesto da amamentação, interpretado pela reflexologia como ato da dominante digestiva.

As imagens do Regime Noturno sempre retornam aos gestos ligados à deglutição, ao imaginário da digestão, pois a ação da descida movimentam as estruturas místicas. Nos símbolos da intimidade essa característica é latente, pois a ideia de intimidade remete à tranquilidade, quietude, repouso, e nada mais acolhedor que o colo materno.

No trajeto antropológico do imaginário de Durand (2012), os símbolos de intimidade, do Regime Noturno são permeados pelas ideias do eufemismo, já que são símbolos que estão conectados por isomorfismo que remetem ao repouso, e que se materializa com o simbólico



ventre materno, que resguarda o feto, e ainda nos conecta à dominante reflexa digestiva e copulativa sexual.

Logo, podemos conectar essas imagens dos símbolos de intimidade do Regime Noturno com a cidade de João Pessoa, lugar onde se promove a conscientização para a amamentação e os cuidados com a criança. A cidade, mostra-se assim, como um lugar de acolhimento, um lugar que cuida da sociedade.

Outro texto noticioso com referências de imagens de vida, sob o aspecto noturno é a da figura 12. A reportagem, publicada no Jornal A União, em 2015, nos mostra um cenário de vida pessoense de belezas naturais e população acolhedora. No texto, a reportagem desconstrói a imagem caótica que temos acerca da cidade: aqui o centro urbano não é aquele do tráfego conturbado, de violência e insegurança. Através das entrevistas com habitantes da cidade, as imagens mentais reconstruídas com a leitura eufemiza a representação imaginária cidadina e nos mostra um lugar de tranquilidade. Ao ler o discurso dos entrevistados, é possível construir uma imagem de uma cidade bonita, limpa e hospitaleira.

**Figura 12.** Reportagem: Pessoaense garante que cidade é a melhor para se viver

**BELEZAS NATURAIS E POVO ACOLHEDOR**

## Pessoaense garante que cidade é a melhor para se viver

**Janielle Ventura**  
Especialista para A União

FOTOGRAFIA: Edson Moreira

**Enquete**

João Pessoa completa hoje 430 anos. As pessoas comemoram junto à Festa de Nossa Senhora das Neves, o aniversário da terceira cidade mais antiga do Brasil. A capital dispõe de um cenário cultural rico, além de suas belezas naturais singulares. Suas praias são preferência dos moradores e dos turistas cada vez mais assíduos. Além de tudo isso, João Pessoa abriga o extremo oriental das Américas, a Ponta dos Seixais, e por isso é conhecida como Porta do Sol, o local onde o sol nasce primeiro.

A partir desses atributos, o jornal **A União** foi às ruas e perguntou para a população: o que você mais gosta de João Pessoa e por quê? Todos responderam que a cidade ainda é o melhor lugar para se viver. Essa resposta se deve ao público pessoense. Seu jeito acolhedor, cativa e atrai qualquer pessoa, além das belezas naturais que a cidade proporciona para quem mora nela e para quem a visita. A violência foi citada, porém, até mesmo quem destacou o fato garantiu que apesar da crise de segurança que atinge todo o país, João Pessoa ainda é a capital brasileira mais segura para se viver.

Veja a seguir, as opiniões dos entrevistados:

**ALCANTARA**  
Porteiro

"João é a minha cidade. Para mim, não há lugar melhor. É bonita e é central. A beleza do lugar atrai bastante turistas. Além disso, quando vou para lá, os vícios vão com amigos e em outros momentos levo a família. No final de tudo, a gente se diverte bastante. Mas aqui desde que nasci, há 28 anos. João Pessoa é um lugar muito bom para se viver. Achar um lugar igual ou melhor é difícil".

**JOÃO PAULO CAETANO**  
Mecânico

"Os pontos turísticos são os locais que mais gosto, como a Casa da Pólvora e a Estação Glória. Quanto mais o governo valoriza esses locais que guardam a história da cidade, melhor fica para quem mora e para quem vem visitar. Costumo visitar a Casa da Pólvora e mostrar para pessoas que não conhecem. Gosto de mostrar a história dela, estrutura e de que é feita".

**GIULIANO GUERES**  
Comerciante

"Gosto de tudo em João Pessoa. Eu morei no Rio de Janeiro e em Recife, mas a melhor capital de se morar é João Pessoa. Não sei se é pela minha família que mora aqui, ou se é por causa do povo que é extremamente acolhedor. Estou aqui há mais ou menos 25 anos, nasci aqui. Realmente não tenho de que reclamar, a cidade é maravilhosa de se viver".

**JOHN WESLEY CAMPOS**  
Estudante

"O que mais gosto de João Pessoa são as praias e as praias. Além do povo que é muito acolhedor. Entre vários outros pontos. Gosto de passar com os amigos e acho que essa cidade é um dos melhores lugares para se viver. Apesar da minha pouca idade, vejo o que acontece nas outras cidades e por aqui sinto que é tudo muito tranquilo. Bem demais! Não trocaria".

**KENEDY MARQUES DUARTE**  
Advogada

"Gosto das pessoas principalmente. As pessoas daqui são hospitaleiras e do bem. Pelo menos na sua grande maioria. Vivemos em uma crise de segurança, assim como em todo país, mas João Pessoa ainda é a melhor cidade para se morar. Além dos ambientes históricos que compõem a história da cidade e que nos lembram diariamente a beleza da capital pernambucana".

**JOZEMIL VIANA**  
Fretista

"O lugar que mais gosto em João Pessoa são as praias. Uma mais exótica que a outra. Para mim, é o lugar mais belo que existe. Costumo ir com amigos ou familiares. Além disso, sempre tem aquela ida ao bar com a rapaziada para tomar aquela cervejinha depois de jogar bola. A cidade é um lugar relativamente tranquilo se comparado a outros locais. Não há melhor".

**THIARA DOS SANTOS**  
Estudante

"Gosto de praia porque eu amo muito o contato com a natureza, tudo o que envolve a natureza me encanta. Também curto as praias e os parques. Tem uma praça perto da minha casa e também é um bom lugar para apreciar o ambiente natural. A cidade tem uma beleza verde muito rica e singular. Todos nós devemos apreciá-la".

**JOELMA DUARTE**  
Professora

"O que mais gosto são as pessoas, que são muito acolhedoras. Moro aqui há pouco mais de um ano. Sou natural de Pernambuco. Quando me mudou, pude sentir isso nas pessoas daqui. Além disso, tem a questão da qualidade de vida que é muito boa. O ambiente natural é mais um atrativo para quem gosta de áreas verdes e quer ficar mais próximo da natureza".

Fonte: Jornal A União, 05 de agosto de 2015

A eufemização é característica marcante do Regime Noturno. Na noite, os símbolos se abrandam, descansam e dormem na calmaria. Há o resguardo dos símbolos da intimidade. Logo, lendo o texto, podemos entender João Pessoa como cidade acolhedora, protetora.

### 9.3 VIDA, DIA E NOITE

Como já dissemos, o sentido da vida é polissêmico e ainda indecifrável, por isso abrange variadas interpretações. Entendemos, assim, que a vida pode apresentar simbolismos tanto referentes ao Regime Diurno quanto ao Regime Noturno, mostrando um equilíbrio simbólico sem predominância de apenas um regime. As imagens de vida são do Regime Diurno quando apresentam simbolismos referentes a um movimento, a uma luta incessante para uma evolução, um crescimento, um confronto diante da negatividade, e do Regime Noturno quando apresenta imagens de tranquilidade calma e descanso.

Nesse panorama, encontramos 14 textos noticiosos com características sob essas duas perspectivas (vida do dia e vida da noite), que ora apresentam imagens da cidade de João Pessoa tranquila, ora apresenta a cidade sob uma perspectiva de movimento, transitando entre símbolos tanto do Regime Diurno quanto do Regime Noturno, como veremos a seguir.

**Figura 13.** Notícia: Bancos fecham e lojas podem abrir



Fonte: Jornal A União, 04 de agosto de 2016

O texto informativo trata de um serviço para a sociedade, falando sobre estabelecimentos que irão funcionar durante as comemorações da Festa das Neves, a festa que comemora o aniversário da cidade de João Pessoa e também a data comemorativa da padroeira da localidade, Nossa Senhora das Neves. Nesse período, a prefeitura de João Pessoa oferece

diversas atividades culturais, como apresentações musicais e parques de diversões no centro da cidade.

Só o título “Bancos fecham e lojas podem abrir” nos revela um paradoxo entre calma e movimentação. Enquanto parte da cidade se movimenta e se agita (símbolos teriomórficos) em comemorações festivas, outra parte se resguarda, se fecha, e descansa (símbolos da intimidade). Esse é apenas um dos exemplos paradoxais que encontramos entre as imagens de vida diante de elementos dos Regimes Diurno e Noturno.

Já a reportagem seguinte, sobre as festividades das comemorações do aniversário da cidade de João Pessoa, no dia 05 de agosto de 2017, nos apresenta diversas simbologias dos dois Regimes das imagens de Durand (2012). Já dissemos, anteriormente, que os dois Regimes não são excludentes entre si, e que uma só imagem ou texto pode apresentar elementos referentes a cada Regime. Compreendemos que as imagens de vida, nesse texto, estão atreladas à movimentação da cidade e à vivência compartilhada, tanto em agitação, quanto em alegrias eufêmicas.

Figura 14. Reportagem: A Capital completa 432 anos

B2 | CORREIO DA PARAÍBA

CRONICAS | Paraíba | Sábado, 05 de agosto de 2017

# A Capital completa 432 anos

**Festa das Neves.** Programação religiosa de hoje começa às 9h; já a parte cultural tem início às 17h, com apresentação de grupo infantil

**Beto Pessoa**

A partir das 16h será celebrada a Santa Missa de encerramento da Festa das Neves, presidida por Dom Delson, seguida de procissão pelas ruas centrais da Capital.

Eventos religiosos, culturais e serviços públicos fazem parte da programação deste sábado, quando se comemora os 432 anos de João Pessoa. Tanto Prefeitura Municipal quanto Governo do Estado têm atividades gratuitas durante todo o dia de hoje.

A programação religiosa deste sábado começa às 9h na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, com celebração

Arquiepiscopal das missas do Nuncinho Apostólico no Brasil, Dom Giovanni d'Amelio. Às 15h tem a recitação do Santo Terço, organizado pelo Terço dos Homens, e a partir das 16h a Santa Missa de encerramento da Festa das Neves, seguida de procissão.

Na programação cultural, a partir das 17h, o grupo Cavalos Marinho Infantil se apresenta no Ponto de Cem Réis, seguido por Mulheres do Cangaço (17h40), Nau Catarineta (18h00), Nelson Roberto (18h10) e Fernando Sombra (20h00). A grande apresentação da noite fica por conta do "Príncipe dos Teclados", Zézo.

Às 20h30, Célia de França e Nathalia Bellar, juntas aos 56 músicos da Orquestra Sinfônica da Paraíba e da Orquestra Sinfônica da Paraíba Jovem, se apresentam no Teatro Pedra do Reino, no Centro de Convenções. A entrada é gratuita.

Fonice da Paraíba, clássica da música popular brasileira, a exemplo de 'Meu Sublime Torris', de Gênesis Macêdo; 'A Primeira Vista', de Chico César; 'Admirável Gado Novo', de Zé Ramalho; e 'A Lua e Eu', de Caetano.

O maestro Luis Carlos Durán, regente, falou das expectativas para o concerto. "É um repertório que irá emocionar o público que comparecer ao Teatro Pedra do Reino, já que terá músicas muito representativas da nossa Capital, que chega aos 432 anos. Este ano, temos como convidadas Célia de França e Nathalia Bellar, com músicas muito presentes na memória coletiva", disse.

**Serviços.** A partir das 16h, no Parque Solon de Lucena, a Superintendência de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob) vai emitir credenciais para idosos que desejam utilizar o transporte coletivo gratuito.

**Trânsito.** Agentes de mobilidade urbana estarão no trânsito nas imediações. Um trecho da Av. Camilo de Holanda será bloqueado (faixa da esquerda entre a Primeira Isabel e o Parque Solon de Lucena). Ressalta-se que a faixa da direita estará liberada para o trânsito dos veículos que transitarão.

**ABRE E FECHA 05/Agosto**

► **Comércio:** Fechado / Quem decidir abrirá que pagar aos funcionários « uma folga

► **Shoppings**

- Tamboá (JP): 12h às 20h (lojas) / até 22h (praça)
- Marinha (JP): 10h às 22h-30
- Sebrasa (JP): 12h às 20h
- Sul (JP): 10h às 22h
- MAG (JP): 10h às 22h
- Cidade (JP): Fechado
- Mangabeira (JP): 10h às 22h-30

► **Supermercados:** abertos

► **Trens:** Não funcionam

► **Ônibus:** das 6h às 18h/0h30 às 19h30 (período)

► **Hospitais, UPAs e Samus:** planilhas mantidas



O Príncipe dos Teclados, Zézo faz show no Ponto de Cem Réis

Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 05 de agosto de 2017

Podemos constatar a presença marcante do RD quando se fala em movimento, agitação teriomórfica. No entanto, essa mesma agitação, que pode ser percebida sob uma perspectiva negativa trazida pelo RD, pode ser eufemizada e organizada pelas estruturas sintéticas do RN, quando se fala das estratégias de organização do trânsito. Essas imagens discursivas que o texto nos traz, nos conecta com o imaginário paradoxal da cidade urbana (caótica sob uma luz diurna, porém organizada/eufemizada sob uma luz noturna, compreendida por uma dialética sistematizada).

Pela perspectiva do Regime Noturno a cidade se eufemiza também em festa e cores. E, apesar da presença de uma multidão- o que poderia nos levar a uma conexão primeira aos símbolos teriomórficos, é importante notar que essa aglomeração não é representada apenas de forma caótica, pois o trânsito se organiza, a festa acontece e a hospitalidade acolhedora de João Pessoa se manifesta em clima de paz, tranquilidade. Dos símbolos noturnos há ainda a presença de simbolismos místicos, como celebração de missas, comemoração a santos etc.



## 10 AS IMAGENS DE MORTE

A morte encontra-se na instância das grandes problemáticas dos domínios metafísicos, assim como a vida. Defini-la não é nossa missão nesta pesquisa, no entanto, para compreensão didática, que colabore para a percepção e identificação das imagens de morte nas páginas de jornais, entendemos essa representação mortal noticiosa como tudo aquilo que rompe com os harmônicos aspectos da vida, tanto de forma bruta, como representada na visão do Regime Diurno, quanto em sua forma eufemizada, como nos mostra o Regime Noturno.

Para uma perspectiva antropológica, “a morte é a última crise da vida” (HOEBEL e FROST, 1976), essa fase mortal inevitável é “universalmente considerada como acontecimento socialmente significativo, assinalado por um ritual e confirmado pela sociedade.” (RILEY citado por HOEBEL e FROST, 1976. p. 172).

Os mesmos autores afirmam que o sentido da morte encontra-se consolidado na cultura humana desde civilizações antigas:

[...] todos os indivíduos sabem muito bem que a morte determina o fim da existência corporal. A crença na transição da existência carnal para uma existência totalmente espiritual na morte origina-se da fé e da imaginação, é uma projeção da vida de um estado tangível e material para uma condição etérea, ilusória, afirmada pelo dogma da cultura (HOEBEL e FROST, 1976. p. 172).

Em narrativas míticas, a morte é representação presente e constante e, para Durand (2012), é essa instância que ajuda a dar contornos a diversos rituais de variadas sociedades.

O mito, para começar, que “forma a armadura dos conhecimentos religiosos” e que se degrada em lendas, contos e fábulas invoca o funcionamento de uma ordem donde está excluída a morte e, logo que a “desordem” da morte aparece, o “mito passa apenas a ser exposição do método seguido...pelos homens para restabelecer a ordem na medida do possível e limiar os efeitos da morte. Contém, assim, um princípio de defesa e de conservação que comunica ao rito” (DURAND, 2012, p.405).

Logo, se existe morte em diversas representações da cultura humana, existe morte representada no imaginário social e nas representações jornalística, consequentemente. E por isso que a morte aparece como critério de noticiabilidade, fato e acontecimento indispensável para noticiar, pois é rompimento do ordenamento.

No entanto, a representação de imagens de morte nas páginas jornalísticas ultrapassa o domínio individual. A morte relatada no jornal torna-se pública a partir do momento de sua divulgação, transfigura-se, então, em instância de interesse público.

Para Tacussel,

A morte, comentada, jogada no parecer midiático, mostra que o real instaurado na ordem narrativa e visual acaba com o sentido próprio no figurado. Como se a morte não pertencesse mais à vítima, à dor dos seus próximos, mas a massa dos profanos reunidos todos os dias, pelos “milagres” da assunção jornalística. Saber se a dignidade e o respeito ligados à imagem da morte correm o risco de tornarem-se um luxo, é uma questão colocada pelo progresso tecnológico do final deste século (TACUSSEL, 2006, p. 33).

A morte nos noticiários vira pauta e aparece como assunto relevante para ser noticiado porque, segundo Tacussel (2006), refere-se a “situações extremas, pois as circunstâncias combinam-se em um fluxo irracional, inumano, e excepcional em definitivo” (TACUSSEL, 2006, p.30).

O autor, no entanto, observa que não é toda morte que vira notícia e que há uma recorrência nos tipos de morte noticiados. Tacussel (2006) descreve seis casos frequentemente publicados pelos jornalistas, afirmando que essas imagens alimentam o “enraizamento de arquétipos, sobre os quais repousa a permanência do imaginário coletivo” (p.31).

Todos os tipos de morte descritos confluem para o simbólico da morte como rompimento do ordenamento. No primeiro caso, o autor trata do lugar da morte, notando que o jornal não deixa em branco esses espaços públicos onde acontecem o rompimento da vida.

1º- O lugar fatal: no caso de alguns suicídios, os desesperados querem que sua passagem entre os vivos seja testemunhada, uma última vez, de maneira ostentatória. Eles se jogam de uma ponte muito freqüentada, do alto de um monumento público (a Torre Eiffel, por exemplo), ou sob o metrô. A morte involuntária pode igualmente reter a atenção do cronista. Por exemplo, uma vítima que estatela-se em uma queda, depois de ter pago uma quantidade de dinheiro para saltar de um viaduto com os pés amarrados por um grosso elástico, que era tido como perfeitamente seguro. Outros morrem subitamente durante um enterro ou em um cemitério. Recentemente, um homem foi nocauteado por uma crise cardíaca quando ria de um filme cômico no cinema. Tudo se passa como se os sujeitos tivessem feito um pacto secreto com os lugares pré-destinados de suas eliminações. Isso basta para dotar o lugar de uma lúgubre originalidade (TACUSSEL, 2006, p.30).

O segundo tipo de morte frequentemente noticiada é aquela relacionada ao absurdo. “O medo do perigo e a vontade de derrota-lo por todos os meios, às vezes os mais incongruentes, fornecem muitas ilustrações e alimentam os noticiários em macabros epílogos” (TACUSSEL, 2006, p.30). O autor cita casos que provocam espanto: como o exemplo de um comerciante que mata o filho pensando que era ladrão.

O absurdo resulta, nestes casos, de uma lógica paradoxal que destrói o fim (a felicidade e a paz do lar) com os meios que serviriam a sua proteção. [...] Acontece ainda de os noticiários explorarem o absurdo, destruindo a razão e suas nefastas astúcias, para deixar a última palavra exclusivamente à providência. (TACUSSEL, 2006, p.)

Na terceira categoria, o autor trata dos noticiários que envolvem morte com dinheiro, o que forma “uma dupla unida e bem presente nas colunas dos noticiários. O *hold up* sangrento sempre teve bom rendimento, já que ele permite contrapor a audácia dos bandidos com a coragem ou a ineficácia da polícia” (TACUSSEL, 2006, p.30).

No quarto tipo, o autor trata da monstruosidade e brutalidade que levam à morte. Nesse caso, a morte vai além do simples ato de morrer, pois o noticiário rende além, numa repercussão de suas consequências.

A idade das vítimas (crianças, idosos), sua impotência e sua inocência frente à crueldade simbolizam as fronteiras etárias que a consciência julga intransponíveis. A notícia pode, nestas condições, servir de pretexto a uma mobilização da opinião pública em favor da pena de morte, contra o aumento da insegurança nas grandes cidades, contra a droga... (TACUSSEL, 2006, p.31).

A morte aparece também nos jornais como uma “barbárie comum” (TACUSSEL, 2006). Essa quinta tipificação trata da morte já banalizada e normatizada, como os casos que acontecem em campos de batalha, por exemplo, quando o momento mortal já é de se esperar.

O sexto e último tipo de morte noticiada, identificada por Tacussel (2006), é a morte racionalizada.

A subestimação do perigo inscreve a notícia e a morte numa espécie de “racionalização” do destino. Os acidentes domésticos, causa importante da mortalidade infantil, assim como os de estradas e de trânsito em geral, ou os do trabalho, não se referem mais automaticamente à contabilidade cega do destino. Os poderes públicos, o arsenal jurídico e as campanhas de prevenção pretendem demonstrar que o inelutável e a tragédia podem ser evitados. (TACUSSEL, 2006, p.32).

As tipificações de morte retratadas nos noticiários definidas por Tacussel (2006) são importantes para compreendermos como a morte habita o imaginário social e como se representa nos textos noticiosos dos periódicos jornalísticos. É importante saber, no entanto, que as tipificações do autor não são excludentes entre si. Em nossa investigação epistemológica pela identificação das imagens de morte, notamos alguns casos que se enquadram nas tipificações do autor, mas trataremos aqui das imagens de morte nos jornais sob uma perspectiva de morte simbólica, quando a cidade morre em seu ordenamento social.

Alguns dos textos onde identificamos imagens relativas a um simbolismo mortal não possuem necessariamente uma morte descrita. Tratamos aqui, a morte como um rompimento da ideia de ordem, como estado de desordem da sociedade, com imagens relativas ao caos, ao confronto, ou com notícias de uma perspectiva negativa que trate a cidade de João Pessoa como lugar de morte, violência, inabitável. O que morre, na nossa interpretação nesta investigação é apenas a representação da cidade João Pessoa.

No decorrer da nossa busca pelas imagens notamos um dado importante, um fenômeno que pode ser compreendido pelo trajeto antropológico do imaginário de Durand (2012): a maioria dos casos das imagens de morte da cidade de João Pessoa está relacionada aos Regime Diurno. Esse dado consolida o que Durand (2012) fala sobre as imagens que permeiam o RD, com símbolos de isomorfismos de confronto, luta, e contraposições, desembocando em uma polissemia simbólica de angústia e conflito, aspectos que podem ser identificados nas matérias coletadas encaixadas nessa categoria.

Por todo esse simbolismo antitético, as imagens esquizomorfos do Regime Diurno podem chegar a nos apresentar interpretações maniqueístas dos símbolos. E é por isso que a morte nas páginas dos jornais, em geral, aparecem identificadas e enquadradas no Regime Diurno, pois essa morte aparece sempre como o rompimento da ordem. Rompe-se a ordem, e morre a representação da vida da cidade de João Pessoa.

São justamente essas imagens de conflito, confronto e rompimento do RD que dominam o montante dos textos noticiosos catalogados em nossa pesquisa, pois o conflito gera pauta. Ao todo, 157 textos noticiosos foram catalogados como pertencentes do RD, das 254 notícias e reportagens do material empírico coletado (ver quadro 12). A desordem, o caos, os isomorfismos das agitações, a desordem em busca do ordenamento orgânico da cidade permeia o sentido de critério de noticiabilidade, pois vira notícia o homem que morde o cachorro, e não o cachorro que morde o homem.

Foi difícil encontrar imagens de morte sob uma perspectiva do Regime Noturno como notícia porque estas não têm tanta potencialidade para ser noticiada. A morte no RN é descanso, é tranquilidade e calma, ao contrário da morte no RD, que é consequência final indesejada e combatida e apresenta-se, em geral, como instância negatizada. É o absurdo noticiado. Vira notícia um acidente fatal, um assassinato, ou mesmo quantidade de mortos em um desastre.

No quadro 15 podemos compreender essa premissa analisando os números. Calculamos com a AC, 61 textos noticiosos que apresentam imagens de morte que se encaixam no Regime Diurno da Imagem, em comparação com apenas dois do Regime Noturno da Imagem.

Nos dados, não encontramos a confluência das imagens de morte com uma hermenêutica dupla entre os dois regimes, como foram encontradas as imagens de vida.

Quadro 15. Tabulação cruzada: Imagens de morte e Regime da Imagem

	Regime da imagem			Total
	Diurno	Noturno	Os dois regimes	
Imagens de Morte	61	2	0	63

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

10.1 MORTE E DIA

As imagens de morte no Regime Diurno aparecem nas páginas dos jornais ligadas a uma perspectiva negativa, nos apresentando uma cidade de João Pessoa como local de perigo. Nessa pesquisa, não consideramos apenas textos noticiosos que tratassem apenas da morte de fato, que é o rompimento da vida. Entendemos aqui uma morte simbólica, que rompe com o simbolismo das imagens de vida numa perspectiva de quebra de um imaginário social com aspectos positivos. Exemplificamos nas notícias coletadas e descritas abaixo.

Figura 15. Notícia: Polícia Civil registra dois assassinatos na Grande JP

NO FIM DE SEMANA

# Polícia Civil registra dois assassinatos na Grande JP

ALINE MARTINS

Entre o sábado e a madrugada de ontem, a Polícia Civil registrou dois assassinatos e seis tentativas de homicídios nos bairros das cidades de Bayeux e de João, na Região Metropolitana. Em um dos homicídios, a vítima, o pedreiro Everton Cassio Araújo, 31, teve a cabeça praticamente despedaçada em cima de uma mesa de sinuca. Investigações apontaram que ele teria sido uma discussão no dia anterior com um dos envolvidos no crime. Já em relação as tentativas, estão, um vigilante de uma casa de show da Capital e um suplente de vereador e presidente de uma Associação de Moradores que foram alvejados e encaminhados para o hospital.

O primeiro homicídio aconteceu na Rua São Vicente, no campo da “Santana”, no bairro de Imbuizá, em Bayeux, por volta das 12h30. Segundo o relatório da Delegacia de Crimes contra a Pessoa, a vítima, Everton Cassio Araújo, 31, estava sentada em uma mesa de bar quando dois indivíduos chegaram e desferiram vários golpes no pescoço. No dia anterior, a vítima teria discutido com um dos envolvidos no crime. Everton teria dado uma surra no autor de sua morte.

Já no bairro de Mandacaru, em João Pessoa, na Rua Rodrigues Alves,, José Carlos de Oliveira Brito, 36, foi assassinado com seis tiros. De acordo com a Delegacia de Crimes contra a Pessoa, no momento do crime, a vítima, que já passou pelo Centro Educacional do Adolescente (CEA), estava em uma localidade dominada por uma facção criminosa oposta a do local onde reside e isso teria ocasionado crime.

A primeira tentativa de homicídio ocorreu, às 14h, em Bayeux. A vítima, Alexandre Freire Pereira, 29, foi atingida por disparos de arma de fogo quando passava pelo Elnário da cidade. Ele foi levado para o Hospital de Trauma, na Capital. Também em Bayeux, às 16h30, a polícia registrou outra tentativa, desta vez, no bairro de Tambay, Evandro Oliveira Cantilino, 42, estava em um bar e se negou a dar um cigarro a uma pessoa que estava no local. Houve reação do envolvido e desferiu golpes contra a vítima.

Ainda em Bayeux, por volta das 21h30, um casal de jovens foi alvejado a tiros. Leandro Florêncio dos Santos, 18, estava conversando com uma amiga, 16, quando foi surpreendido por dois homens que estavam em uma moto, o carro na descida e passou a disparar contra o casal, que foram atingidos. Os autores fugiram sem deixar pistas. As duas vítimas foram socorridas para o Trauma. No bairro das Indústrias, na Capital, o mecânico Edson Carlos dos Santos, que suplente de vereador e presidente da Associação de Moradores, levou três tiros (tórax, cabeça e ombro direito) às 20h40 do sábado. Até ontem, a vítima estava internada em estado grave no hospital de Trauma.

No bairro do Rangel, em João Pessoa, às 4h do domingo, o vigilante de uma casa de shows, Jefferson Nascimento, 30, foi abordado por três homens em um carro quando chegava em sua casa. De acordo com a Polícia, a vítima teria expulso três homens do local onde trabalhava e tudo indica que eles teriam provocado a tentativa de homicídio.

Fonte: Jornal Correio, edição 04 de agosto de 2014

A imagem de morte no texto noticioso, da Figura 15, aparece estampada logo no título da notícia quando anuncia que ocorreram assassinatos na região da grande João Pessoa. Assim como a maioria das imagens de morte identificadas nos jornais, essa em específico, se enquadra predominantemente no Regime Diurno da imagem, pois o relato nos passa ideia de uma João Pessoa de conflitos, de perigo e de violência. Logo, a cada notícia negativa, João Pessoa morre e apresenta-se como espaço público de rompimento e desordem.

Aqui, podemos tipificar, de acordo com Tacussel (2006) a morte noticiosa como aquela brutal, em que o texto explora o grotesco absurdo, não deixando despercebido a crueldade do crime quando detalha que a vítima teve a cabeça quase decepada em uma mesa de sinuca.

As imagens do discurso do texto jornalístico nos fazem imaginar uma João Pessoa caótica de violência e brutal, e é nessa instância imaginária negativa que a cidade pessoense morre enquanto representação de lugar paradisíaco procurado por turistas, ou local onde acontece festas tranquilas no centro da cidade em celebração à padroeira, como nos mostra algumas imagens de vida.

No texto noticioso a seguir, encontramos uma imagem de morte simbólica, pois não está descrita a morte de fato. O que a notícia nos apresenta, no entanto, é a imagem da representação da cidade de João Pessoa morrendo enquanto lugar de vida, se manifestando como centro caótico, de irrupções e de problemas sociais, como a violência.

**Figura 16.** Notícia: Bando explode caixas eletrônicos do Santander no centro da capital

## Bando explode caixas eletrônicos do Santander no centro da capital

**Wellington Sérgio**  
wsrgionobre@yahoo.com.br

Na madrugada de ontem, três caixas eletrônicos do banco Santander, na Praça 1817, em João Pessoa, foram arrombados com o uso de um maçarico. De acordo com o delegado Deusdete Leitão, plantonista do Distrito Integrado de Segurança Pública (Disp) de Manáira e responsável por registrar a ocorrência, a quantia levada pelos assaltantes não foi informada. Segundo ele, mesmo tendo violado três caixas, apenas um foi registrado o arrombamento das gavetas com o dinheiro.

"O banco ficará encarregado de contar a quantia levada, mas a perícia identificou que em apenas um dos caixas foi possível acessar a parte que guarda o dinheiro", disse o delegado.

A polícia solicitou as imagens das câmeras de segurança do banco para identificar os culpados e a forma como entraram na agência. "Iremos analisar as imagens para ter acesso à entrada dos assaltantes na agência. Quando chegamos não tinha nenhuma testemunha", afirmou Deusdeth.

A equipe do Instituto de Polícia Científica (IPC) concluiu a perícia e o caso será investigado pela Delegacia de Crimes Contra o Patrimônio.

Fonte: Jornal A União, 01 de agosto de 2015

Logo no início do texto percebemos que um dos cenários do centro histórico da cidade pessoense, a praça 1817, apresenta-se como local de irrupção social, onde acontece o rompimento do ordenamento da vida social da cidade. Três caixas eletrônicos foram explodidos por bandidos, e isso nos remete a uma imagem de violência e insegurança, representações essas que influenciam o imaginário social da cidade de maneira negativa.

Nos parágrafos finais, é descrita a ação policial em prol do ordenamento social, ação que nos remete à estrutura imaginária fundamental do Regime Diurno: o herói. Com ele, seguem isomorfismos de ações imperativas de ordenamento e salvação.

Outra notícia que apresenta uma imagem de morte, mas que não estampa no texto jornalístico a morte de fato é a da figura 17. O texto alerta sobre os perigos para a sociedade das construções abandonadas no centro da cidade, tratando sobre o possível desabamento de prédios, principalmente em períodos chuvosos.

**Figura 17.** Reportagem: Casarões abandonados põem em risco população da capital

## Casarões abandonados põem em risco população da capital

Atualmente existem mais de 60 prédios antigos em situação de abandono no Centro Histórico de João Pessoa

José Alves  
www.josualves.com.br

Neste período chuvoso aumenta o perigo de desabamento em alguns casarões localizados no Centro Histórico de João Pessoa e em outras ruas e avenidas da cidade. Há anos os casarões vêm se deteriorando a apresentando perigo para motoristas, pedestres e comerciantes por causa do abandono dos proprietários. Segundo informações do Iphaep, atualmente existem cerca de 60 ou 70 prédios antigos em situação de risco e a responsabilidade do estado de conservação dos imóveis é dos proprietários.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Iphaep) é responsável pela preservação dos casarões, contra qualquer intervenção de mudança de fachada dos prédios. Qualquer mudança tem que passar por aprovação do conselho do órgão.

Por conta do abandono dos proprietários, o Centro Histórico de João Pessoa tem sido alvo constante de reclamações da sociedade,



Risco de desabamento dos imóveis abandonados no centro da cidade é visível e aumenta o perigo de ruído, segundo Iphaep, a responsabilidade pela conservação dos prédios é dos proprietários.

principalmente, de empresários e comerciantes que trabalham na área. O problema é que a maior parte dos

imóveis abandonados pertence a herdeiros. O Iphaep sempre buscou a localização dos proprietários dos imó-

veis mas muitos deles já não residem em João Pessoa.

O abandono dos casarões pode ser visto em vá-

rios pontos, como nas avenidas Visconde de Pelotas e João Suassuna, e nas ruas Duque de Caxias e da Areia,

entre outras. Sem a presença dos proprietários, fica difícil a revitalização de muitos imóveis.

Fonte: Jornal A União, 02 de agosto de 2017

Notamos tanto no texto quanto na fotografia a presença de simbolismos do Regime Diurno referentes aos símbolos catamórficos (de queda) e símbolos nictomórficos de escuridão. Na fotografia, a imagem do prédio sujo, sem pintura e escurecido nos passa a ideia de casa abandonada, nada hospitaleira e que representa perigo. A imagem é nebulosa e nefasta, assim como são os símbolos nictomórficos do RD. E no texto, há o constante retorno do discurso da queda dos prédios, o desabamento nos lembra os catamórficos simbolismos.



## 10.2 MORTE E NOITE

A imagem de morte no Regime Noturno apresenta-se de forma eufêmica. Como explica Durand (2012), as imagens no RN tendem a se abrandarem, no caso da morte deixa de ser instância negativa e apenas fatal, torna-se passagem sob uma perspectiva mística ou mesmo um descanso numa morada eterna consolidada pelos símbolos da intimidade.

Como os critérios de noticiabilidade estão sempre mais atrelados aos fatos que causam espanto, surpresa e sensacionalismos, aspectos nada eufêmicos, não foram encontrados muitos textos noticiosos que tratassem da morte de forma mística, branda e pacífica. Dentre o montante de textos e imagens analisados, identificamos apenas dois textos informativos com tais características, como vemos a seguir.

**Figura 18.** Notícia: Parque das Acácias vai realizar missa e culto no Dia dos Pais



Fonte: Jornal Correio, 02 de agosto de 2013

A notícia acima é clara no tratamento eufêmico da morte. Tratando dos eventos voltados para os dias dos pais em um cemitério de João Pessoa (Parque das Acácias), o texto se refere aos mortos como “homenageados que não fazem mais parte dessa vida”.

Os símbolos místicos, de inversão: a morte como fase de paz e descanso, e os símbolos de intimidade, o cemitério da morada eterna, são representados, assim, tanto no texto quando na fotografia anexada à notícia.

Na imagem podemos enxergar o cemitério bonito, com o verde da grama e com as flores deixadas para os entes que partiram, não há exploração do grotesco com tumbas à mostra. O que nos passa na fotografia é uma imagem de tranquilidade, e quando olhamos o cemitério não sentimos a presença da morte de forma bruta, negativa e amedrontadora, sentimos a morte em sua forma eufêmica, como passagem para um outro plano, ou um descanso pleno.

A morte noturna também se representa na reportagem da figura 19. Aqui, a morte privada torna-se pública à medida da representatividade social da personagem. Logo no título da notícia notamos o abrandamento da morte. A instância mortal, fase inevitável da vida, é apenas despedida, referenciada pelo “adeus”. É triste, porém pacífica.

**Figura 19.** Reportagem: O adeus à colunista social do jornal A União, Goretti Zenaide

## O adeus à colunista social do jornal A União, Goretti Zenaide

Jornalista paraibana de Alagoa Grande morreu ontem, vítima de câncer, na sua residência, em João Pessoa

Wellington Sérgio

O corpo da jornalista e colunista social do jornal A União, Goretti Guerra Zenaide, de 67 anos, foi cremado ontem, no Crematório Caminho da Paz, no bairro Renascer, em Cabedelo. Ela morreu às 5h, em sua residência, no Bessa, vítima de câncer. A colunista, que passou também pelos jornais Correio da Paraíba, O Norte, O Momento, TV Clube e a Revista Em Dia, comandou a Associação Metropolitana de Erradicação da Mielodisplasia (Amem), localizada às margens da BR-230, Km 11, Renascer II, em Cabedelo.

A paraibana de Alagoa Grande se firmou em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Deixou dois filhos, Mário Zenaide e Hermanto Zenaide, e a filha adotiva Paula Farias. Filha de Hermanto Nóbrega Zenaide e Cinira Guerra Zenaide, Goretti deixou também três irmãos, Hermanto Zenaide Filho, Claudino Guerra Filho e Lúcia Padilha.



O corpo de Letia, como era carinhosamente tratada pelos familiares e amigos, foi velado e cremado ontem no Crematório Caminho da Paz, em Cabedelo.

O sofrimento de Letia, como era mais conhecida, começou após realizar uma cirurgia de hemorroida, em maio, quando começou a sentir dores na perna. A partir daí, descobriu que estava com câncer (primeiro, tumores na meninge, depois, outros espalhados pelo corpo, sendo o maior no pulmão) e começou a fazer quimioterapia.

De acordo com a filha de Goretti, Paula Farias, a situação



Foto: Mariana Ramos e Arquivo A União

piorou depois que foi descoberto que a doença estava por várias partes do corpo. Ela frisou que a família e a própria Goretti estavam cientes da situação. “Os médicos já avisavam que ela não tinha muito tempo de vida. Descansou e deba saudades de quem fez muito na terra”, frisou.

De acordo com a jornalista e colega de trabalho no jornal O Momento, Regina Von Soshien, uma perda irreparável para o

colunismo paraibano, além da amiga, mãe e esposa, que ajudou a muita gente. “Ficamos tristes e com saudades de uma pessoa humana e de caráter excepcional que deixou uma lacuna irreparável”, observou.

O pintor Flávio Tavares ressaltou a perda da amiga que sempre lutou pela vida em todos os momentos. “Foi uma guerreira que sempre brigou por aqueles que mais precisavam.

Tinha um trabalho maravilhoso que será sempre lembrado”, destacou. O colunista do jornal Correio da Paraíba, Gerardo Rabelo, disse que Goretti fez o diferencial no colunismo do Estado, realizando o seu trabalho com simplicidade, sem exageros e com amor. “Deixará muita saudade e os exemplos que jamais serão esquecidos”, observou.

O publicitário Jander Neves, que trabalhou com Goretti

há mais de 15 anos, comentou que ela foi uma amiga, irmã e companheira de trabalho, com passagens por vários meios de comunicação do Estado. “Ficamos tristes com uma pessoa que sempre foi querida por todos”, afirmou.

O publicitário Juca Pontes disse que Goretti sempre foi uma pessoa carismática e feliz, que passava a sua felicidade para outras pessoas naturalmente. “Uma pessoa simples, feliz e uma alma brilhante. Que Deus abençoe e que esteja no local bem especial”, comentou.

Companheira e colaboradora na Associação Metropolitana de Erradicação da Mielodisplasia (Amem), Maria das Dores ressaltou que Goretti foi amiga e uma verdadeira “mãe” para os funcionários e os idosos que moram na instituição. “Perdemos uma mulher valente que sempre ajudou a todos que necessitavam, principalmente os idosos que tinham um carinho especial por ela. Que Deus abençoe por tudo de bom que fez na terra”, frisou a amiga.

Fonte: Jornal A União, 01 de agosto de 2017

O texto segue falando da morte da jornalista Goretti Zenaide, contando um pouco da trajetória profissional da colunista social, tudo de forma suave, sem um discurso seco e abrupto, costumeiro nos textos noticiosos que tratam de mortes. As imagens da matéria também são eufêmicas. A jornalista que partiu aparece eternizada em uma fotografia, sorridente e bem vestida. Ao lado, encontra-se a imagem do velório e do caixão, símbolo místico de intimidade também da morada eterna, assim como o cemitério. Ali, o corpo repousa em descanso.

Seja através de formas textuais verbais ou imagéticas e icônicas, podemos perceber, após esse percurso de identificação de imagens, como as narrativas jornalísticas possuem essa potencialidade de construção semântica, fazendo-nos compreender nosso mundo ao redor através de filtros narrativos.

O discurso midiático é por sua natureza um signo – ou um conglomerado de signos, de significados e significantes múltiplos, plurais e por isso subjetivos, afetando-nos a cada momento de interação com esse processo comunicativo de leitura do mundo.

Assim, as imagens de vida e de morte se apresentam nas narrativas jornalísticas sobre a cidade de João Pessoa, construindo e desconstruindo um imaginário social, ajudando na compreensão do cotidiano citadino, retroalimentando nosso modo de percepção a respeito da cidade.

## 11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de João Pessoa e suas imagens discursivas e fotográficas expostas nos jornais nos revelam duas faces: vida e morte. A cidade é viva quando mostra movimento, pessoas, agitação, crescimento, sensação de pertencimento e de melhoras da vida coletiva. A cidade é morta quando suas imagens revelam um caos problemático que causa desencantamento. Mas, também há vida na escuridão e morte na claridade. Existem imagens de vida em meio ao caos, e imagens de morte que passam tranquilidade.

São nessas interpretações paradoxais que os Regimes da Imagem (Diurno e Noturno), traçados pelo trajeto antropológico do imaginário de Gilbert Durand (2012), nos ajudam a identificar as imagens do imaginário da cidade de João Pessoa, descritas nos jornais.

A leitura dos jornais impressos de determinada localidade é um passeio conceitual pelo imaginário social daquele local. Podemos conhecer uma cidade transitando por símbolos descritos, discursos textuais, fotografias e ilustrações que a toda hora recuperam signos da nossa imaginação, do campo cultural que forma nossas imagens mentais.

Uma cidade é muito mais que um território físico. Os limites de seus conceitos avançam um espaço também simbólico, o que chamamos aqui de imaginário social, que abrange processos históricos, memórias coletivas, comportamentos sociais, e, principalmente, imagens e imaginações criadas a partir da cultura da localidade, inclusive por imagens criadas e reproduzidas nas instâncias midiáticas.

Na leitura de 254 textos noticiosos que tratavam sobre a cidade de João Pessoa, ou que citavam a cidade em seus discursos, conseguimos traçar um caminho de compreensão dos discursos jornalísticos sobre o imaginário social local.

Em geral, João Pessoa é um local de vida. Foi apontada em notícias e reportagens como um lugar onde se vive melhor, com hospitalidade latente, com certa organização social, tranquilidade e com muitos pontos de uma natureza paradisíaca, apreciável. Foram 59% (150, de acordo com o quadro 10) dos textos noticiosos que coletamos, que apresentaram imagens relacionadas à vida, tanto imagens simbólicas formadas pelos discursos dos textos quanto fotográficas e ilustrativas. Essa vida de João Pessoa se apresentou sob duas faces.

Podemos enxerga-la sob a incisa luz do dia do Regime Diurno, que nos mostra uma luta (elemento presente no simbolismo do RD) pela sobrevivência, pelo crescimento e ascensão (símbolos ascendentes). Mas, podemos também observar a vida, nas narrativas noticiosas, sob uma perspectiva noturna, em que aparece de forma branda, tranquila, acolhedora (símbolos da

intimidade). Há ainda a opção da vida se apresentar sob essas duas faces de forma simultânea e paradoxal, quando não conseguimos definir um Regime dominante.

Em nossa pesquisa, notamos que existe uma leve predominância de textos noticiosos que apresentam imagens de vida relacionadas ao Regime Noturno. De acordo com o quadro 12, podemos ver que foram encontrados 70 textos informativos com imagens catalogadas nessa categoria, em comparação com 66 imagens de vida do Regime Diurno e 14 que interagem simultaneamente com os dois Regimes.

Os dados nos levam a uma interpretação de equilíbrio. No entanto, com a predominância das imagens de vida, mesmo que pequena e relativas ao RN, podemos notar como os textos noticiosos nos trazem imagens fotográficas e discursos com representações de movimento. Seja a vida do dia ou da noite, ela sempre está atrelada a um movimento orgânico, nato da cidade, que se mexe, se relaciona, se socializa. É assim a cidade: vive porque nela tem vida.

Apesar da cidade viver organicamente, ela morre diariamente, simbolicamente. As imagens de morte nos textos noticiosos dos jornais nos revelam isso. Nos 63 textos noticiosos que identificamos só imagens de morte, notamos um elemento predominante: a desordem, o caos, a negatividade. Em geral, as notícias e reportagens que apresentavam as imagens de morte se destacam por matar simbolicamente a imagem de João Pessoa, alimentando um imaginário da cidade com narrativas de violência, corrupção, agressões e problemas ambientais.

Foram encontrados mais textos noticiosos com imagens de morte relativas ao Regime Diurno do que ao Noturno, pois a morte sempre esteve presente em um cenário da cidade que demonstrasse movimentação conflituosa, caótica, em situações problemáticas e violentas. A morte relacionada ao Regime Noturno esteve presente apenas duas vezes, nas notícias e reportagens analisadas. Em 254 textos que tratavam de João Pessoa, apenas duas vezes encontramos a morte eufêmica, tranquila e tratada de forma branda. Isso nos revela como a movimentação da cidade, e esse estado caótico e de desencanto (morte simbólica) é potencial assunto para veiculação midiática.

Também encontramos imagens de vida e de morte no mesmo espaço simbólico. No total, foram 41 textos noticiosos que apresentaram imagens de vida e de morte simultaneamente (quadro 10), geralmente mostrando uma relação conflituosa entre as duas imagens. Enquanto a vida se apresentava de forma que demonstrava o movimento na cidade, a imagem de morte aparecia em contraposição, apresentando o caos e a desordem, ocasionado em uma morte simbólica da cidade, um desencanto. Esse conflito foi o que consolidou a predominância das imagens de vida e de morte no Regime Diurno.

Poucas foram as vezes de um diálogo não conflituoso entre as imagens de vida e de morte representadas nos jornais. Encontramos apenas dois textos noticiosos (reportagem ou notícia) com imagens de vida e de morte simultâneas relacionados ao Regime Noturno da Imagem, os quais se encontram divulgados no Jornal A União.

O jornal de publicação também tem implicações no modo como a cidade de João Pessoa é representada nas notícias e reportagens. O jornal A União, por ser um veículo oficial do estado da Paraíba, tende a mostrar muito mais notícias sob o aspecto de referências de vida, em que mostra um crescimento da cidade, ações governamentais que ajudam o desenvolvimento local etc. Esse periódico foi o que publicou mais notícias relacionadas à cidade de João Pessoa, contabilizando 140 textos noticiosos sobre a localidade (quadro 16, em apêndice A).

Outro dado importante sobre as publicações nos jornais é a frequência das imagens de vida e morte e dos Regimes das Imagens em cada periódico. Observando a quadro 17 (apêndice B), em que cruzamos a variante jornal com as referências de imagens de vida e de morte, notamos uma pequena disparidade entre essas duas instâncias.

É notável que o jornal A União reproduz em suas notícias e reportagens mais imagens de vida, contabilizando no total 88, em comparação com as imagens de morte (28). Podemos notar também, que o número de imagens de morte tem uma certa aproximação com textos noticiosos que apresentam imagens simultâneas entre as duas referências, contabilizando 24 imagens de vida e de morte.

Em relação aos Regimes da Imagem (quadro 18, apêndice C), o jornal A União apresenta mais textos noticiosos relativos ao Regime Diurno. Essa característica é marcante com a presença dos símbolos diurnos que representam movimentação (exemplo de texto noticioso: Filas duplas atrapalham trânsito, publicada em 03 de agosto de 2013); crescimento (exemplo de texto noticioso: Capital terá mais uma UPA 24 horas, publicação de 02 de agosto de 2014) e a presença de instâncias do poder público com aspecto protecionista e organizador-símbolos de um heroísmo ascendente, com aspectos da dominante postural (exemplo de texto noticioso: Estado amplia serviços de apoio para pessoas em situação de rua, publicação de 01 de agosto de 2013). Há ainda a presença de simbolismos de conflito (símbolos diairéticos) característica marcante dos isomorfismos do RD, que mostram problemas na sociedade.

Na maioria dos textos noticiosos que apresentavam aspectos do Regime Noturno, notamos uma relação constante com notícias que tratavam das festividades do aniversário da cidade e com reportagens sobre o período de campanha de amamentação, mostrando um simbolismo acolhedor e eufêmico, em que o estado caótico e perturbador da cidade se eufemiza

em festa (exemplo de texto noticioso: Confira opções de lazer para curtir feriado de 5 de agosto, publicação de 03 de agosto de 2013) e em promoção da saúde (exemplo de texto noticioso: Começa hoje Semana Mundial do Aleitamento Materno na PB, publicação de 01 de agosto de 2015).

Muitas das notícias desse período analisado (1 a 5 de agosto de 2013 a 2017) foram recorrentes notícias sobre momentos de festividade e agitação: dia dos pais, festa das Neves, aniversário da cidade, feriado e campanhas de amamentação, como algumas matérias analisadas nos capítulos anteriores.

Assim como o jornal A União, o Jornal Correio da Paraíba apresentou muito mais imagens relativas ao Regime Diurno do que ao Regime Noturno, isso consolida nossa ideia de que os critérios de noticiabilidade sempre priorizam assuntos que tratem de movimentação, agitação, conflitos, aspectos que permeiam o simbolismo do RD.

Em geral, nos textos noticiosos desse Regime no Jornal Correio era priorizado o simbolismo do conflito (exemplo de texto noticioso: Apreensão de jovens cresce 75%, mas não reduz delitos, publicação de 03 de agosto de 2014; Aedes já matou 3, publicação de 04 de agosto de 2015), mas também de agitação (exemplo: MST ocupa Receita Federal, publicação de 04 de agosto de 2015) e crescimento da cidade (exemplo: A nova calçadinha, publicação de 05 de agosto de 2015).

Na maioria dos textos noticiosos que apresentavam aspectos do Regime Noturno, assim como jornal A União, notamos uma relação constante com notícias que tratavam das festividades da cidade (exemplo: 430 anos de JP: começa a festa, publicação de 01 de agosto de 2015); e com reportagens sobre o período de campanha de amamentação (exemplo: Mães farão ‘Mamaço’ domingo, publicação de 01 de agosto de 2014).

As imagens de vida também são predominantes nas reportagens e notícias do Jornal Correio da Paraíba (quadro 17), e se assemelham aos aspectos noticiados no Jornal A União, tratando sempre de movimentações, agitação da cidade, e, na maioria, das vezes sob um aspecto positivo. Já em relação às imagens de morte, o jornal Correio da Paraíba apresenta um quantitativo maior em relação ao outro periódico, contabilizando 35 textos noticiosos com aspectos relacionados a uma morte simbólica da cidade de João Pessoa.

Percebemos assim, como a cidade de João Pessoa se representa de forma paradoxal nas páginas dos jornais. Mesmo que haja uma leve predominância nas imagens de vida, existe ainda a morte que não se deixa passar despercebida. Essa conexão axiomática entre vida e morte é

inerente às existências, principalmente às instâncias simbólicas e imaginárias, as quais podemos perceber através da função imaginária da fantástica transcendental.

Esse processo investigativo subsidiado pelo trajeto antropológico do imaginário nos permitiu descobrir e redescobrir símbolos, signos, arquétipos e imagens imaginárias escondidas nas entrelinhas das narrativas jornalísticas e nas nuances das imagens figurativas. Encontrar vida e morte na vastidão simbólica dos mitos contemporâneos, criados e resgatados pelos jornais, foi apenas um primeiro passo para uma compreensão fantástica do imaginário social de João Pessoa.



## REFERÊNCIAS

- ANAZ, Sílvio e outros. Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. In: **Revista Nexi**, nº. 3, 2014.
- BORBA, Camile Fernandes; JARDIM, Jéssica Cristina dos Santos. Tradução do ensaio “Passo a passo mitocrítico”, de Gilbert Durand. In: **Revista ao pé da letra**. Volume 14.2, 2012.
- CARVALHO, João Eduardo Coin. Imaginário e representações sociais. In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, Especial Temática, pp.25-33, 2002.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2013
- CORREIA, João Carlos. **A teoria da Comunicação de Alfred Schultz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- CRUZ, Patrícia Monteiro. O estar-junto nas páginas de sou mais eu: encenando experiências e identidades. In: **Conexões Midiáticas**. João Pessoa, nº 01, 2009.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- DURAND, Gilbert: **L’Imaginaire**. Essai sur les sciences et la philosophie de l’image. Paris: Hatier, 1994.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- FORMIGA, Fábio de Oliveira Nobre. **A evolução da hipótese de agenda-setting**. Universidade de Brasília, 2006.
- GONÇALVES, Elton Luiz. **Imaginário e identidade nacional**: Análise mitocrítica na série de tv *família imperial*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem)- da Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2017.
- GONZAGA, Rodrigues. **Filipéia e outras saudades**. João Pessoa, A União Editora, 1997.
- GUEDES, Viviane Marques. A construção da cultura no cotidiano do jornalismo impresso em João Pessoa. In: PEREIRA, W. (Org.). **Epistemologias do caderno B**. João Pessoa: Manufatura, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Mídia e sociedade**: interfaces contemporâneas. Olinda, PE: Livro Rápido, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O visível silêncio e a política fosca**: interfaces contemporâneas. João Pessoa, PE: Livro Rápido, 2007.

HALL, Stuart et all. "A produção social das notícias: o mugging nos média". In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2 ed. Lisboa: Vega, 1999.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. "Análise de conteúdo em jornalismo". In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, Coleção Fazer Jornalismo, 2007.

HOEBEL, E. Adamson e FROST Everett L. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Editora Cultrix LTDA., 1976.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Editora Ática, 1985

LAGE, Nilson. **Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

LEGROS, Patrick e outros. **Sociologia do imaginário**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LIPPMANN, Walter. O mundo exterior e as imagens em nossa mente. In: LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LIRA, Bertrand. **Luz e sombra: significações imaginárias na fotografia do cinema expressionista alemão**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Lia Zanotta; MAGALHÃES, Themis Quezado. **Imagens do espaço: imagens de vida (um estudo sobre Brasília)**. Brasília- DF, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. 2 ed. Natal (RN): Argos, 2001.

\_\_\_\_\_ **Elogio da razão sensível**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes Ltda, 1998.

\_\_\_\_\_ A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº 20, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. 2 ed, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2009.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

MORAES, Vaniucha de. Jornalismo e imaginário social: elementos de um jornalismo revolucionário em Realidade (1966-1968). In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba, PR, 2009.

NASCIMENTO, Flávia Lopes Sales do. **Lirismo e Nostalgia**: Gonzaga Rodrigues, Filipéia e outras saudades. Trabalho de Conclusão de Curso- Centro de Comunicação, Turismo e Artes, habilitação em Jornalismo, UFPB, 2013.

PEREIRA, Wellington. A Comunicação e a cultura no cotidiano. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº. 32, 2007.

PEREIRA, Wellington e MESQUITA, Tarcineide. In: **Culturas Midiáticas**. João Pessoa, nº 07, 2011.

PINTO, Célia. Pensar o universo natural a partir dos regimes da imagem. O pensamento de Gilbert Durand. In: **Rev Famecos (Online)**. Porto Alegre, v. 24, n. 3, 2017.

PONTES, Williane Juvêncio. **Medos Corriqueiros e Cidade**: uma análise institucional Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções / UFPB. 1 ed. Recife: Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2017.

SIMMEL, Georges. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

SILVA, Gislene. Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo. In: **XIX Encontro da Compós**, na PUCRJ, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo e FERNANDES, Mario Luiz (Orgs). **Crítérios de Noticiabilidade**: problemas e aplicações. Florianópolis, Insular, 2014.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento**: O que é imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA, Juremir Machado da. As camadas na floresta do simbólico: uma leitura do livro “diferença e descobrimento: O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação”. In: **Revista Memorare**, Tubarão, SC, v. 4, n. 2, 2017.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos: 203)

TACUSSEL, Patrick. Morte na Página. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 29, 2006.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Cidades em "Cidade". In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. II, nº 2, 2005.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do Cotidiano**: introdução à construção de um campo de análise social. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC: Passo Fundo: UPF, 2003.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Quadro 16. Frequência das publicações no Jornal

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Correio da Paraíba	114	44,9	44,9	44,9
A União	140	55,1	55,1	100,0
Total	254	100,0	100,0	

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

### APÊNDICE B – Quadro 17. Tabulação cruzada entre Jornal x imagens de vida e de morte

		referências de vida			Total
		Vida	Morte	vida e morte	
Jornal	Correio da Paraíba	62	35	17	114
	A União	88	28	24	140
	Total	150	63	41	254

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

### APÊNDICE C - Quadro 18. Tabulação cruzada entre Jornal x Regime da imagem

		Regime da imagem			Total
		Diurno	Noturno	Os dois regimes	
Jornal	Correio da Paraíba	70	33	11	114
	A União	87	41	12	140
	Total	157	74	23	254

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

**APÊNDICE D - Quadro 19.** Tabulação cruzada: Títulos x Regime da Imagem

Título	Regime da imagem			Total
	Diurno	Noturno	Os dois regimes	
Banco de Leite inicia Semana Mundial de Aleitamento hoje	0	1	0	1
‘Caravana’ da alegria	0	0	1	1
‘Dois Africanos’ na Festa das Neves	0	1	0	1
‘Gesto de Herói’ incentiva a doação	1	0	0	1
"Doadoras de vida"	0	1	0	1
“Temos atitude tolerante”	1	0	0	1
177 kg de droga apreendidos	1	0	0	1
183 inquéritos por fraude foram abertos este ano	1	0	0	1
430 anos de JP: começa a festa	0	1	0	1
50 agentes estarão de olho	1	0	0	1
52 praias estão próprias para banho na PB	1	0	0	1
5º BPM apreende arma e munições na capital	1	0	0	1
70% de chance de cura	0	1	0	1
75% dos brasileiros são contra legalização	1	0	0	1
77 na fila para mudar de sexo	0	1	0	1
A Capital completa 432 anos	0	0	1	1
A importância de amamentar	0	1	0	1
A nova calçadinha	0	1	0	1

Acabou a folga dos estudantes	0	1	0	1
Acusada de fraudar venda de imóveis é detida em JP	1	0	0	1
Adolescente é morto a tiros na Capital	1	0	0	1
Aedes já matou 3	1	0	0	1
Aesa tem aprovação de 99% no Progestão	1	0	0	1
Agentes de viagens argentinos conhecem atrativos da Paraíba	0	1	0	1
Alimentos arrecadados serão doados à Apae	0	1	0	1
Aluno da rede estadual pode se inscrever até hoje no Pronatec	1	0	0	1
Ambulantes da Festa das Neves se revoltam com retirada de barracas	1	0	0	1
Anísio Maia é recebido por Euler	1	0	0	1
Ano Cultural é lançado nas escolas da rede estadual	0	1	0	1
Apreensão de armas e drogas	1	0	0	1
Apreensão de jovens cresce 75%, mas não reduz delitos	1	0	0	1
Armas até pela internet	1	0	0	1
Armas e rádio comunicadores são apreendidos no Valentina	1	0	0	1
Arquidiocese festeja 100 anos	0	0	1	1

Arrecadação do Centro de Convenções aumenta 38%	1	0	0	1
Asdef mantém convênios para inserção no mercado de trabalho	0	1	0	1
Assustado (festa de Ruth Avelino)	0	0	1	1
Atividades de prevenção serão intensificadas em João Pessoa	0	1	0	1
Autismo: portadores sofrem com a falta de conhecimento	1	0	0	1
Banco de leite com estoque baixo	0	1	0	1
Bancos fecham e lojas podem abrir	0	0	1	1
Bancos fecham e lojas podem abrir as portas	0	1	0	1
Bando explode caixas eletrônicos do Santander no centro da capital	1	0	0	1
Banhistas aproveitam sol e lotam as praias na Capital	1	0	0	1
Bica oferece passeios, museu, serpenteário e a elefanta Lady	0	1	0	1
Biologia molecular aumenta a precisão no diagnóstico do câncer	1	0	0	1
Bombeiros atendem 222 pessoas na homenagem a padroeira de JP	0	1	0	1
Bombeiros só liberam três dos cinco conjuntos de brinquedos	0	0	1	1

Bombeiros vistoriam parques	0	0	1	1
Bombeiros vistoriam parques, hoje	0	0	1	1
Cagepa substitui esgotamento sanitário no Expedicionários	1	0	0	1
Camelôs voltam a ocupar ruas e calçadas e preocupam lojistas	1	0	0	1
Câmeras flagram mais de 500 carros em fila dupla na capital	0	0	1	1
Campanha melhora relacionamento	0	1	0	1
Capital tem opções de lazer e entretenimento no 5 de agosto	0	1	0	1
Capital terá mais uma UPA 24 horas	1	0	0	1
Capital vai ganhar 100km de ciclovias em dois anos	0	0	1	1
Caravana enche praça com crianças	0	1	0	1
Casa da Pólvora fica pronta em setembro	0	0	1	1
Casarões abandonados põem em risco população da capital	1	0	0	1
Casos da influenza reduzem 85%	0	1	0	1
Chuvas devem dar trégua	1	0	0	1
Colibris ganha novo Crei	0	1	0	1
Começa hoje a Festa das Neves	0	0	1	1



Começa hoje Semana Mundial do Aleitamento Materno na PB	0	1	0	1
Comercialização na Empasa será normal	1	0	0	1
Comércio e bancos não abrirão no feriado	0	1	0	1
Concorrência de concurso para a PM e Bombeiros é divulgada	1	0	0	1
Confira opções de lazer para curtir feriado de 5 de agosto	0	1	0	1
Construção de prédios só deve iniciar próximo ano	1	0	0	1
Corpo de Bombeiros abre inscrições para o Curso de Formação de Oficiais	1	0	0	1
Corpo de Bombeiros inscreve para minicurso de primeiros socorros	1	0	0	1
Corretores de imóveis querem manter comissão de 5% em JP	1	0	0	1
Cratera será fechada até sábado	1	0	0	1
CRM vai liberar o HU para retomar cirurgias	1	0	0	1
Desrespeito constante	1	0	0	1
Dia de festa no parque	0	1	0	1
Dia nublado também dá praia	0	1	0	1
Dupla assalta empresa, mas foge sem nada	1	0	0	1
É feriado estadual, de fato e de direito	0	1	0	1

Educação em prisões: Governo vai criar um plano estadual	0	1	0	1
Emplacamento das cinquentinhas ainda não tem uma data definida	1	0	0	1
Empresas subnotificam dados e escondem acidentes de trabalho	1	0	0	1
Energisa está instalando nova linha de postes na Grande JP	1	0	0	1
Equipes da Emlur realizam ação de limpeza nos cemitérios de JP	0	1	0	1
Espaços lúdicos e alegres auxiliam recuperação	0	1	0	1
Espep abre inscrições para cursos gratuitos	1	0	0	1
Esquema para atendimento na Festa das Neves	1	0	0	1
Estação da Moda inscreve para curso	1	0	0	1
Estado ajudou a criar lei no País	0	1	0	1
Estado amplia serviços de apoio para pessoas em situação de rua	1	0	0	1
Estão abertas inscrições para congressos de HIV e hepatites	1	0	0	1
Estrangeiros faturam nos sinais	1	0	0	1
Falsa corretora é presa após golpe	1	0	0	1
Famílias de sem-teto interditam avenida	1	0	0	1

Feirantes recebem orientação sobre o descarte de resíduos	1	0	0	1
Feriado terá várias opções de lazer para o pessoense	0	1	0	1
Feriado: comércio abre e trens não circulam	0	1	0	1
Fest Solidário	0	0	1	1
Festa das Neves (programação profana)	0	0	1	1
Festa das Neves começa hoje	0	0	2	2
Festa das Neves é encerrada hoje com procissão e missa na Basílica	0	1	0	1
Festa das Neves é encerrada hoje com romantismo e religiosidade	0	1	0	1
Festa das Neves II (programação religiosa)	0	1	0	1
Festa das Neves tem Cidade Negra	0	1	0	1
Festa das Neves tem Geraldo Azevedo	0	0	1	1
Festa das Neves tem início hoje	0	0	1	1
Festa das Neves tem Patati Patatá	0	1	0	1
Filas duplas atrapalham trânsito	1	0	0	1
Fingia ser vigilante para praticar assaltos e furtos	1	0	0	1
Fraudes e falsificações somam R\$ 2,5 mi em JP	1	0	0	1

Frei Anastácio sai em defesa do passe livre para estudantes	1	0	0	1
Gangue do maçarico ataca	1	0	0	1
Geração aprisionada	1	0	0	1
Geraldo Azevedo e Mamma Jazz cantam hoje	1	0	0	1
Gerentes de lojas têm previsão de boas vendas para o Dia dos Pais	1	0	0	1
Ginásio Hermes Taurino está abandonado e prejudica moradores	1	0	0	1
GOE apreende fuzil em Mandacaru	1	0	0	1
Governo do Estado inicia Semana Mundial de Aleitamento Materno	0	1	0	1
Governo lança calendário das Conferências de Juventude hoje	1	0	0	1
Grevistas fazem ato público na capital em defesa da educação	1	0	0	1
Hemocentro define calendário de coleta	0	1	0	1
Hemocentro fará nove coletas externas este mês	0	1	0	1
Hemocentro inicia campanha com a PRF	0	1	0	1
Hemocentro realiza coleta de sangue hoje na Lagoa	0	1	0	1

Hoje tem ‘bailinho’, em JP	0	1	0	1
Hospital de Trauma da capital vai adotar classificação de risco	1	0	0	1
Hospital de Trauma recebeu a visita da Defensoria Pública da Paraíba	0	1	0	1
Hospital Metropolitano deve ser concluído em dezembro	1	0	0	1
HU retoma cirurgias bariátricas	1	0	0	1
Inicia Semana do Aleitamento	0	1	0	1
Instalação de subestação de energia muda rotina na Unimed	1	0	0	1
Integrante de bando que fazia ameaças é localizado em JP	1	0	0	1
João Pessoa e Alhandra lideram ranking das chuvas no Estado	0	0	1	1
João Pessoa foi a cidade onde mais choveu este ano na Paraíba	0	1	0	1
Jovens são usados por facções	1	0	0	1
JP e CG recebem restos orgânicos	1	0	0	1
JP ganha o Teatro Pedra do Reino	0	1	0	1
JP tem serviço especializado para pessoas com deficiências	0	1	0	1

JP: bandidos assaltam turistas	1	0	0	1
Justiça libera ambulantes na praça	1	0	0	1
Justiça ouve os envolvidos com fraudes em concursos	1	0	0	1
Lançado concurso Arte Cidadã para os alunos da rede pública	1	0	0	1
‘Língua presa’ dificulta ma	0	1	0	1
Loja á arrombada no Centro da Capital	1	0	0	1
Luiz Melodia é uma das atrações da comemoração do aniversário da capital	0	1	0	1
Mães farão ‘Mamaço’ domingo	0	1	0	1
Mães querem direito de amamentar	0	1	0	1
Magistério teve reajuste de 11,32%	1	0	0	1
Mais casos em JP e Campina	1	0	0	1
Mais de 50% pretendem presentear pais/Mais de 50% pretendem presentear pais	1	0	0	1
Médicos pedem apoio a OAB contra governo	1	0	0	1
Milanez pede Secretaria de Cultura em JP	1	0	0	1
Montagem de parque de diversões causa transtornos no trânsito do centro	1	0	0	1

Morte na fila do transplante	1	0	0	1
Mostra alusiva à data começa hoje	1	0	0	1
MPF denuncia 11 envolvidos na 'Falsa Morada'	1	0	0	1
MPPB quer criar mais um órgão de defesa do consumidor em JP	1	0	0	1
MST ocupa Receita Federal	1	0	0	1
Muita música e diversão no Centro	0	1	0	1
Mulher é baleada em fuga de criminosos	1	0	0	1
MULHERES NEGRAS DEBATEM	1	0	0	1
Música e cultura popular animam o segundo dia da Festa das Neves	0	1	0	1
Na PB, 39,3% saem da pobreza	1	0	0	1
Número de mortes cai 10%	1	0	0	1
O adeus à colunista social do jornal A União, Goretti Zenaide	0	1	0	1
O adeus a Goretti Zenaide	1	0	0	1
O assalto nosso de cada dia	1	0	0	1
OAB aprova só 14% dos advogados	1	0	0	1
Oficina do Procomitês é realizada em João Pessoa	1	0	0	1

Operação combate contrabando e sonegação de impostos em JP	1	0	0	1
Operação Impacto prende mais de 50 pessoas em cinco cidades	1	0	0	1
Operação prende 12 acusados de crimes em Itabaiana e na capital	1	0	0	1
Ortotrauma faz mutirão hoje	0	1	0	1
Paraíba reforça policiamento no Rio Grande do Norte e na divisa	1	0	0	1
Parque das Acácias vai realizar missa e culto no Dia dos Pais	0	1	0	1
PB tem 25% dos médicos pedidos	1	0	0	1
PBGás conclui ERPM de S. Miguel de Taipu	1	0	0	1
PBTur divulga Destino Paraíba durante feira em Ribeirão Preto	1	0	0	1
Pedestre disputa espaço com carros na Beira-Rio	1	0	0	1
Pesquisadores avaliam estuários da PB	1	0	0	1
Pessoense garante que cidade é a melhor para se viver	0	1	0	1
Pipas deixam 300 mil casas no escuro	1	0	0	1
PM apreende armas e prende 34 suspeitos no fim de semana	1	0	0	1



PM apreende suspeitos de roubar moto em JP	1	0	0	1
PM detém 27 suspeitos de roubos e furtos na PB	1	0	0	1
PM prende assaltante	1	0	0	1
PMJP entregará três obras	0	1	0	1
Polícia apreende 2 armas e 107 pedras de crack em JP	1	0	0	1
Polícia apreende armas em 5 cidades	1	0	0	1
Polícia Civil apreende 17 quilos de maconha durante operação na capital	1	0	0	1
Polícia Civil registra dois assassinatos na Grande JP	1	0	0	1
Polícia desarticula esquema de roubo e adulteração de veículos	1	0	0	1
Polícia incinera 3 toneladas de drogas apreendidas na capital	1	0	0	1
Polícia Militar apreende maconha e crack em JP	1	0	0	1
Polícia Militar prende 51 pessoas	1	0	0	1
Polícia queima 3t de drogas	1	0	0	1
Ponto dos engraxates sofre com descaso	1	0	0	1
População elege presentes para JP	0	0	1	1
Preço do perfume importado varia em até 105,49%	1	0	0	1
Prefeitos querem prorrogar prazo	1	0	0	1

Prefeitura entrega				
Academia de Saúde no bairro Ernani Sátiro	0	1	0	1
Prêmio ODM prorroga inscrições	0	1	0	1
Prevenir a dengue sai caro	1	0	0	1
PRF: fluxo aumenta no final da tarde	1	0	0	1
Procon constata variação de até 38% nos preços de ferramentas	1	0	0	1
Professores podem se inscrever até o dia 22	1	0	0	1
Programação profana começa hoje	0	1	0	1
Projeto prevê assistência a morador de rua de JP	0	0	1	1
Prorrogadas inscrições para alunos de Direito	1	0	0	1
Quatro vão para cadeia por ordem da Justiça	1	0	0	1
Reajuste dos combustíveis torna uso do GNV opção mais atrativa	0	1	0	1
Refém em sua própria casa	1	0	0	1
Relatório aponta redução de 90% nos casos de arboviroses	1	0	0	1
Remontando a tragédia	1	0	0	1
Repasse de manutenção	0	1	0	1
Ressarcimento por danos	1	0	0	1
Risco dos assaltos em paradas	1	0	0	1

Sarampo: PB já tem 106 suspeitas	1	0	0	1
Secretaria comemora o Dia do Agricultor	0	1	0	1
Secretaria de Educação orienta pais de alunos sobre intercâmbio internacional	1	0	0	1
Sedh e Senac promovem curso de Assistente de Pessoal em JP	1	0	0	1
Segurança na orla da capital	1	0	0	1
Seis homens são detidos após troca de tiros com a polícia	1	0	0	1
Sem o nome do pai	0	1	0	1
Sem-teto protestam e fecham avenida no Centro da Capital/ Prédio está ocupado há 4 meses	1	0	0	1
Semob bloqueia trânsito em 10 pontos	1	0	0	1
Senac tem mais de mil vagas abertas em cursos na capital	1	0	0	1
Servidores do HU suspendem paralisação até próximo dia 10	1	0	0	1
Show de Sidney Magal	0	1	0	1
Síndrome do pânico pode atacar qualquer pessoa	1	0	0	1
Sine-JP oferta 115 vagas de emprego	1	0	0	1
Sofrendo em silêncio	1	0	0	1
Sudema classifica 45 praias como próprias	0	0	1	1

Supermercados e shoppings abrem	1	0	0	1
Trabalhadores do MST ocupam Ministério da Fazenda na capital	1	0	0	1
Tradição familiar permanece	0	1	0	1
Transporte e trânsito têm esquema especial	1	0	0	1
Tratamento gratuito contra o vício nos Cais e Caps	1	0	0	1
Trauma realiza trabalho de identificação de pacientes	0	1	0	1
Trauma só recebe com aviso prévio	1	0	0	1
Trens funcionam normalmente	0	1	0	1
Três presos por clonagem	1	0	0	1
Trevo de Mangabeira: DER pede remanejamento de redes de serviço	0	0	1	1
Trio acusado de roubar casa é preso na capital	1	0	0	1
UFPB tem 748 vagas em 69 cursos	1	0	0	1
Unidade da Ambev da capital diminui atividades demitindo	1	0	0	1
Usuários reclamam de paradas sem abrigo	1	0	0	1
Vacina não chega aos postos de JP	1	0	0	1
Vereador cria Ouvidoria Popular	1	0	0	1
Vereadores visitam a Câmara de João Pessoa	0	1	0	1

Vítima de bala perdida não resiste	1	0	0	1
Zeinho Botafogo cobra biblioteca municipal	1	0	0	1
Total	157	74	23	254

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.

**APÊNDICE E– Quadro 20.** Tabulação cruzada: Títulos x Imagens de vida e de morte

Título	Imagens de vida e de morte			Total
	Vida	Morte	vida e morte	
Banco de Leite inicia Semana Mundial de Aleitamento hoje	1	0	0	1
‘Caravana’ da alegria	1	0	0	1
‘Dois Africanos’ na Festa das Neves	1	0	0	1
‘Gesto de Herói’ incentiva a doação	1	0	0	1
"Doadoras de vida"	1	0	0	1
“Temos atitude tolerante”	0	0	1	1
177 kg de droga apreendidos	0	1	0	1
183 inquéritos por fraude foram abertos este ano	0	1	0	1
430 anos de JP: começa a festa	1	0	0	1
50 agentes estarão de olho	1	0	0	1
52 praias estão próprias para banho na PB	0	0	1	1
5º BPM apreende arma e munições na capital	0	1	0	1
70% de chance de cura	1	0	0	1
75% dos brasileiros são contra legalização	0	0	1	1
77 na fila para mudar de sexo	1	0	0	1
A Capital completa 432 anos	1	0	0	1

A importância de amamentar	1	0	0	1
A nova calçadinha	1	0	0	1
Acabou a folga dos estudantes	1	0	0	1
Acusada de fraudar venda de imóveis é detida em JP	0	1	0	1
Adolescente é morto a tiros na Capital	0	1	0	1
Aedes já matou 3	0	1	0	1
Aesa tem aprovação de 99% no Progestão	1	0	0	1
Agentes de viagens argentinos conhecem atrativos da Paraíba	1	0	0	1
Alimentos arrecadados serão doados à Apae	1	0	0	1
Aluno da rede estadual pode se inscrever até hoje no Pronatec	1	0	0	1
Ambulantes da Festa das Neves se revoltam com retirada de barracas	0	1	0	1
Anísio Maia é recebido por Euler	1	0	0	1
Ano Cultural é lançado nas escolas da rede estadual	1	0	0	1
Apreensão de armas e drogas	0	1	0	1
Apreensão de jovens cresce 75%, mas não reduz delitos	0	1	0	1
Armas até pela internet	0	1	0	1
Armas e rádio comunicadores são apreendidos no Valentina	0	1	0	1

Arquidiocese festeja 100 anos	1	0	0	1
Arrecadação do Centro de Convenções aumenta 38%	1	0	0	1
Asdef mantém convênios para inserção no mercado de trabalho	1	0	0	1
Assustado (festa de Ruth Avelino)	1	0	0	1
Atividades de prevenção serão intensificadas em João Pessoa	1	0	0	1
Autismo: portadores sofrem com a falta de conhecimento	1	0	0	1
Banco de leite com estoque baixo	1	0	0	1
Bancos fecham e lojas podem abrir	1	0	0	1
Bancos fecham e lojas podem abrir as portas	1	0	0	1
Bando explode caixas eletrônicos do Santander no centro da capital	0	1	0	1
Banhistas aproveitam sol e lotam as praias na Capital	1	0	0	1
Bica oferece passeios, museu, serpentário e a elefanta Lady	1	0	0	1
Biologia molecular aumenta a precisão no diagnóstico do câncer	1	0	0	1
Bombeiros atendem 222 pessoas na homenagem a padroeira de JP	1	0	0	1



Bombeiros só liberam três dos cinco conjuntos de brinquedos	1	0	0	1
Bombeiros vistoriam parques	0	0	1	1
Bombeiros vistoriam parques, hoje	0	0	1	1
Cagepa substitui esgotamento sanitário no Expedicionários	0	1	0	1
Camelôs voltam a ocupar ruas e calçadas e preocupam lojistas	0	0	1	1
Câmeras flagram mais de 500 carros em fila dupla na capital	0	0	1	1
Campanha melhora relacionamento	1	0	0	1
Capital tem opções de lazer e entretenimento no 5 de agosto	1	0	0	1
Capital terá mais uma UPA 24 horas	1	0	0	1
Capital vai ganhar 100km de ciclovias em dois anos	1	0	0	1
Caravana enche praça com crianças	1	0	0	1
Casa da Pólvora fica pronta em setembro	1	0	0	1
Casarões abandonados põem em risco população da capital	0	1	0	1
Casos da influenza reduzem 85%	1	0	0	1
Chuvas devem dar trégua	0	1	0	1
Colibris ganha novo Crei	1	0	0	1
Começa hoje a Festa das Neves	0	0	1	1

Começa hoje Semana Mundial do Aleitamento Materno na PB	1	0	0	1
Comercialização na Empasa será normal	1	0	0	1
Comércio e bancos não abrirão no feriado	1	0	0	1
Concorrência de concurso para a PM e Bombeiros é divulgada	1	0	0	1
Confira opções de lazer para curtir feriado de 5 de agosto	1	0	0	1
Construção de prédios só deve iniciar próximo ano	1	0	0	1
Corpo de Bombeiros abre inscrições para o Curso de Formação de Oficiais	1	0	0	1
Corpo de Bombeiros inscreve para minicurso de primeiros socorros	1	0	0	1
Corretores de imóveis querem manter comissão de 5% em JP	1	0	0	1
Cratera será fechada até sábado	0	1	0	1
CRM vai liberar o HU para retomar cirurgias	1	0	0	1
Desrespeito constante	0	0	1	1
Dia de festa no parque	1	0	0	1
Dia nublado também dá praia	1	0	0	1
Dupla assalta empresa, mas foge sem nada	0	1	0	1
É feriado estadual, de fato e de direito	1	0	0	1

Educação em prisões:				
Governo vai criar um plano estadual	1	0	0	1
Emplacamento das cinquentinhas ainda não tem uma data definida	0	1	0	1
Empresas subnotificam dados e escondem acidentes de trabalho	0	1	0	1
Energisa está instalando nova linha de postes na Grande JP	1	0	0	1
Equipes da Emlur realizam ação de limpeza nos cemitérios de JP	0	0	1	1
Espaços lúdicos e alegres auxiliam recuperação	1	0	0	1
Espep abre inscrições para cursos gratuitos	1	0	0	1
Esquema para atendimento na Festa das Neves	1	0	0	1
Estação da Moda inscreve para curso	1	0	0	1
Estado ajudou a criar lei no País	1	0	0	1
Estado amplia serviços de apoio para pessoas em situação de rua	1	0	0	1
Estão abertas inscrições para congressos de HIV e hepatites	0	0	1	1
Estrangeiros faturam nos sinais	1	0	0	1
Falsa corretora é presa após golpe	0	1	0	1
Famílias de sem-teto interditam avenida	0	0	1	1

Feirantes recebem orientação sobre o descarte de resíduos	1	0	0	1
Feriado terá várias opções de lazer para o pessoense	1	0	0	1
Feriado: comércio abre e trens não circulam	1	0	0	1
Fest Solidário	1	0	0	1
Festa das Neves (programação profana)	1	0	0	1
Festa das Neves começa hoje	0	0	2	2
Festa das Neves é encerrada hoje com procissão e missa na Basílica	1	0	0	1
Festa das Neves é encerrada hoje com romantismo e religiosidade	1	0	0	1
Festa das Neves II (programação religiosa)	1	0	0	1
Festa das Neves tem Cidade Negra	1	0	0	1
Festa das Neves tem Geraldo Azevedo	0	0	1	1
Festa das Neves tem início hoje	1	0	0	1
Festa das Neves tem Patati Patatá	1	0	0	1
Filas duplas atrapalham trânsito	0	0	1	1
Fingia ser vigilante para praticar assaltos e furtos	0	1	0	1
Fraudes e falsificações somam R\$ 2,5 mi em JP	0	1	0	1

Frei Anastácio sai em defesa do passe livre para estudantes	1	0	0	1
Gangue do maçarico ataca	0	1	0	1
Geração aprisionada	0	1	0	1
Geraldo Azevedo e Mamma Jazz cantam hoje	1	0	0	1
Gerentes de lojas têm previsão de boas vendas para o Dia dos Pais	1	0	0	1
Ginásio Hermes Taurino está abandonado e prejudica moradores	0	1	0	1
GOE apreende fuzil em Mandacaru	0	1	0	1
Governo do Estado inicia Semana Mundial de Aleitamento Materno	1	0	0	1
Governo lança calendário das Conferências de Juventude hoje	1	0	0	1
Grevistas fazem ato público na capital em defesa da educação	0	0	1	1
Hemocentro define calendário de coleta	1	0	0	1
Hemocentro fará nove coletas externas este mês	1	0	0	1
Hemocentro inicia campanha com a PRF	1	0	0	1
Hemocentro realiza coleta de sangue hoje na Lagoa	1	0	0	1

Hoje tem ‘bailinho’, em JP	1	0	0	1
Hospital de Trauma da capital vai adotar classificação de risco	0	0	1	1
Hospital de Trauma recebeu a visita da Defensoria Pública da Paraíba	1	0	0	1
Hospital Metropolitano deve ser concluído em dezembro	1	0	0	1
HU retoma cirurgias bariátricas	0	1	0	1
Inicia Semana do Aleitamento	1	0	0	1
Instalação de subestação de energia muda rotina na Unimed	1	0	0	1
Integrante de bando que fazia ameaças é localizado em JP	0	1	0	1
João Pessoa e Alhandra lideram ranking das chuvas no Estado	1	0	0	1
João Pessoa foi a cidade onde mais choveu este ano na Paraíba	1	0	0	1
Jovens são usados por facções	0	1	0	1
JP e CG recebem restos orgânicos	0	0	1	1
JP ganha o Teatro Pedra do Reino	1	0	0	1
JP tem serviço especializado para pessoas com deficiências	1	0	0	1

JP: bandidos assaltam turistas	0	1	0	1
Justiça libera ambulantes na praça	1	0	0	1
Justiça ouve os envolvidos com fraudes em concursos	0	1	0	1
Lançado concurso Arte Cidadã para os alunos da rede pública	1	0	0	1
‘Língua presa’ dificulta ma	1	0	0	1
Loja á arrombada no Centro da Capital	0	1	0	1
Luiz Melodia é uma das atrações da comemoração do aniversário da capital	1	0	0	1
Mães farão ‘Mamaço’ domingo	1	0	0	1
Mães querem direito de amamentar	1	0	0	1
Magistério teve reajuste de 11,32%	1	0	0	1
Mais casos em JP e Campina	0	1	0	1
Mais de 50% pretendem presentear pais/Mais de 50% pretendem presentear pais	1	0	0	1
Médicos pedem apoio a OAB contra governo	1	0	0	1
Milanez pede Secretaria de Cultura em JP	1	0	0	1
Montagem de parque de diversões causa transtornos no trânsito do centro	1	0	0	1

Morte na fila do transplante	0	1	0	1
Mostra alusiva à data começa hoje	1	0	0	1
MPF denuncia 11 envolvidos na 'Falsa Morada'	0	1	0	1
MPPB quer criar mais um órgão de defesa do consumidor em JP	1	0	0	1
MST ocupa Receita Federal	0	0	1	1
Muita música e diversão no Centro	1	0	0	1
Mulher é baleada em fuga de criminosos	0	1	0	1
MULHERES NEGRAS DEBATEM	1	0	0	1
Música e cultura popular animam o segundo dia da Festa das Neves	1	0	0	1
Na PB, 39,3% saem da pobreza	1	0	0	1
Número de mortes cai 10%	1	0	0	1
O adeus à colunista social do jornal A União, Goretti Zenaide	0	1	0	1
O adeus a Goretti Zenaide	0	1	0	1
O assalto nosso de cada dia	0	1	0	1
OAB aprova só 14% dos advogados	1	0	0	1
Oficina do Procomitês é realizada em João Pessoa	1	0	0	1



Operação combate contrabando e sonegação de impostos em JP	0	0	1	1
Operação Impacto prende mais de 50 pessoas em cinco cidades	0	0	1	1
Operação prende 12 acusados de crimes em Itabaiana e na capital	0	1	0	1
Ortotrauma faz mutirão hoje	1	0	0	1
Paraíba reforça policiamento no Rio Grande do Norte e na divisa	1	0	0	1
Parque das Acácias vai realizar missa e culto no Dia dos Pais	0	1	0	1
PB tem 25% dos médicos pedidos	1	0	0	1
PBGás conclui ERPM de S. Miguel de Taipu	1	0	0	1
PBTur divulga Destino Paraíba durante feira em Ribeirão Preto	1	0	0	1
Pedestre disputa espaço com carros na Beira-Rio	0	1	0	1
Pesquisadores avaliam estuários da PB	1	0	0	1
Pessoense garante que cidade é a melhor para se viver	1	0	0	1
Pipas deixam 300 mil casas no escuro	0	0	1	1
PM apreende armas e prende 34 suspeitos no fim de semana	0	0	1	1

PM apreende suspeitos de roubar moto em JP	0	1	0	1
PM detém 27 suspeitos de roubos e furtos na PB	0	1	0	1
PM prende assaltante	0	1	0	1
PMJP entregará três obras	1	0	0	1
Polícia apreende 2 armas e 107 pedras de crack em JP	0	1	0	1
Polícia apreende armas em 5 cidades	0	1	0	1
Polícia Civil apreende 17 quilos de maconha durante operação na capital	0	0	1	1
Polícia Civil registra dois assassinatos na Grande JP	0	1	0	1
Polícia desarticula esquema de roubo e adulteração de veículos	0	1	0	1
Polícia incinera 3 toneladas de drogas apreendidas na capital	0	0	1	1
Polícia Militar apreende maconha e crack em JP	0	1	0	1
Polícia Militar prende 51 pessoas	0	0	1	1
Polícia queima 3t de drogas	0	0	1	1
Ponto dos engraxates sofre com descaso	0	0	1	1
População elege presentes para JP	0	0	1	1
Preço do perfume importado varia em até 105,49%	1	0	0	1
Prefeitos querem prorrogar prazo	0	1	0	1

Prefeitura entrega				
Academia de Saúde no bairro Ernani Sátiro	1	0	0	1
Prêmio ODM prorroga inscrições	1	0	0	1
Prevenir a dengue sai caro	0	0	1	1
PRF: fluxo aumenta no final da tarde	1	0	0	1
Procon constata variação de até 38% nos preços de ferramentas	1	0	0	1
Professores podem se inscrever até o dia 22	1	0	0	1
Programação profana começa hoje	1	0	0	1
Projeto prevê assistência a morador de rua de JP	1	0	0	1
Prorrogadas inscrições para alunos de Direito	1	0	0	1
Quatro vão para cadeia por ordem da Justiça	0	0	1	1
Reajuste dos combustíveis torna uso do GNV opção mais atrativa	1	0	0	1
Refém em sua própria casa	0	1	0	1
Relatório aponta redução de 90% nos casos de arboviroses	0	0	1	1
Remontando a tragédia	0	1	0	1
Repasse de manutenção	1	0	0	1
Ressarcimento por danos	0	1	0	1
Risco dos assaltos em paradas	0	1	0	1

Sarampo: PB já tem 106 suspeitas	0	0	1	1
Secretaria comemora o Dia do Agricultor	1	0	0	1
Secretaria de Educação orienta pais de alunos sobre intercâmbio internacional	1	0	0	1
Sedh e Senac promovem curso de Assistente de Pessoal em JP	1	0	0	1
Segurança na orla da capital	1	0	0	1
Seis homens são detidos após troca de tiros com a polícia	0	1	0	1
Sem o nome do pai	1	0	0	1
Sem-teto protestam e fecham avenida no Centro da Capital/ Prédio está ocupado há 4 meses	0	0	1	1
Semob bloqueia trânsito em 10 pontos	1	0	0	1
Senac tem mais de mil vagas abertas em cursos na capital	1	0	0	1
Servidores do HU suspendem paralisação até próximo dia 10	0	1	0	1
Show de Sidney Magal	1	0	0	1
Síndrome do pânico pode atacar qualquer pessoa	0	1	0	1
Sine-JP oferta 115 vagas de emprego	1	0	0	1
Sofrendo em silêncio	0	1	0	1
Sudema classifica 45 praias como próprias	0	0	1	1

Supermercados e shoppings abrem	1	0	0	1
Trabalhadores do MST ocupam Ministério da Fazenda na capital	0	0	1	1
Tradição familiar permanece	1	0	0	1
Transporte e trânsito têm esquema especial	1	0	0	1
Tratamento gratuito contra o vício nos Cais e Caps	0	0	1	1
Trauma realiza trabalho de identificação de pacientes	0	0	1	1
Trauma só recebe com aviso prévio	0	0	1	1
Trens funcionam normalmente	1	0	0	1
Três presos por clonagem	0	1	0	1
Trevo de Mangabeira: DER pede remanejamento de redes de serviço	1	0	0	1
Trio acusado de roubar casa é preso na capital	1	0	0	1
UFPB tem 748 vagas em 69 cursos	1	0	0	1
Unidade da Ambev da capital diminui atividades demitindo	0	1	0	1
Usuários reclamam de paradas sem abrigo	0	0	1	1
Vacina não chega aos postos de JP	0	1	0	1
Vereador cria Ouvidoria Popular	1	0	0	1
Vereadores visitam a Câmara de João Pessoa	1	0	0	1

Vítima de bala perdida não resiste	0	1	0	1
Zeinho Botafogo cobra biblioteca municipal	1	0	0	1
Total	150	63	41	254

Fonte: NASCIMENTO, Flávia, 2019.